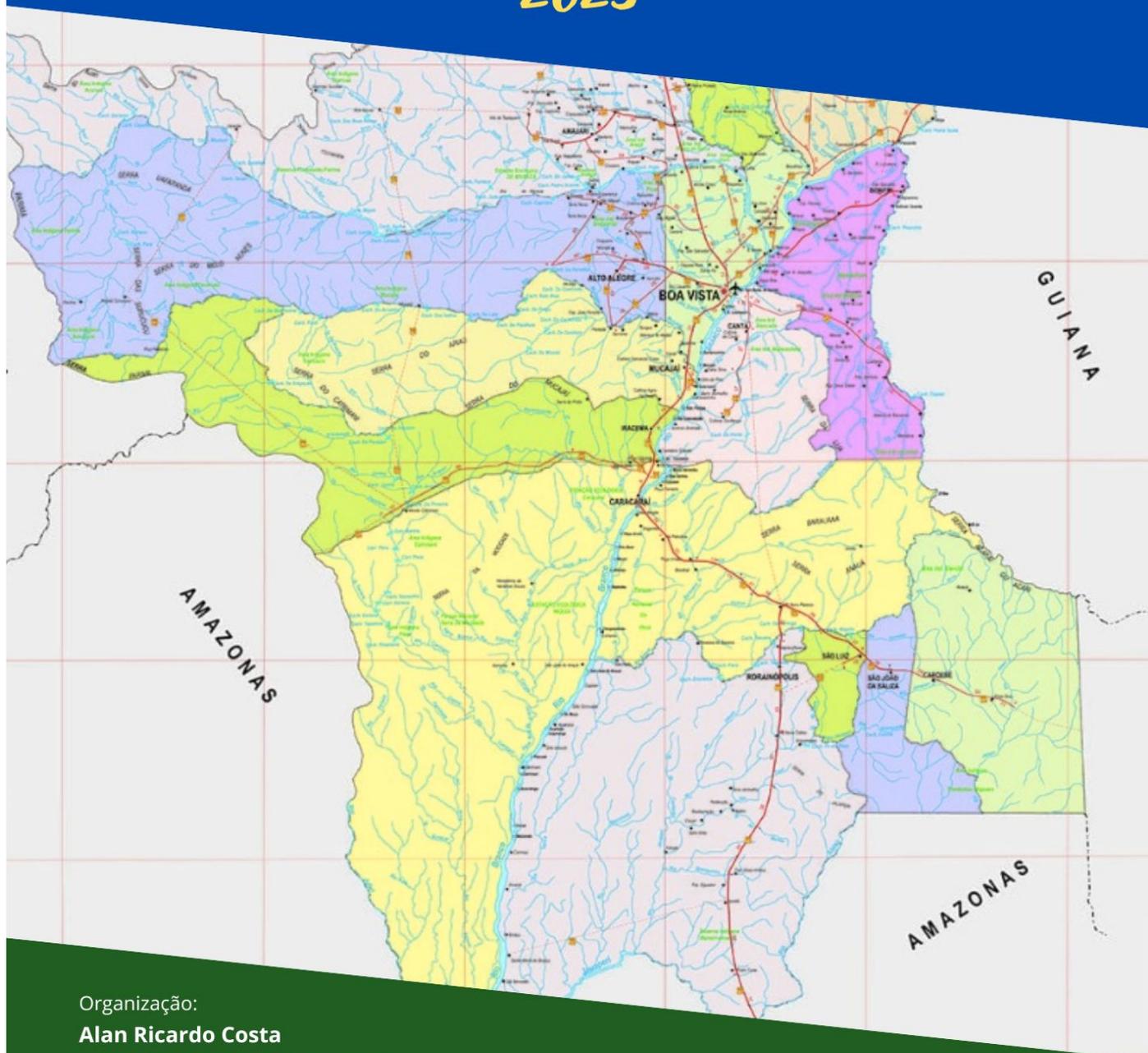


II JORNADA DE LINGUÍSTICA APLICADA EM RORAIMA (JOLARR)

CADERNO DE RESUMOS 2023



Organização:

Alan Ricardo Costa

Antonio Lisboa S. Silva Júnior

Cora E. Gonzalo Zambrano

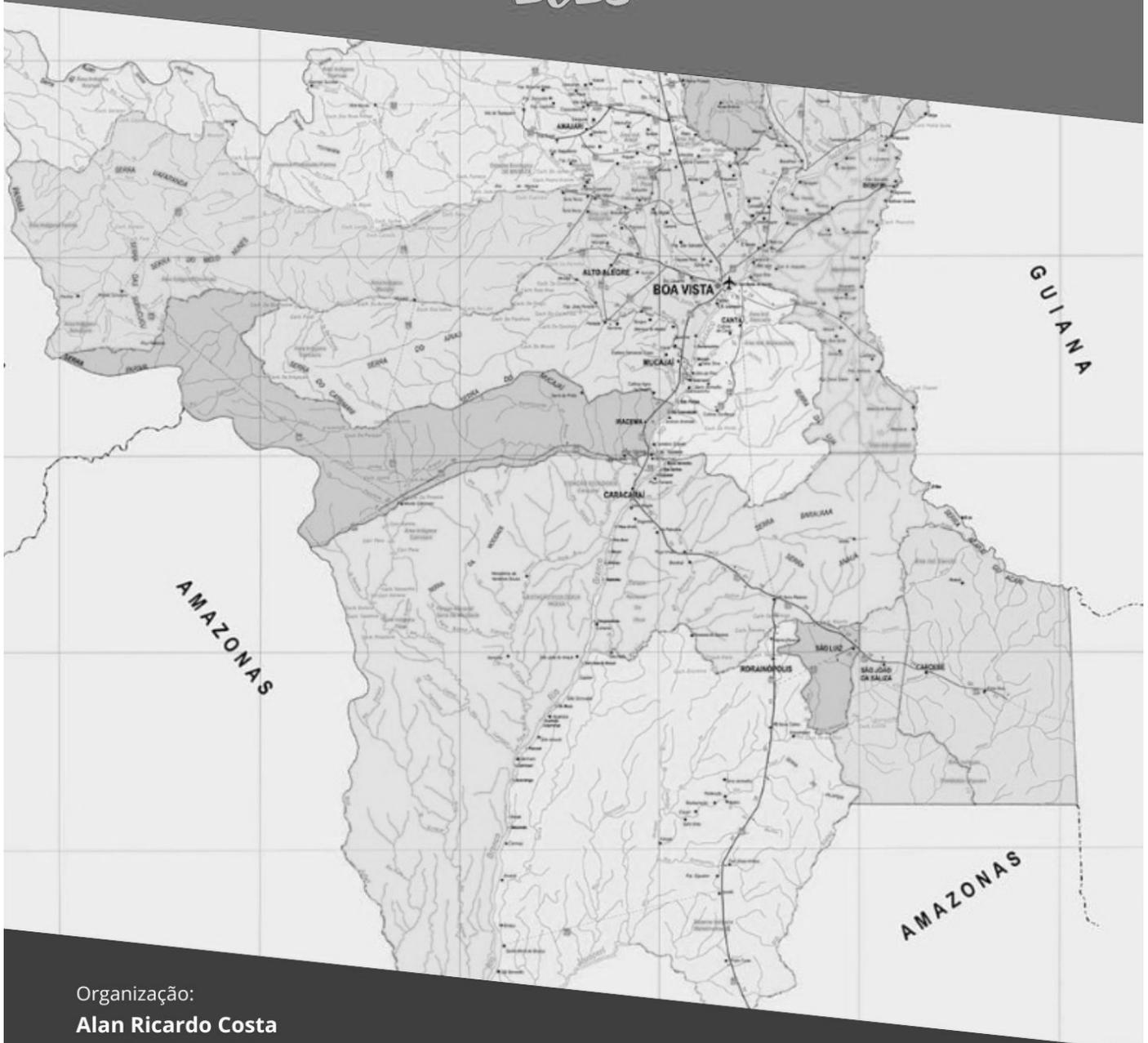
Fernanda Talita Felício Teixeira

Marcus Vinícius da Silva



II JORNADA DE LINGUÍSTICA APLICADA EM RORAIMA (JOLARR)

CADERNO DE RESUMOS
2023



Organização:

Alan Ricardo Costa

Antonio Lisboa S. Silva Júnior

Cora E. Gonzalo Zambrano

Fernanda Talita Felício Teixeira

Marcus Vinícius da Silva



Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

S456 II Jornada de Linguística Aplicada em Roraima (JOLARR): caderno de resumos 2023 / organizadores: Alan Ricardo Costa... [et. al.] ; Universidade Federal de Roraima, Universidade Estadual de Roraima, Curso de Letras, Colégio de Aplicação. – Boa Vista : Edição do autor, 2023.

93 p.

Inclui bibliografia.

Vários autores.

ISBN:

1 – Educação superior. 2 – Linguística aplicada. 3 – Ensino-aprendizagem. 4 – Formação de professores. 5 – Práticas de ensino. I – Título. II – Costa, Alan Ricardo. III – Universidade Federal de Roraima. Curso de Letras. IV – Colégio de Aplicação. V – Universidade Estadual de Roraima.

CDU – 801(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:

Shirdoill Batalha de Souza - CRB-11/573-AM

ORGANIZAÇÃO DO EVENTO:

Instituições:

- Universidade Estadual de Roraima (UERR)
- Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Coordenação geral:

- Prof. Dr. Alan Ricardo Costa (PPGL-UFRR)
- Profa. Me. Ancelma Barbosa Pereira (UFRR)
- Prof. Me. Antonio Lisboa Santos Silva Júnior (CAp/UFRR)
- Profa. Dra. Cora Elena Gonzalo Zambrano (UERR)
- Prof. Me. Marcus Vinícius da Silva (CAp/UFRR)

Comitê científico:

- Profa. Me. Fernanda Sousa Lima (UERR)
- Profa. Dra. Vanessa Ribas Fialho (UFMS)
- Prof. Dr. Antonio Ferreira da Silva Júnior (PPGLEN-UFRR)
- Prof. Dr. André Firpo Beviláqua (UFMS)
- Prof. Me. Gabriel Marchetto (IFPA)
- Prof. Me. Peterson Luiz Oliveira da Silva (Fametro)
- Profa. Dra. Elenize Cristina Oliveira da Silva (UFRR)

Monitores:

- Acad. André Luiz Costa de Souza (UFRR)
- Acad. Rafael J. Sanguino (UFRR)
- Acad. Fernanda Talita Felício Teixeira (UFRR)
- Acad. Thárin Radin (UFRR)

PROMOVEM ESTE EVENTO:

- Coordenação dos Cursos de licenciatura em Letras (CCL) da Universidade Federal de Roraima (UFRR).
- Coordenação dos Cursos de Letras (CCL) da Universidade Estadual de Roraima (UERR).
- Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal de Roraima (UFRR).
- Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Roraima (UFRR).
- Laboratório *Imprimatur* (Labim), Universidade Federal de Roraima (UFRR).
- Grupo de pesquisa Português como Língua Adicional em Roraima (UERR/CNPq).
- GITEA: Grupo de Investigações sobre Tecnologias, Ensino e Aprendizagem (UFSM/CNPq).
- Núcleo de Línguas - Idiomas sem Fronteiras (NuLi-IsF), Universidade Federal de Roraima (UFRR).

APRESENTAÇÃO:

É com satisfação que apresentamos os anais dos trabalhos da II Jornada de Linguística Aplicada em Roraima (JoLARR). O evento tem o objetivo de incentivar a interlocução e o compartilhamento de saberes entre pesquisadores vinculados à área de Linguística Aplicada (LA) em um estado localizado no extremo norte do Brasil, com grande campo de atuação nas pesquisas em LA.

A iniciativa de um grupo de professores abriu uma nova pauta na agenda acadêmica do estado, mostrando a importância deste espaço específico para o fortalecimento das pesquisas científicas em LA. Consolida-se assim, um evento para fomentar o diálogo entre pesquisadores de todos os níveis, da graduação à pós-graduação, de diversas instituições, com temas considerados emergentes para a LA contemporânea.

Os trabalhos aqui apresentados lançam mão das características mais marcantes da Linguística Aplicada: transgressividade, hibridez e transdisciplinaridade. As pesquisas nos levam a refletir sobre as linguagens como prática social, com discussões sobre língua(gem) em contexto de surdez, de migração, de fronteira e indígena; os processos de ensino e aprendizagem de inglês, espanhol, português e Libras são problematizados nesses cenários. A formação de professores de línguas também tem um destaque importante nas pesquisas, bem como os letramentos, as políticas linguísticas e o ensino de línguas mediado por tecnologias.

Nesta edição, a JoLARR foi sediada pela UERR, com organização de docentes do Curso de Letras da UFRR, do Colégio de Aplicação (CAp), e do Curso de Letras da UERR, uma parceria que tem estreitado os laços e fortalecido a área de LA em Roraima. As sessões de comunicação oral do segundo dia de evento foram realizadas na modalidade on-line, com o objetivo de incentivar maior participação, fato que teve um resultado positivo, como a apresentação de trabalhos de pesquisadores de outros estados e a mediação de docentes de IES de outras regiões, como a UFSM, a UFRJ e o IFPA.

Com a sensação de dever cumprido e já pensando na próxima edição, agradecemos a todos os participantes e colaboradores do nosso evento, pois sem o empenho de uma grande equipe não é possível fazer acontecer uma jornada acadêmica. Obrigada aos docentes e discentes envolvidos na organização, aos apresentadores de trabalhos, aos ouvintes e a todos os que, de alguma forma, contribuíram para o êxito da JoLARR.



Profa. Dra. Cora Elena Gonzalo Zambrano

Universidade Estadual de Roraima

PPGL/UFRR

PROGRAMAÇÃO:

Segunda-feira, 30 de outubro

15h30min Credenciamento.

16h Comunicações orais presenciais.

GT 1: Formação docente e práticas de ensino.

GT 2: Problemas e desafios em Linguística Aplicada.

18h Coffe-break.

19h Mesa de abertura: "Trabalhos em Linguística Aplicada na educação com surdos". Com: Prof. Me. Antonio Lisboa Santos Silva Júnior (UFRR/CAp) e Prof. Mestrando João Batista Marcelino dos Santos (PPGL-UFRR; SMEC-BV).
Mediação: Camila S. Nogueira (UFRR).

Terça-feira, 31 de outubro

14h Comunicações orais on-line.

GT 1: Ensino de Espanhol em diferentes contextos educacionais.

GT 2: Linguística Aplicada e interseccionalidade.

16h Comunicações orais on-line.

GT 1: Português como Língua Adicional (PLA).

GT 2: Tecnologias e *Computer Assisted Language Learning* (CALL).

18h30min Intervalo.

19h Mesa de encerramento: "Português como Língua de Acolhimento para indígenas no Ensino Superior". Com: Profa. Me. Danielle da Silva Trindade (Insikiran/UFRR) e profa. Dra. Zoraide dos Anjos (Insikiran/UFRR). Mediação: Profa. Dra. Ananda Machado (PPGL-UFRR).

21h Encerramento do evento.

SUMÁRIO:

Apresentação.....	6
Programação.....	7
Resumos expandidos.....	9

O CENÁRIO EDUCACIONAL RORAIMENSE EM TEMPOS DE MIGRAÇÃO: ENSINO/ACOLHIMENTO EM UMA PERSPECTIVA HÍBRIDA, TRANSLINGUE E TRANSCULTURAL

EL PAISAJE EDUCATIVO DE RORAIMA EN TIEMPOS DE MIGRACIÓN: ENSEÑANZA/ACOGIDA DESDE UNA PERSPECTIVA HÍBRIDA, TRANSLINGÜE Y TRANSCULTURAL

Raimundo Nonato Régis Neto (UERR)

rn.regis.neto@gmail.com

Orientação: Cora Elena Gonzalo Zambrano (UERR)

cora.gonzalo@uerr.edu.br

1. Introdução

Nos últimos anos, a demanda de imigração para o Estado de Roraima tomou proporções nunca experienciadas e o ensino público viu-se obrigado a absorver abruptamente uma clientela diversificada, ao que tange historicidades, culturas, línguas e identidades. Como este público, especialmente o hispânico, advindos do país vizinho, Venezuela, vem sendo inseridos nos bancos escolares de nosso Estado? Para analisarmos como vem ocorrendo este acolhimento linguístico e cultural, recorreremos à pesquisa de campo, utilizando a Escola Estadual Cívico-Militar Fagundes Varela como um “recorte socioeducacional”, para assim, refletir sobre os processos, conceitos e práticas que podem contribuir de forma significativa para a inserção dos alunos migrantes no sistema educacional local. Assim, os objetivos desta pesquisa são: analisar como ocorrem as aulas de línguas na referida escola, verificar se a estrutura organizacional está planejada para acolher a diversidade; bem como descrever a relação interpessoal entre os atores das práticas de ensino-aprendizagem; neste percurso, buscaremos identificar a existência (científica ou empírica) de práticas híbridas, translíngues e transculturais em relação aos processos interativos entre todos os envolvidos na práxis pedagógica ou se ainda imperam os moldes colonizadores, promovendo ainda o monolinguismo no cotidiano de ensino.

2. Perspectiva teórica

Conceitos como o hibridismo, translanguagem e transculturalidade ainda são relativamente novos para muitos docentes; contudo, sua prática é desenvolvida desde sempre, mesmo em caráter empírico, por todos que reconhecem a língua como um sistema aberto e fator preponderante para os processos interacionais. Rocha e Megale (2021) apontam a importância, a necessidade e a urgência de práticas translíngues no contexto escolar, que podem favorecer um processo de ensino-aprendizagem acolhedor, transformador e equitativo.

Garcia (2009) e Canagarajah (2013) conceituam a translanguagem como práticas de linguagens criativas próprias de sujeitos bilíngues, que utilizam seus repertórios linguísticos para atribuírem sentido a seus mundos, demonstrando suas capacidades de usar de processos dinâmicos e maleáveis nos mais diversos contextos interacionais. Blackledge e Creese (2017) já haviam defendido tal visão sobre translanguagem, embasados em pesquisas/pesquisadores anteriores, quando apresentaram o seguinte conceito:

A translinguagem refere-se a práticas comunicativas nas quais as pessoas se engajam conforme elas colocam em contato diferentes biografias, histórias e experiências linguísticas. A translinguagem tem o potencial de ser transformativa e criativa, uma vez que ela transcende a diferença aparente, permitindo que as pessoas se comuniquem com quaisquer recursos disponíveis a elas, em vez de restringi-las a limites prescritos. A translinguagem, portanto, possui uma dimensão espacial, na medida em que ela se realiza em um “espaço translíngue” (Wei, 2011), ou em uma “zona translíngue” (Blackledge, Creese & Hu, 2016). A translinguagem também apresenta uma dimensão ideológica, na medida em que ela se mostra contingente em meio a atitudes locais e a crenças perante a prática comunicativa. (Blackledge e Creese, 2017, p. 250)

Língua e cultura se entrecruzam e se complementam, evidenciando a importância do (re)conhecimento da educação transcultural para o ensino contemporâneo, abordagem esta que contribui para o reconhecimento do outro, que rompe com paradigmas socioculturais e quebra barreiras nas relações, saindo do mito da homogeneização ainda latentes nas salas de aula. Para Santiago (2013),

Em uma abordagem transcultural de educação, as culturas não são ciclos envolvendo estudantes ou professores, mas são espaços entre os quais os atores escolares circulam, trocam, mexem reelaboram, e dão sentido às suas experiências. Estar na escola, aprender e ensinar são processos que, por definição, constituem um permanente cruzamento de fronteiras culturais. O que leva, inevitavelmente, às transgressões e transformações do sujeito. (p. 167-168)

A transculturalidade atrela-se ao conceito de translinguagem, ao concebermos a ideia de que o afixo “trans”, considerado por muitos apenas como um “modismo”, representa um romper de fronteiras, um “além de” (Leroy, 2020), uma integração de diferenças, uma adição de elementos, uma visão que vai “além de barreiras, sejam estas sociais, ideológicas, políticas, geográficas, construindo – ou reconstruindo – o sentido de seus mundos” (Santos, 2017). O conceito “trans” é vigente e necessário para o emergente levante contra o imperialismo colonizador que busca se perpetuar nas instituições, castigando, marginalizando minorias, neutralizando culturas superdiversas e identidades outras.

Em relação ao hibridismo, este pode ser conceituado como a criação de uma “nova forma”, a partir de duas formas já existentes, o que poderia (e deveria) gerar um “novo ser”, com qualidades de cada um dos tipos “originários”. Esta é a base para entendermos o hibridismo linguístico e cultural: a mesclagem, a mistura, o entrecruzar de línguas e culturas diversas.

3. Perspectiva metodológica

Para desenvolver a análise quanto a realidade de inserção de alunos imigrantes nos espaços escolares, recorreremos à pesquisa de campo, utilizando a Escola Estadual Cívico-Militar Fagundes Varela, como um recorte “socioeducacional”, com base nas pesquisas bibliográficas relativas aos temas de translinguagem, transculturalidade e hibridismo previamente levantadas. Assim, a pesquisa foi dividida nas seguintes etapas: imersão ao campo através da observação;

levantamento documental junto à secretaria escolar para conhecer o número de alunos imigrantes matriculados na unidade de ensino e como ocorre o processo de ingresso na instituição, comum a todas as escolas do Estado; aplicação de um questionário qualitativo aos professores de línguas da instituição, para identificar seus conhecimentos quanto aos conceitos que viabilizam a real integração do aluno em contextos de ensino superdiversos. A análise de dados ocorrerá de forma qualitativa e descritiva, com bases no diagnóstico realizado por meio da observação e das informações extraídas do questionário.

4. Resultados e discussões

Por meio da observação do espaço e da recepção ofertadas aos alunos em situação de migração, foi possível investigar o procedimento adotado pela escola para inserir estes estudantes no contexto educacional. Com a confecção de um mural que ressalta a diversidade linguístico-cultural, instigamos as práticas “trans” e o hibridismo dentro da escola. Embora tenhamos apenas resultados parciais, por estar em processo de análise, podemos destacar que os conceitos que favorecem a translanguagem e a transculturalidade já vêm sendo utilizado em salas de aula, muito de forma empírica e que a posse destes conhecimentos pode favorecer e facilitar o acesso e progressão no processo ensino e aprendizagem.

5. Considerações finais

As considerações finais serão desenvolvidas após a conclusão da análise dos dados, que se encontram em construção.

Referências

- BLACKLEDGE, A. & CREESE, A. (2017). Translanguaging and the body. *International Journal of Multilingualism*, 14(3), 250-268. <DOI: <https://doi.org/10.1080/14790718.2017.1315809>>.
- CANAGARAJAH, S. *Translingual practice: global englishes and cosmopolitan relations*. London/New York: Routledge, 2013.
- CARUSO, Elisa. Hibridismo linguístico na produção científica: um estudo de caso num centro de investigação da Universidade do Algarve. *Revista da Universidade de Aveiro*, n. 8 (II. série) 2019.
- GARCIA, O. *Bilingualism and Education*. In: GARCIA, O. (org.) *Bilingual Education in the 21st Century – a global perspective*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.
- NEIVA, Ricardo; ALONSO, Luiza; FERNEDA, Edílson. *Transculturalidade e Tecnologias da Informação e Comunicação*. Universidade Católica de Brasília. V. 5, Nº 2. Dezembro, 2007.
- ROCHA, Cláudia Hilsdorf; MEGALE, Antonieta Heyden. *Translanguagem e seus atravessamentos: dos entendimentos conceituais e das possibilidades para decolonizar a educação linguística contemporânea*. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1678-460x202151788> . Postado em 03/08/2021.
- SANTIAGO, Mylene Cristina; *et al.* *Educação intercultural: desafios e possibilidades*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MIGRAÇÃO E EDUCAÇÃO SUPERIOR EM RORAIMA: POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E EDUCACIONAIS PARA ALÉM DO ACESSO

MIGRACIÓN Y EDUCACIÓN SUPERIOR EN RORAIMA: POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS Y EDUCATIVAS MÁS ALLÁ DEL ACCESO

Cora Elena Gonzalo Zambrano¹ (UERR-PPGL/UFRR)

cora.gonzalo@uerr.edu.br

Marcus Vinícius da Silva² (CAp/UFRR)

marcus.silva@ufrr.br

1. Introdução

A Educação Básica é um direito fundamental previsto na Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205º. No mesmo sentido, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/1996) e o Plano Nacional de Educação (2014-2024) garantem aos migrantes internacionais os mesmos direitos que os sujeitos nacionais. No entanto, na legislação brasileira, não há obrigatoriedade de oferta e matrícula de educação em Nível Superior, portanto, é opcional tanto para brasileiros quanto para migrantes internacionais.

Analisando o acesso às universidades, a participação dos migrantes prestando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) teve uma tendência crescente entre 2013 e 2016, mas houve declínio no período 2016 a 2019 (OBmigra, 2020). Já as matrículas de migrantes nas Instituições de Ensino Superior (IES) tiveram crescimento contínuo, passando de 16.695 em 2010 a 23.216 em 2018, o que significou um aumento de 30% (OBmigra, 2020).

Nos últimos anos, algumas universidades passaram a destinar políticas afirmativas para refugiados e portadores de visto humanitário com processos seletivos específicos para esse público, consideradas políticas educacionais importantes para o acesso à Educação Superior. Entretanto, as ações afirmativas são paliativas e não conseguem resolver as desigualdades sociais. É necessária uma maior mobilização das IES públicas para o desenvolvimento de políticas que garantam mais acesso, como também a permanência dos sujeitos em igualdade de condições (Rocha, Azevedo e Medes, 2021). Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de investigar como as universidades públicas roraimenses têm trabalhado o acolhimento linguístico como política linguística e educacional de acesso e permanência de migrantes.

2. Perspectiva teórica

No âmbito da educação superior, as ações específicas para o acesso de migrantes ao ensino público se dão por meio de processos seletivos diferenciados, regulamentados de acordo

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Associada no curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima (UERR).

² Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Araraquara). Professor de Língua Portuguesa e Língua Espanhola do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp/UFRR).

com critérios definidos pelas Instituições Públicas de Ensino Superior, dentro da autonomia didático-científica e administrativa de cada universidade.

Rocha, Azevedo e Medes (2021) argumentam que há muitas IES com ações afirmativas para migrantes e as formas de ingresso variam em cada uma, algumas com editais específicos que exigem provas objetivas e/ou redação, outras solicitam carta de intenção ou usam a nota do ENEM. Os pesquisadores destacam que o estágio atual é de início da democratização para o acesso do público migrante às universidades e que as experiências precisam ser constantemente analisadas. Uma crítica aos processos seletivos específicos é a necessidade de acessibilidade linguística, tanto para o ingresso quanto para a permanência dos migrantes nas universidades.

O que Rocha, Azevedo e Medes (2021) chamam de acessibilidade linguística, nós definimos como aqui neste texto como ações de políticas linguísticas, tendo em vista que, conforme aponta Maher (2013), as políticas linguísticas são intervenções que afetam a maneira como as línguas são utilizadas e transmitidas. Em contexto de migração, apesar de alguns avanços nas políticas linguísticas brasileiras, ainda são necessárias muitas ações que garantam os direitos linguísticos dos sujeitos cuja língua materna não é o português.

De acordo com Gonçalves (2019, p. 203), alguns documentos de políticas educacionais como os processos seletivos específicos para migrantes e refugiados demonstram “a tensão entre a promoção da língua portuguesa como meio de acesso ao direito à educação superior e a exigência da língua portuguesa para ingresso e permanência na Universidade”.

Zambrano (2021) destaca que, no processo seletivo diferenciado oferecido pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), a aprendizagem de português torna-se uma obrigação, pelo fato de a proficiência em língua portuguesa ser avaliada como ponto de eliminação entre os concorrentes. Tal processo pode excluir pessoas interessadas em cursar o ensino superior ao limitar o direito linguístico de valorização de outras línguas.

3. Perspectiva metodológica

Para o estudo, fizemos uso da abordagem qualitativa (Denzin; Lincoln, 2010), com pesquisa bibliográfica e documental. Analisamos documentos como: portarias, editais e projetos de extensão.

4. Resultados e discussões

A Universidade Estadual de Roraima ainda não implementou processos seletivos específicos para ingresso de migrantes, porém desenvolve vários projetos de pesquisa e de extensão que podem ser considerados ações de políticas linguísticas e educacionais, não limitando-se ao ensino de língua portuguesa, isto é, ações que valorizam as línguas de migração.

A Universidade Federal de Roraima implementou uma importante ação de política educacional, o Programa de Acesso à Educação Superior para solicitantes de refúgio, refugiados e migrantes em situação de vulnerabilidade. Foram destinadas vagas remanescentes de processos seletivos de segunda graduação e transferência da UFRR³. Como fica claro no artigo 5º

³ Em 2019 foram lançados dois editais; o segundo foi cancelado pela Justiça Federal de Roraima, que determinou a suspensão do processo, por meio de uma ação promovida pelo Ministério Público Federal.

da resolução do programa de ingresso, a capacidade de comunicação em língua portuguesa é um dos requisitos para o ingresso dos migrantes à UFRR, que deve ser auferida por meio de uma redação. Assim, a proficiência em língua portuguesa é um ponto eliminatório do processo, uma política linguística explícita nos moldes do Estado-Nação.

A resolução define também que os acadêmicos que ingressem por meio desse processo seletivo devem cursar disciplina de português instrumental (ou equivalente), por no mínimo um semestre. Nesse quesito, Adona (2022) ressalta que os discentes que entraram em 2019 não conseguiram cumprir tal requisito. A autora afirma ainda que apenas a oferta de vagas específicas não é o suficiente, faz-se necessário o desenvolvimento de ações que garantam a permanência e o acolhimento.

5. Considerações finais

Verificamos que as IES de Roraima promovem políticas linguísticas educacionais para o público migrante, entretanto, ainda devem ser ampliadas e melhoradas no sentido de garantir o acesso e a permanência dessas pessoas nas universidades. Devem ser ações em perspectiva plurilingue, de modo a respeitar os direitos linguísticos de todos, ao mesmo tempo em que oferecem o direito de aprendizagem da língua de instrução, a língua portuguesa, sem que isso seja uma obrigação nem um critério eliminatório.

Referências

- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; MACEDO, M. Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Org.) O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GONÇALVES, J. S. S. Direitos linguísticos e políticas linguísticas no Brasil: uma análise de processos seletivos para acesso à universidade pública por migrantes forçados. Línguas e instrumentos linguísticos, nº 43, p. 192-2016, jan-jun 2019.
- ROCHA, S. R. P.; AZEVEDO, R. S.; MENDES, G. M. L. Educação Superior para Refugiados: uma análise dos procedimentos de ingresso nas universidades brasileiras vinculadas à Cátedra Sérgio Vieira de Mello. Revista Iberoamericana de Educación, vol. 88 núm. 1, pp. 147-162, 2021.
- ZAMBRANO, C. E. G. 2021. Acolher entre línguas: representações linguísticas em políticas de acolhimento para migrantes venezuelanos em Roraima. Belo Horizonte, MG. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 226 p.

“DISMINUYENDO FRONTERAS”: ESPANHOL COM FINS ESPECIFICOS NAS SECRETARIAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

“DISMINUYENDO LAS FRONTERAS”: ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS EN LAS SECRETARÍAS DE POSGRADO

Romina Leonor Toranzos⁴ (PG-UEL)

rominaleonortoranzos@gmail.com

Valdirene Zorzo-Veloso⁵ (UEL)

valdirene@uel.br

1. Introdução

Este trabalho apresenta alguns aspectos referentes ao *“Curso de espanhol para Funcionários da Secretaria de Pós-graduação da UEL”* desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina - UEL, no Centro de Letras e Ciências Humanas, como parte do Estágio Supervisionado em Língua Espanhola IV, sob orientação da Professora Doutora Valdirene Filomena Zorzo-Veloso. O curso teve como objetivo geral proporcionar a aquisição de competências linguísticas (oral, auditiva, escrita e leitora), bem como as competências interativas e discursivas em língua espanhola, em um nível inicial, com vista a melhorar o desempenho profissional dos participantes. Pretendemos, neste trabalho apresentar os principais desafios na construção dos materiais didáticos utilizados no curso (ZORZO-VELOSO, 2018), levando em consideração que se tratou de um curso com fins específicos, para um grupo de funcionários da universidade que atuam nas secretarias que atendem os diversos cursos de pós-graduação da universidade e, assim, recebem estudantes estrangeiros, em sua grande maioria hispânicos.

2. Perspectiva teórica

Entendemos a prática docente supervisionada como um espaço que permite aos estudantes vivenciar aqueles conteúdos teóricos estudados na sala de aula como fundamentais para a formação integral. Ainda, trata-se de uma oportunidade para desenvolver habilidades relevantes e conhecer a realidade sociocultural, graças ao contato com a comunidade, entre eles os funcionários e estudantes (LIMA; SILVA; SOUZA, 2023, p. 94).

A análise das necessidades (AGUIRRE, 2012) é a ferramenta que nos permite articular o processo de personalização de qualquer programa educacional e seu objetivo é identificar os diferentes tipos de necessidades que apresentam os estudantes para conseguir adequar os objetivos, conteúdos, procedimentos metodológicos, materiais, atividades e procedimentos de avaliação que compõem o processo de ensino-aprendizagem. Entre as fases ou etapas (AGUIRRE, 2012, p.96) que como professores devemos contornar, sabemos que a busca de informação é crucial para conhecer com profundidade a realidade em que agimos. Por este motivo, entre as ações que podem ser realizadas, sabemos que o professor pode colocar uma série de perguntas

⁴ Professora de Espanhol no Ensino Fundamental II. E-mail: rominaleonortoranzos@gmail.com

⁵ Professora Associada da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: valdirene@uel.br

para investigar as necessidades dos alunos (pode ser por pesquisas, entrevistas ou observações), e elas podem ser feitas em classe, em linha, em grupo, individualmente. No nosso caso, muitas das questões foram discutidas com a professora Valdirene, com base no que ela já tinha observado anteriormente em sua experiência como docente e na coordenação na pós-graduação, e outras necessidades foram levantadas com base na minha própria experiência como estudante estrangeira, recém-chegada ao Brasil. Neste contexto e para complementar, foram considerados aspectos declarados por outros estudantes estrangeiros, sobre suas necessidades de chegada ao país. Tudo isso, tentando apontar algumas ideias e aprimorar as atividades com língua espanhola, pensando sobretudo no acolhimento que os funcionários da UEL dão aos estudantes estrangeiros.

Assim, o uso do espanhol em situações de comunicação foi um aspecto fundamental a considerar, pois tivemos que focar nas seguintes perguntas: Onde você vai interagir, com quem você vai usar a língua? Quando o espanhol será utilizado e quais as possíveis situações de comunicação? Deste modo, propusemos atividades que pensassem “consignas” (ZORZO-VELOSO; SEGUÍ; DOMÍNGUEZ, 2019) desde uma abordagem comunicativa, simulando (SABATER, 2012) os encontros com estudantes dentro da secretaria, pedidos de indicações para localização, pedidos de ajuda para a entrada no site web do programa de pós-graduação, a fim de realizar as primeiras formalidades como estudantes de pós-graduação. Estes foram os principais aspectos que tivemos em conta para iniciar o nosso processo de planejamento das aulas, pois sabemos que “conhecer o alunado e o contexto de ensino e aprendizagem é fundamental para a seleção do LD” (ZORZO-VELOSO, 2018).

3. Perspectiva metodológica

Este trabalho é um relato de experiência que segue a abordagem de pesquisa qualitativa. Procuramos refletir sobre as ações implementadas no curso e todo o acontecido ao longo dos meses que durou o estágio. Para isso, temos como base os planos de aulas com as diversas atividades que foram desenvolvidas, junto ao programa do curso e os diários de aula.

4. Considerações finais

A leitura do caminho percorrido ao longo do curso, permite observar a existência de uma negociação constante, sabendo, desde o início, que o programa seria montado apenas provisoriamente, e então estaria aberto às necessidades expressas pelos próprios estudantes. Entre as metas cumpridas, observamos que os estudantes conseguiram dominar o vocabulário mínimo relacionado à sua área de trabalho, além de despertar o interesse em domínios não previstos no início do curso (aspectos relacionados com choques culturais e com o mundo culinário). Por outro lado, o papel ativo dos estudantes se evidenciou em cada classe, especialmente porque foram solicitando a abordagem de certas questões ligadas a problemáticas ou preocupações específicas que nós não tínhamos pensado anteriormente, como no caso das indicações para solicitar certos certificados e a "carteirinha" de transporte, por citar alguns.

Referências

AGUIRRE BELTRÁN, Blanca. Aprendizaje y enseñanza de español con fines específicos, Madrid, SGEL, 2012.

LIMA, Luciane Pereira de; SILVA, Rickison Cristiano de Araújo; SOUZA, Fábio Márquez de. Estágio supervisionado remoto de língua espanhola em tempos de pandemia: desafios e contribuições para a formação docente. *Open Minds International Journal*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 91–107, 2023.

DOI: 10.47180/omij.v4i1.200. Disponível em:

<https://www.openmindsjournal.com/openminds/article/view/200>. Acesso em: 29 set. 2023

SABATER, M. L. (2012). La simulación de casos, una actividad útil y eficaz en las clases de Español Para Uso Profesional. Disponível em:

https://cvc.cervantes.es/Ensenanza/biblioteca_ele/ciefe/pdf/04/cvc_ciefe_04_0013.pdf.

Acesso em: 15 jun. 2023.

ZORZO-VELOSO, V. Material didático: autonomia no processo de seleção e de adoção. In: FERREIRA, C. C. (org.) *Vademe cum do Ensino das Línguas Estrangeiras/Adicionais*. Campinas: Pontes Editores, 2018, p. 157-175.

ZORZO-VELOSO, Valdirene; SEGUI, Verónica; DOMINGUES, Felipe Fontana. As 'consignas' nas aulas de espanhol como língua materna e estrangeira. In: Albina Pereira de Pinho Silva; Leandra Ines Seganfredo Santos; Neusa Inês Philippsen. (Org.). *Formação, docência e práticas pedagógicas em linguagens: diferentes contextos em diálogo*. 1ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, v. 2, p. 237-266.

SURDEZ E INCLUSÃO: A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO DE LUTAS E RESISTÊNCIA
DEAFNESS AND INCLUSION: THE UNIVERSITY AS A SPACE OF STRUGGLES AND RESISTANCE

Camila Soncini Nogueira⁶ (UFRR)

Camila.nogueira@ufrr.br

Geceilma Oliveira Pedrosa⁷ (UFRR)

Geceilma.pedrosa@ufrr.br

1. Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo principal refletir sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino superior, que tem se constituído ao mesmo tempo como espaço de luta e resistência. Por muito tempo o povo surdo viveu somente sob a concepção da deficiência proposta pelo paradigma clínico, entretanto, a perspectiva socioantropológica aponta para uma mudança em que suas diferenças linguísticas e culturais são vistas a partir do seu valor e da afirmação da identidade surda (PINTO, 2001).

Além disso, há dispositivos jurídicos que asseguram o direito linguístico e comunicacional desses sujeitos, como a Lei de Libras, nº 10.436/02 que reconhece o estatuto linguístico da Libras, a Lei de acessibilidade nº 10.098/2000, que assegura a acessibilidade comunicacional em diferentes espaços da sociedade e a Lei de Inclusão nº 13.146/15, que tem como objetivo assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência.

Todos os dispositivos jurídicos supracitados se constituem em um importante marco para a comunidade surda, contudo, os surdos ainda se deparam com barreiras linguísticas no contexto educacional e com a escassez de intérpretes, resultado do decreto federal nº 10.185/19. Nesse sentido, pretendemos apontar os principais desafios enfrentados pelos surdos no ensino superior, assim como os impactos na/para a comunidade surda, assim como também apresentar a proposta da pedagogia visual (CAMPELLO, 2008), como método que poderá auxiliar e contribuir no processo de ensino aprendizagem do surdo.

2. Perspectiva teórica

Nesta pesquisa, discutimos na esteira do linguista aplicado Rajagopalan (2011), que o ensino de línguas é palco de política linguística, já que “engloba uma vasta gama de atividades que vão desde as políticas locais ou pontuais o uso da língua às políticas mais complexas e organizadas pelas autoridades governamentais”, cujos campos de disputas refletem as diferentes ideologias das pessoas que delas tomam parte.

Em relação aos surdos, tomando como premissa as idiosincrasias presentes na língua de

⁶ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Professora no curso de Letras Libras Bacharelado da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

⁷ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora no curso de Letras Libras Bacharelado da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

sinais e o modo como estes sujeitos compreendem e interagem com o mundo ao seu redor, as propostas educacionais no contexto inclusivo não dão conta de abarcar tais especificidades até mesmo pelo desconhecimento do docente quanto a explorar e utilizar em sala de aula estratégias visuais “como ponto de partida para o entendimento do valor e da cultura do contexto social” dos surdos e enquanto pilar que se tornará o “maior aliado no processo de ensinar e aprender” (CAMPELLO, 2008 p. 27, 112).

Assim, a inserção de surdos em diferentes contextos educacionais, principalmente no nível superior, tem se tornado um espaço de luta e resistência frente às propostas metodológicas que emergem nesses espaços e que por vezes os surdos não são contemplados quanto as suas especificidades linguísticas e culturais. O que nos leva a refletir sobre como ocorre a sua inclusão no ensino superior, as principais dificuldades e desafios encontrados nesse contexto.

3. Perspectiva metodológica

A fim de alcançarmos os objetivos propostos, identificamos como delineamento metodológico mais apropriado a pesquisa bibliográfica, numa abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica é a principal etapa da pesquisa, é o momento preliminar que, segundo Pádua (1997, p. 50), tem por finalidade “colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema pesquisa”.

O contato com a bibliografia acontecerá em todas as suas etapas, pois entendemos a sua importância e relevância para a conclusão deste. Ainda, optamos pela entrevista semiestruturada, por acreditarmos que ela “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Desse modo, a entrevista foi realizada com dois surdos de uma Universidade Federal, com idade que variam entre 25 e 35 anos, identificados nesta pesquisa como S1 e S2. Foi realizada a seguinte pergunta traduzida para Libras: quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos surdos no ensino superior e o seu impacto? A seção a seguir, explicita o resultado dos dados.

4. Resultados e discussões

As respostas dos entrevistados quanto aos principais desafios enfrentados, sobretudo de S1, apontam para a questão da falta de recursos visuais, como slides com imagens que pudessem facilitar a compreensão, uma vez que por apreenderem as informações a partir da visualidade, estas passam a ser mais compreendidas através do recurso imagético. Outra questão apontada por S2 é a ausência de intérpretes, uma vez que há um número reduzido de profissionais na área, devido ao cargo de tradutor intérprete ter sido extinto pelo decreto federal nº 10. 185/19, acentuando ainda mais as barreiras linguísticas. Entretanto, outras questões foram suscitadas.

Tanto S1 quanto S2, apontam que o uso inadequado do material, implica diretamente na compreensão do conteúdo que, conseqüentemente reverbera na dificuldade da escrita da língua portuguesa, uma vez que a sua língua materna é a Libras e possui modos de produção e percepção visuoespaciais. Além disso, para S1 que é surdo oralizado e faz uso da leitura labial como recurso para compreender as informações, sentiu no período da pandemia dificuldades em razão da obrigatoriedade do uso de máscara, inviabilizando a leitura labial.

5. Considerações finais

Esta pesquisa visou mostrar que embora existam leis que garantam a inserção dos surdos em diferentes espaços educacionais, sobretudo no nível superior de ensino, ainda assim os desafios na busca por uma pedagogia mais visual e de políticas públicas voltadas para as especificidades linguísticas e culturais desses sujeitos, permanecem inertes impactando diretamente na aprendizagem dos alunos surdos. Mesmo que haja a presença do tradutor intérprete de Libras, este não deve ser visto como única ferramenta que proporcionará a inclusão dos surdos no contexto educacional.

Referências

CAMPELLO, A. R. S. Aspectos da visualidade na educação de surdos. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GESSER, A. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

PÁDUA, E. M. M. Metodologia da pesquisa em educação: abordagem teórico-prático. 4 ed. Campinas/SP: Papirus, 1997.

RAJAGOPALAN, K. A norma linguística do ponto de vista da política linguística. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Org.). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

MULTILETRAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS EM RORAIMA

MULTILITERACIES IN THE TEACHING OF ADDITIONAL LANGUAGES IN RORAIMA

Cora Elena Gonzalo Zambrano⁸ (UERR-PPGL/UFRR)

cora.gonzalo@uerr.edu.br

Fernanda Sousa Lima⁹ (UERR)

fernanda.lima@uerr.edu.br

1. Introdução

O estado de Roraima, ao norte do Brasil, é multilíngue e multicultural, pela sua localização geográfica (tríplice fronteira), pelas terras indígenas que ocupam cerca de metade do seu território, e pela composição populacional formada por migrantes nacionais e internacionais. Diante de tudo isso, o multilinguismo está cada vez mais visível na sociedade roraimense, e a necessidade do ensino-aprendizagem de línguas adicionais que leve em consideração nossa realidade local parece ainda mais urgente. Usamos o termo Língua Adicional com o intuito de não hierarquizar nenhuma das línguas envolvidas, de não marcar nativos e estrangeiros, e de seguir a perspectiva de adição de repertórios linguísticos (Leffa; Irala, 2014).

Seguindo tal viés, o curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima (UERR) construiu o projeto de Extensão “Ensino de Línguas Adicionais”, oferecendo cursos de línguas portuguesa, espanhola e inglesa; e a metodologia adotada para essas aulas partiu dos multiletramentos. Dessa forma, neste texto relatamos as experiências de ensino de língua portuguesa e língua inglesa em contexto linguístico-cultural complexo, com o uso de diversos gêneros textuais que, além da prática das línguas adicionais, incentivassem debates acerca de questões culturais da região.

2. Perspectiva teórica

O Manifesto dos Multiletramentos, proposto pelo *The New London Group* (Cazden *et al.*, 2021), defende a necessidade de uma pedagogia diferenciada devido à multiplicidade de canais e de meios de comunicação e à crescente diversidade cultural e linguística, levando em consideração uma ordem global, cultural e institucional que emerge no mundo contemporâneo. Dessa forma, fica clara a preocupação com a pluralidade linguística e com a educação linguística voltada para as minorias:

O que é uma educação adequada para mulheres, para povos indígenas, para imigrantes que não falam a língua nacional, para falantes de dialetos não padronizados? O que é adequado

⁸ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Associada no curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima (UERR).

⁹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Professora adjunta no curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima (UERR).

para todos num contexto dos fatores cada vez mais críticos em termos de diversidade local e conexão global? (Cazden *et al.*, 2021, p.14).

Concordamos com os autores supracitados e destacamos, neste trabalho, a diversidade local do estado de Roraima. Sendo assim, quais metodologias seriam mais adequadas para ensinar línguas adicionais em um contexto de fronteira e migração tão característico como o roraimense? A pedagogia dos multiletramentos “concentra-se em modos de representação muito mais amplos do que apenas a língua. Eles diferem de acordo com a cultura e o contexto e têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos” (Cazden *et al.*, 2021, p.18). De tal forma, devemos considerar as representações linguísticas, culturais, sociais e cognitivas de todos os sujeitos que fazem vida em Roraima, além daqueles que estão em trânsito.

3. Perspectiva metodológica

Este estudo segue a abordagem qualitativa (Denzin; Lincoln, 2010), com pesquisa bibliográfica e de campo. Para o relato de experiência, analisamos alguns registros da observação participante em nossas próprias salas, bem como trazemos dados levantados por meio de questionário aplicado aos alunos no ato da inscrição. O programa dos cursos ofertados pela UERR envolve o desenvolvimento de um ensino de línguas em consonância com as exigências atuais e com as aptidões dos aprendizes. Partindo desses pressupostos, apresentamos nossas análises tendo como base algumas atividades desenvolvidas nos cursos de inglês e de português como língua adicional, ancorados na pedagogia dos multiletramentos.

4. Resultados e discussões

A sensibilidade quanto à diversidade linguística em nosso estado motivou a escolha de vários temas que guiaram as aulas de inglês ao longo do curso. Percebemos, a cada encontro, que trazer o nosso cotidiano, a nossa realidade local como ponto de discussão dos conteúdos de aprendizagem tornava o processo de ensino/aprendizagem mais significativo. Pensando nisso, escolhemos alguns temas que pudessem mostrar um pouco dessa diversidade linguística e cultural, tão característica do nosso estado; para isso, caracterizamos o estado de Roraima, a Guyana e a Venezuela. Discutimos aspectos como: localização geográfica, comidas tradicionais, algumas danças e festas típicas de cada país, pontos turísticos, entre outros.

Em cada aula, descobríamos juntos informações trazidas pelo professor e, agregadas a outras, pesquisadas pelos alunos, que podiam livremente relacioná-las às suas experiências pessoais e atribuir seus próprios significados. Dessa forma, entendemos a importância desse caráter social na proposição de atividades que terão uma significação mais pertinente no aprendizado de qualquer conteúdo, principalmente no tocante ao aprendizado de uma língua. Assim, alinhados à pedagogia dos multiletramentos, levamos para a sala de aula os textos em diversos formatos, explorando a multiplicidade de linguagens que apresentam. Esta perspectiva representou uma liberdade maior ao processo de ensino/aprendizagem do inglês, no qual foi oportunizado aos alunos a construção de conhecimento agregado à diversidade linguística e cultural do nosso estado. Ademais, é importante considerar o que Coscarelli (2019, p. 65) afirma sobre o trabalho realizado a partir da ótica do multiletramento:

Pensar a educação sob essa perspectiva nos leva a considerar, inevitavelmente, a noção de multiletramentos em suas concepções mais frequentes, ou seja, o trabalho com vários canais de comunicação e mídias, o que leva ao trabalho com múltiplas linguagens, assim como o trabalho e o respeito à diversidade linguística e cultural que integram esses meios.

Seguindo tal perspectiva, foram desenvolvidas as aulas de língua portuguesa destinada a migrantes residentes em Roraima. O curso de Português foi planejado para incentivar os alunos a transitarem entre diversas situações de práticas sociais, e, a partir dos textos, possibilitar a construção dos seus próprios significados. As multiplicidades de linguagens foram primordiais para o desenvolvimento dos multiletramentos, a saber: verbal, visual, sonora, espacial e gestual. Tudo isso sendo contextualizado com a realidade local do estado, cenário multilíngue e multicultural de fronteira e migração.

Enfatizamos que os migrantes participantes do curso de português como língua adicional sentem a necessidade de aprender a lidar com as situações cotidianas da vida no Brasil. Tal fato pode ser observado em respostas de alguns cursistas migrantes no ato da inscrição, quando foi solicitado que justificassem a escolha do curso, esclarecendo seus objetivos e motivações. Esses alunos, que são de nacionalidade venezuelana, cubana e guyanense, deixam clara a urgência em desenvolver habilidades linguísticas para melhorar as interações nos campos pessoal, profissional e educacional, ou seja, para a vida na nova sociedade da qual fazem parte.

Gêneros como receita de cozinha, anúncio publicitário e cardápio foram trabalhados a partir das experiências culturais dos aprendizes, destacando os letramentos que eles já possuíam e ressignificando tais práticas ao identificarem como novas práticas sociais no Brasil. Outro tema desenvolvido nas aulas foi o da migração, trabalhado a partir da música *Díáspora*, da banda Tribalistas. Com o processo de ensino-aprendizagem por meio dos multiletramentos, os professores criaram espaços de interação social, com debates que incentivassem o pensamento crítico e possibilitasse uma prática transformadora.

5. Considerações finais

As experiências narradas mostraram práticas de ensino significativas, integrando realidades locais e globais, com as quais pudemos construir um processo de ensino/aprendizagem de línguas em consonância com práticas de letramento e multiletramentos no intuito de atender às demandas contemporâneas que se apresentam em nossa sociedade.

Referências

CAZDEN et al. Uma pedagogia dos multiletramentos. *Desenhando futuros sociais*. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.

COSCARELLI, C. V. Multiletramentos e empoderamento na educação. *In*: FERRAZ, O. (org.). Educação, (multi)letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura – Salvador: EDUFBA, 2019.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Org.) O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LETRAMENTOS (RACIAIS) CRÍTICOS: ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO POR MEIO DE MÚSICAS

CRITICAL RACIAL LITERACY: BRAZILIAN PORTUGUESE TEACHING THROUGH SONGS

Adrielly Gomes Costa¹⁰ (UFRR)

adriellygomescosta2@gmail.com

Alan Ricardo Costa¹¹ (PPGL-UFRR)

alan.dan.ricardo@gmail.com

1. Introdução

Com base em Ferreira (2015, p. 138), letramento racial crítico é um conceito que sinaliza as práticas de refletir sobre raça e racismo, bem como ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso cotidiano, impactando nossas identidades sociais e nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais etc. Considerando o “racismo estrutural” (ALMEIDA, 2019), sob a qual a sociedade brasileira ainda está pautada, é urgente que letramentos raciais críticos orientem as práticas educacionais, principalmente o ensino de Português Brasileiro (PB).

No ensino de línguas, principalmente um ensino crítico e transgressivo (MOITA LOPES, 2006), vinculado a uma educação antirracista (FARIAS; LINS; BRIÃO, 2021), as músicas podem ser instrumentos importantes para um trabalho na perspectiva dos letramentos raciais. Em entrevista recente a um podcast, cujo vídeo viralizou nas redes sociais, a filósofa negra Djamila Ribeiro corrobora essa interpretação ao mencionar um episódio em que lecionou a uma turma de estudantes a partir de um trecho da música “Homem na estrada”, dos Racionais.

Considerando todo o exposto, no presente trabalho temos o seguinte problema de pesquisa: de que forma a música, como um elemento cultural fortemente presente no dia-a-dia de crianças e adolescentes, pode ser utilizada na sala de aula para contribuir com o ensino de Português Brasileiro (PB) atrelado às discussões sociais, promovendo o pensamento crítico e os letramentos raciais críticos? Assim, o objetivo geral do presente trabalho é discutir a música como material didático para o ensino de PB aliado à pedagogia crítica, na perspectiva dos letramentos críticos raciais. Para dar conta desse objetivo geral, delimitamos dois objetivos específicos: 1) mapear no ciberespaço (considerando websites, redes sociais, portais educacionais, entre outros), possíveis músicas que contribuam para o ensino de PB na perspectiva dos letramentos raciais críticos; 2) analisar questões raciais nas letras de músicas que possam ser debatidas por professores de língua portuguesa no contexto de sala de aula do Ensino Fundamental e Médio.

2. Perspectiva teórica

O presente trabalho encontra-se teoricamente localizado no campo de investigação da

¹⁰ Acadêmica do curso de licenciatura em Letras – Português e Inglês da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

¹¹ Doutor em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR).

Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), que se configura na atualidade como ciência pós-moderna e transgressiva (LEFFA, 2006; PAIVA; SILVA; GOMES, 2009). O campo da LA, por seu caráter indisciplinar e crítico, cada vez mais vincula-se a questões contemporâneas de novos letramentos e, principalmente, letramentos raciais críticos (FERREIRA, 2015).

O letramento racial crítico possibilita aos indivíduos a compreensão de questões de raça na sociedade através de uma perspectiva questionadora. Na sala de aula, o letramento racial crítico colabora no processo de educação antirracista por meio de reflexões raciais, racismo e a relação entre raça e estrutura social, configurando-se como “[...] uma ferramenta contínua de ação, um compromisso político no enfrentamento do racismo dentro e fora da escola” (BRAÚNA; SOUZA; ANDRADE SOBRINHA, p.6, 2022).

Nesse mesmo sentido, a LA também se vale da obra de autores como Angela Davis (2016), Djamila Ribeiro (2015) e Silvio Almeida (2019), entre outros, para criar inteligibilidades e reflexões sobre questões raciais em sinergia com a pedagogia crítica. Em síntese, a pedagogia crítica constitui-se como conceitos e práticas no processo de formação que permitem não somente assimilar, mas também produzir conceitos, transformando as relações sociais e possibilitando a autonomia dos indivíduos (FRANCO, 2017), dessa forma, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade crítica de professores e alunos para além do contexto escolar.

3. Metodologia

A metodologia da pesquisa, de abordagem qualitativa, é centrada na busca por músicas, disponíveis em plataformas online (como redes sociais e websites, por exemplo), que possam servir como instrumento de ensino de PB na perspectiva dos letramentos raciais críticos. As plataformas onde as músicas foram buscadas são: (1) YouTube e (2) Spotify. Também buscamos no Portal do Professor do MEC. Os critérios de seleção para o corpus da pesquisa foram: (1) as músicas precisavam ser em PB e (2) não podiam conter “palavrões”, haja vista nosso interesse de pensar tais músicas na Educação Básica. As buscas foram realizadas no mês de setembro de 2023.

4. Resultados e discussões

Nosso levantamento no ciberespaço possibilitou a localização de variadas músicas; contudo algumas foram desconsideradas nesse primeiro momento da pesquisa em razão de conterem palavrões, tais quais: “Homem na estrada”, “Jesus negro”, “Tô ouvindo alguém me chamar”, entre outras. Das músicas que não foram excluídas do nosso corpus, pois percebemos que algumas servem mais pontualmente para o ensino de outras matérias e componentes curriculares, que não o PB, como, por exemplo, “Não foi Cabral”, de MC Carol, aparentemente mais pertinente ao ensino crítico de História.

Passamos, então, à análise de “Bença”, do cantor Djonga, nosso principal resultado até o momento quanto ao ensino de PB. Conforme podemos apresentar, a música trata de questões raciais, sobretudo de mulheres e de mães/avós criando seus filhos, servindo como instrumento para o debate sobre interseccionalidade. Também é possível abordar, a partir da música, questões referentes às religiões de matriz africana e ancestralidade.

5. Considerações finais

Este estudo, ainda em andamento, indica a importância do ensino de PB nas escolas brasileiras no viés dos letramentos raciais críticos. Concluímos, até o presente momento, que a música “Bença” serve como um material autêntico potente para os letramentos raciais na atualidade.

Referências

ALMEIDA, S. L. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264p.

BRAÚNA, C. J. D.; SOUZA, D. S.; ANDRADE SOBRINHA, Z. M. L. Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista. *Ensino em Perspectivas*, v. 3, n. 1, 2022.

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo. 2016.

FARIAS, C. C. G.; LINS, M. R. F.; BRIÃO, G. F. Educação antirracista: um convite à insubordinação criativa. *Revista @mbienteeducação*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 88–110, 2021. Disponível em: <<https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/1018>>. Acesso em: 30 set. 2023

FRANCO, M. A. R. S. Da necessidade/atualidade da pedagogia crítica: contributos de Paulo Freire. *Rev. Reflex*, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 2, p. 152-170, maio 2017. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-99492017000200152&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 set. 2023.

LEFFA, V. J. Transdisciplinaridade no ensino de línguas: a perspectiva das Teorias da Complexidade. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 6, n. 1, p. 27-49, 2006.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PAIVA, V. L. M.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Org.) *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RIBEIRO, D. O empoderamento necessário. Portal Geledés. 2015.

POR UMA EDUCAÇÃO ANTICAPACITISTA: ROMPENDO AS BARREIRAS ATITUDINAIS DO PRECONCEITO E EXCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

POR UNA EDUCACIÓN ANTICAPACIDAD: ROMPIENDO LAS BARRERAS ACTITUDINALES DE PREJUICIO Y EXCLUSIÓN DE LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD

Camila Soncini Nogueira¹² (UFRR)

camila.loncini@gmail.com

Bruna Gabriely Lima Correa¹³ (UFRR)

gabriellybrunna20@hotmail.com

Edilene da Silva Sales¹⁴ (UFRR)

edisales76ce@gmail.com

1. Introdução

O conceito de deficiência sempre foi exposto a estereótipos padronizados de normalidade, e através do crivo do padrão dominante, submetido a múltiplos olhares. A perspectiva que se forma sobre os corpos com deficiência exerce influência sobre a forma como os mesmos são tratados pela sociedade contemporânea, sendo capaz de disseminar preconceito e exclusão dessas pessoas. Esses elementos psicológicos dão origem a atitudes capacitistas trazendo prejuízo para a comunidade de pessoas com deficiência, nos diversos contextos sociais, seja no âmbito legal, cultural, educacional, entre outros. Dessa forma propomo-nos a pensar por meio dessa pesquisa sobre algumas formas para estremecer o muro de preconceito e exclusão introjetados nos comportamentos sociais influenciados pela cultura. Por meio de metodologia dialógica, a pesquisa objetiva identificar e problematizar os processos de construção sócio-histórica dos padrões sociais e como isso influencia na propagação de ideias capacitistas no subconsciente da sociedade contemporânea em geral.

2. Perspectiva teórica

Sobre o conceito de capacitismo optamos pela abordagem de Guerra (2021), que é uma mulher com deficiência e faz do seu corpo, sua identidade. A autora argumenta que não é possível explicar o conceito de capacitismo sem abordar o sistema capitalista, pois a origem do capacitismo se dá por meio da valoração de corpos e mentes conforme o padrão de normalidade, inteligência, magreza, beleza, utilidade que o sistema econômico impõe. Dessa forma, o capacitismo é a opressão que as pessoas com deficiência enfrentam devido ao capitalismo que discrimina e incapacita, julgando os aptos e inaptos ao trabalho.

Algumas tendências sociais capacitistas foram se moldando com o passar do tempo. Exemplo disso é que, desde a antiguidade as formas de violência contra as pessoas com

¹² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora do curso de Bacharelado em Letras Libras da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

¹³ Discente do curso de Bacharelado em Letras Libras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

¹⁴ Discente do curso de Bacharelado em Letras Libras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

deficiência passaram desde o assassinato dessa população, o encarceramento e a esterilização, que ocorreu durante a segunda guerra mundial, como afirma Albuquerque (2008), até chegar formas de opressão mascaradas como a infantilização, o paternalismo e a rejeição, como afirma Ferrari e Sekkel (2007).

Tomando como base a armadilha capitalista na qual o projeto de criação do conceito de deficiência foi criado e se sustenta, os teóricos frankfurtianos, Horkheimer e Adorno (1985 *apud* SILVA, 2006), refletem que essa atitude pode ser um fator determinante para a reincidência da barbárie.

3. Perspectiva metodológica

No planejamento deste trabalho foi empregada a abordagem de natureza qualitativa, bibliográfica e empírica – esta última consiste no contato direto do pesquisador com o ambiente natural dos participantes, para a interpretação dos fenômenos dentro do seu contexto. Utiliza-se como técnica de pesquisa o método hermenêutico, que é “[...] o método que atenta para o sentido do discurso, contempla os contextos da descoberta e da justificação” (GONSALVES, 2018, p. 116). Esse método permite a realização de uma análise do contexto histórico, considerando que, por meio da linguagem, se processam os significados.

4. Resultados e discussões

Neste trabalho se encontra em fase de construção, mas ressaltamos a necessidade de repensarmos sobre as práticas e costumes que moldam a cultura na qual estamos inseridos para não proliferar o preconceito e exclusão das pessoas com deficiência nos espaços sociais. Além disso é preciso que estes debates sobre o capacitismo aconteça de forma rotineira junto à comunidade acadêmica, para que ações sejam propostas e fomentem discussões e diálogos de forma coletiva, adotando atitudes e ações que possam combater o fascismo e promover a igualdade das pessoas com deficiência, ressaltando que não existe nenhum problema em ser diferente.

5. Considerações finais

Diante do exposto, consideramos a luta contra o capacitismo uma demanda improrrogável. O autor Lima (2021) destaca que não basta apenas adotarmos atitudes contra o capacitismo de forma individual, é preciso engajar uma luta anticapacista, garantindo que pessoas com deficiências sejam atendidas em suas especificidades e possam ter seus direitos humanos reafirmados e exercidos em todos os momentos. Hoje, vivemos com forças reacionárias que parecem nos empurrar ao abismo de Auschwitz, e Adorno (2000) salienta a importância de que Auschwitz não se repita, pois estamos correndo um sério risco de retrocesso quando disseminamos atitudes capacitistas.

Referências

ADORNO, T. Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000. p. 119-138.

ALBUQUERQUE, R. C. de. A lei de prevenção de doenças hereditárias e o programa de eutanásia durante a segunda Guerra mundial. Revista CEJ, Brasília, Ano XII, n. 40, p. 43-51, jan./mar., 2008.

FERRARI, M. A. L.; SEKKEL, M. C. Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. Psicologia: ciência e profissão, v. 27, p. 636-647, 2007.

FERREIRA, Carla Jatobá. Às sombras das escalas: um estudo sobre a concepção de anormalidade em Alfred Binet. Fino Traço Editora, 2016.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à Pesquisa Científica. 6. ed. Campinas: Alínea, 2018.

GUERRA, I. Lucha contra el capacitismo: anarquismo y capacitismo. Tradução: Luta contra o capacitismo: anarquismo e capacitismo. Tradutor: Alexandre Wellington dos Santos Silva, Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.

LIMA, André Luís de Souza. Capacitismo e eugenia na educação brasileira: uma reflexão a partir de aproximações epistemológicas. Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte, Porto Alegre. 2021.

SILVA, L. M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 424-434, 2006.

POLÍTICA LINGUÍSTICA INCLUSIVA EM AÇÃO NO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

INCLUSIVE LANGUAGE POLICY IN PROGRESS IN THE LANGUAGE WITHOUT BORDERS PROGRAM

Thárin Gomes Radín¹⁵ (UFRR)

tharingr@gmail.com

Antonio Lisboa Santos Silva Júnior¹⁶ (Cap/UFRR)

Alan Ricardo Costa¹⁷ (UFRR)

1. Introdução

A internacionalização das instituições de ensino superior tem sido uma prioridade em muitas instituições de ensino superior, e ações de acesso ao multilinguismo são fundamentais nesse processo. No contexto da Universidade Federal de Roraima (UFRR), os cursos da Rede Andifes Idiomas sem Fronteiras (IsF) têm atuado como ferramenta essencial para aprimorar as habilidades linguísticas dos membros da comunidade acadêmica, por meio da oferta de cursos gratuitos, ministrados por professores bolsistas especializados em inglês, espanhol, e português como língua adicional.

No entanto, as políticas de acesso ao programa têm sido restritivas, limitando-se a alunos regularmente matriculados, professores e servidores, de acordo com o projeto inicial do Idiomas sem Fronteiras, quando o programa ainda era vinculado ao Ministério da Educação. Este relato de experiência tem o objetivo de divulgar ações recentes do Idiomas sem Fronteiras na UFRR, no sentido de ampliar e abrir as matrículas dos cursos para pessoas que tenham algum tipo de vínculo com a instituição, além dos casos já mencionados, como medidas de uma política linguística mais inclusiva, tendo em vista que a UFRR ainda não apresenta normas próprias de políticas linguísticas.

2. Perspectiva teórica

Vivemos um período de globalização intensa, em que a necessidade de internacionalização se faz cada vez mais presente. As universidades, como local de produção científica por excelência, reconhecem a necessidade de ações de incentivo ao ensino de línguas estrangeiras como meio de divulgação e inserção da ciência brasileira no contexto internacional (Abreu-e-Lima *et al.*, 2016).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconhecem a diversidade linguística como um patrimônio da humanidade e incentiva a promoção de políticas educacionais para o ensino de línguas. Para essa organização, o multilinguismo promove o enriquecimento de indivíduos e sociedades por meio do diálogo e respeito a identidades, facilita intercâmbios e acesso a outros sistemas culturais, científicos e acadêmicos. Assim, os Estados-membros devem adotar ações de promoção do ensino de pelo

¹⁵ Graduanda do curso de Letras Português/Inglês, professora bolsista do IsF-UFRR.

¹⁶ Professor Mestre, orientador pedagógico de Inglês do IsF-UFRR.

¹⁷ Professor Doutor, coordenador pedagógico geral – Rede Andifes IsF-UFRR.

menos duas línguas adicionais, além da língua oficial, para promover o ensino de línguas nos sistemas escolares.

Trazendo essas orientações para o contexto da UFRR, em 2021 ocorreu a aprovação da Resolução nº 49 do CUNI, que aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) de 2021 a 2025. Esse documento traz dois itens que merecem destaque: a Política de Internacionalização, que traz a oferta de idiomas como uma de suas ações, e a Política Linguística, que traz a internacionalização do ensino e da pesquisa com um dos eixos de atuação. Apesar de haver a previsão da Política Linguística no PDI, esse documento está sendo construído e ainda não foi implantado na instituição.

3. Perspectiva metodológica

Levando em consideração o contexto pós-pandemia e o gradual retorno às atividades presenciais, a coordenação local do Idiomas sem Fronteiras adotou a medida de aceitar matrículas de pessoas que possam comprovar diversos tipos de vínculos com a UFRR, além das possibilidades já previstas para alunos, professores e servidores técnicos.

A implementação está sendo efetivada por meio dos formulários de inscrição dos cursos ofertados, ao permitir que sejam anexados documentos que comprovem o vínculo com a instituição. Progressivamente, essa ampliação das possibilidades de matrícula está sendo divulgada para as comunidades externa e interna, nos formulários de inscrição, postagens em redes sociais e outros veículos de mídia, com o objetivo de atrair uma comunidade que entenda que a universidade é pra todos.

Futuramente, serão realizadas consultas com os membros da comunidade acadêmica e externa para avaliar a compreensão e aceitação dessa mudança. Além disso, serão criados materiais informativos para esclarecer os novos critérios. A coleta de dados incluirá o número de matrículas de membros não tradicionais, feedback dos participantes e análise do impacto nos resultados do programa.

4. Resultados e discussões

Espera-se um aumento potencialmente significativo na diversidade de participantes no programa IsF, assim como no número de inscritos que poderá abranger, não apenas alunos regulares, professores e servidores técnicos, mas também membros da comunidade de forma mais ampla. Essa futura diversidade linguística tem o potencial de contribuir para um ambiente mais inclusivo e enriquecedor para o aprendizado de idiomas.

Além disso, essa iniciativa está alinhada às diretrizes da UNESCO e à Resolução do CUNI, o que contribui para o fortalecimento planejado das políticas linguísticas na universidade. No entanto, é importante ressaltar que a pesquisa e monitoramento contínuos serão fundamentais para avaliar e ajustar a eficácia dessa mudança à medida que for implementada, garantindo que os objetivos de defesa da diversidade linguística e internacionalização sejam alcançados de forma eficaz.

5. Considerações finais

A implementação dessa medida reflete o compromisso da UFRR com a promoção da diversidade linguística e a internacionalização do ensino. A abertura do IsF para uma audiência mais ampla proporcionará oportunidades de aprendizado de línguas estrangeiras para pessoas que, de outra forma, não teriam acesso a esses recursos, pois a oferta é gratuita.

Referências

ABREU-E-LIMA, Denise Martins de; MORAES FILHO, Waldenor Barros; BARBOSA, Wagner José Corradi; BLUM, Avram Stanley. O programa Inglês sem Fronteiras e a política de incentivo à internacionalização do ensino superior brasileiro. *In*: SARMENTO, Denise; ABREU-E-LIMA, Denise Martins de; MORAES FILHO, Waldenor Barros (orgs.). *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

UNESCO. Executive Board. Hundred and ninety-fourth session. Language teaching in education systems. Paris, 31 March 2014. (194 EX/29. Item 29 of the provisional agenda).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Conselho Universitário. Resolução n° 049, de 30 de dezembro de 2021. Aprova o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) 2021 a 2025 e dá outras providências.

INVERSÃO DE MUNDO: ANÁLISE DO FILME “UM LUGAR SILENCIOSO”

WORLD INVERSION: ANALYSIS OF THE FILM “A QUIET PLACE

Ritchey Silva Mendes¹⁸ (UFRR)

ritcheysilvamendes@gmail.com

Sofia Fagundes Araújo¹⁹ (UFRR)

sofiafagundesaraujo@gmail.com

Yasmin Gabriela Da Silva Faray²⁰ (UFRR)

yasminfaray.yf@gmail.com

Orientação: Camila Soncini Nogueira²¹ (UFRR)

camila.loncini@gmail.com

1. Introdução

A pessoa surda através da história foi alvo de atrocidades, ignorância, negligência e depreciação, baseado nos padrões impostos pela maioria ouvinte. A surdez era tida como uma praga, um castigo dos deuses ou um sinal de impureza. Qualquer fosse o motivo (religioso, estético, clínico), atitudes monstruosas eram tomadas para a permanência de uma hegemonização dos ouvintes. Atualmente, o surdo vem ganhando cada vez mais destaque, principalmente no entretenimento. O presente artigo visa traçar paralelos entre o contexto apocalíptico da obra cinematográfica *Um Lugar Silencioso* (2018) e a realidade social, com base na Linguística Aplicada, buscando trazer o protagonismo da pessoa surda e questões atreladas a si, como a sua identidade e cultura.

2. Perspectiva teórica

Atualmente a surdez é vista como deficiência, principalmente em debates que tratam da surdez com o pensamento clínico-terapêutico, pois pertence a uma “narrativa assimétrica de poder e saber; uma “invenção/produção” do grupo hegemônico que, em termos sociais, históricos e políticos, nada tem a ver com a forma com que o grupo se vê ou se representa” (GESSER, A. 2009, p.67). Este mesmo grupo utiliza de acontecimentos modernos como a globalização para difundir sua hegemonia cultural, unificando o que lhes é conveniente e assim excluindo a diversidade existente, no caso, as minorias, e a cultura surda. (CAMPOS, M. L.I. L. 2011).

É necessário entender e reconhecer que a pessoa surda é tão capaz de se desenvolver como qualquer indivíduo ouvinte, e que para que isso aconteça, sua língua, cultura, individualidade como ser humano devem ser respeitadas. “A surdez é construída na perspectiva

¹⁸ Graduando em exercício em Artes Visuais - Licenciatura da UFRR.

¹⁹ Graduanda em exercício em Artes Visuais - Licenciatura da UFRR.

²⁰ Graduanda em exercício em Artes Visuais - Licenciatura da UFRR.

²¹ Professora do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Roraima – UFRR.

do déficit, da falta, da anormalidade. O “normal” é ouvir, o que diverge deste padrão deve ser corrigido, “normalizado” (GESSER, A. 2009, p.67). É ainda colocado em debate sua capacidade cognitiva e deve-se logo ressaltar que o desenvolvimento cognitivo e linguístico da pessoa surda acontece. Explica Gesser, doutora em Linguística Aplicada e especialista na área, que a pessoa surda pode desenvolver suas capacidades cognitivas e linguísticas, desde que possa ter seu direito de utilizar a língua de sinais garantido. (GESSER, A. 2009, p.76)

3. Perspectiva metodológica

Utilizamos a metodologia de pesquisa documental apresentada por Gil (2002), semelhante à pesquisa bibliográfica, mas que se diferencia pela diversidade das fontes a serem utilizadas para a pesquisa; no caso, utilizamos da própria obra audiovisual analisada: o *Um Lugar Silencioso* (2018), com direção de John Krasinski, e lançado pela Paramount Pictures Corporation. A realidade apresentada é de onde o silêncio deve, a todo custo, reinar pelo bem da sobrevivência. Em protagonismo temos a personagem Regan Abbott (interpretada por Millicent Simmonds, atriz surda), filha surda do casal ouvinte Evelyn Abbott (interpretada por Emily Blunt) e Lee Abbott (interpretado por John Krasinski), e o irmão também ouvinte Marcus Abbott (interpretado por Noah Jupe).

A língua de sinais em *Um Lugar Silencioso* (2018) ganha notoriedade e destaque, já que a família protagonista tem como vantagem a comunicação visuoespacial em comparação da oral, por estarem nesse mundo cinematográfico que se tornou um ambiente extremamente hostil a qualquer barulho irregular, forçando assim a adaptação da comunicação para o mais puro silêncio. A oralização é deixada somente para alguns momentos, onde se tornam necessários para que haja um prosseguimento da trama. Porém, apesar dos sinais terem quase tomado o espaço de comunicação, a questão da audição ainda tem peso: ser surdo ainda pode ser um perigo, pois qualquer barulho mínimo feito pode atrair as criaturas desconhecidas e mortais. Há momentos em que Regan se torna dependente de um ouvinte, mesmo sem seu consentimento, para “fiscalizar” suas ações; até mesmo ouvir por ela, por tornar-se vulnerável a determinados momentos em relação aos perigos, como um simples descer de escadas (que podem ranger) ou o barulho de um brinquedo eletrônico sendo usado quando ela não vê.

Mesmo assim, Regan, ainda que lide com a falta da noção de certos sons, é extremamente independente e responsável, adaptando-se como pode a nova realidade que passou a conhecer e os perigos que nela residem. Sua forte personalidade e perseverança se mostram de muita importância mais adiante do filme, quando a família se vê obrigada a lidar com a criatura que aparece em sua casa no momento menos oportuno possível; Regan consegue transformar algo que, antes poderia ser ferramenta de suporte para lidar com o que poderia ser considerado sua fraqueza, em uma arma poderosa para superar o cenário caótico.

4. Resultados e discussões

Como resultados desses paralelos, podemos citar, a princípio, que pelas condições do mundo de *Um Lugar Silencioso* (2018), a comunicação visuoespacial se torna o principal meio de comunicação e traz consigo a reflexão do aprendizado da língua de sinais, uma provocação às necessidades de se aprender a língua de sinais (não necessariamente para um apocalipse, mas para se comunicar com pessoas que estão ao nosso lado no dia a dia e que nós não

buscamos entendê-las).

Pode-se ainda citar o papel significativo que a língua de sinais (neste caso, a Língua de Sinais Americana - ASL) desempenha através do filme. Colocando em perspectiva de que a comunicação em sinais foi alvo de preconceito e ignorância, além da ideia errônea de que significaria inferioridade cognitiva das pessoas surdas por usarem os gestos ao invés da fala, um filme que retrata personagens que estão continuamente utilizando-as, sendo parte deles ouvintes, serve como ruptura de tais concepções ignorantes. É uma forma de assim combater essa visão de que a LIBRAS, ASL ou qualquer outra língua de sinais sirva como uma simples forma de abrir caminho ao aprendizado de línguas orais (GESSER, 2009). É valorizá-la como língua, pois são legítimas como dito nas palavras de Quadros (2004, p.08), ao afirmar que elas desempenham seu papel de comunicação já que apresentam,

propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela Linguística. As línguas de sinais são visuais-espaciais captando as experiências visuais das pessoas surdas.

Ressalta-se ainda que a representação de Regan é importante, pois ela nos mostra que o surdo não precisa se conformar ao comodismo de depender dos ouvintes, apesar da situação em que está inserida. Ao que nos leva a Marin e Góes (2006), que entrevistaram pessoas surdas a respeito de suas vivências cotidianas. Elas sugerem que muitos surdos acabam por se conformar com a dependência pela falta de consideração dos ouvintes das diferenças do outro. Em meio a tantos cenários apresentados ao espectador, e os colocando em perspectiva no mundo fora das telas, percebe-se que por mais que a surdez não seja o foco do filme, sua representação torna possível a observação mais clara das diversas dificuldades encontradas pela pessoa surda em meio a sociedade e sua representação em tela.

5. Considerações finais

Temos, portanto, *Um Lugar Silencioso* (2018) como um filme que apresenta uma personagem surda potente em representação, que carrega o simbolismo de ruptura de um pensamento que ainda existe na vida real: os surdos são capazes de se desenvolver intelectualmente, ainda que não utilizem de uma língua oral (porque não precisam dela). Regan é inteligente, independente, e sua capacidade não é inferiorizada pela sua surdez, mas é de grande relevância na história. Assim, em *Um Lugar Silencioso* (2018) temos surdez não como falha, mas como característica a individualidade de uma personagem que consegue viver e sobreviver, tanto em tal ambiente hostil quanto em nossa realidade.

Referências

CAMPOS, M. L. I. L. Educação Inclusiva para surdos e as políticas vigentes. in: GÓES, A.M. et. al. Língua Brasileira de Sinais – Libras. Coleção UAB-UFSCar, 2011. p. 29-52.

GESSER, A. Libras? que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2009. 88 p.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 57 p.

IMDB. Um Lugar Silencioso. Disponível em:

<https://www.imdb.com/title/tt6644200/?ref_=nm_knf_t_1> . Acesso em 20 jun. 2023

MARIN, C. R. GÓES, M. C. R. A experiência de pessoas surdas em esferas de atividade do cotidiano. Cadernos Cedes, Campinas, vol.26, n.69, p.231-249, maio/ago. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/hVTsHdNJjZyCWS6wcdSPCxJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

QUADROS, R. M. A Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos. 1. ed. Porto Alegre: Artemed, 2004. 222 p.

THOMA, A. S. O cinema e a flutuação das representações surdas: “Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...”. 2002. Tese (Doutorado) — Curso de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002. 258p.

UM LUGAR silencioso. Direção: John Krasinski. Intérpretes: Emily Blunt, John Krasinski, Millicent Simmonds, Noah Jupe, Cade Woodward, Leon Russom. [S. l.]: Paramount Pictures, 2018b. 1 vídeo (1h 30 min 14 s). Disponível em:<<https://www.netflix.com/br/title/80213226>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

FEMINISMO DA DIFERENÇA E ENSINO DE PLA POR MEIO DE MÚSICAS

FEMINISMOS DE LA DIFERENCIA Y ENSEÑANZA DE PLA POR MEDIO DE MÚSICAS

Alane Brenda Silva de Oliveira²²

brendaalane920@gmail.com.br

Cora Elena Gonzalo Zambrano²³

cora.gonzalo@uerr.edu.br

1. Introdução

A história da humanidade tem sido contada, de modo geral, a partir da perspectiva de homens brancos, europeus e cisgênero. Contudo, nas últimas décadas tem se observado mudanças significativas em virtude das lutas feministas, movimento que também viveu diferentes transformações, sendo a última advinda da popularização da internet que evidenciou diferenças marcantes nos grupos de mulheres. Neste sentido, surgiu chamado Feminismo da Diferença, que abarca o feminismo negro, indígena, asiático, transfeminismo e o feminismo radical.

A Linguística Aplicada, por sua vez, entende que os sujeitos são plurais e, portanto, o estudo da linguagem passa pela compreensão de questões sociais dos envolvidos. Deste modo, entende-se que os cursos de português podem configurar uma oportunidade para discutir a realidade de diferentes grupos de mulheres, tendo como instrumento a música. Isto se torna ainda mais relevante no contexto do português como língua de acolhimento para refugiados e imigrantes.

Este estudo, portanto, analisou o uso da música como forma de compreender o feminismo da diferença. Para tanto, selecionaram-se músicas que abordam a condição feminina nas perspectivas de mulheres negras e latino-americanas. As músicas foram trabalhadas em duas aulas do curso de Português para imigrantes, oferecido pela UERR, e posteriormente, a experiência foi relatada e analisada na perspectiva da linguística aplicada.

2. Perspectiva teórica

A música tem um papel como agente de reflexão e efetivação de ideologias, recebendo diferentes significados mediante o contexto histórico e social em que foi produzida (Blacking, 2007). Desta forma, ao longo dos séculos, a música legitimou o discurso machista na sociedade (Pereira, 2019). Entretanto, o fortalecimento do movimento feminista nas últimas décadas tem trazido mudanças significativas nas produções musicais, sendo possível encontrar produções com conteúdo feminista (Medeiros *et al.*, 2019).

A vertente do feminismo que busca considerar aspectos importantes como a cor da pele, classe social e lugar de origem da mulher é conhecido como feminismo da diferença, termo cunhado por Anzaldúa (2005), que apresentou uma perspectiva epistemológica de

²² Graduanda em Letras – habilitação Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Estadual de Roraima

²³ Professora orientadora do curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima. Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG).

diferença interseccional, mostrando que existem várias camadas de subordinação e que, por isso, não devem ser reduzidas apenas a uma questão de gênero.

Tendo em vista as considerações acima acerca da música enquanto agente de reflexão social, bem como do feminismo da diferença que busca considerar todas as camadas das lutas feministas; e pautando-se no campo da Linguística Aplicada (LA) que considera a língua como uma prática social expressa nas diferentes interações dos sujeitos em um determinado espaço e tempo, esta pesquisa tem o intuito de usar a música no ensino de língua portuguesa para promover a compreensão das lutas feministas. Ao se considerar que os sujeitos são plurais, sendo também contraditórios em seus discursos, a LA precisa assumir uma visão crítica para que possa, de algum modo, transgredir. Nesse sentido, Zambrano (2021, p. 1) compreende que a LA transgressiva busca “cruzar fronteiras e quebrar regras de forma reflexiva, tanto para o pensamento quanto para a própria ação de transgredir”.

É de conhecimento geral que a luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres é secular. A onda mais recente do feminismo veio com a popularização da internet, que “deu voz” a mulheres de regiões periféricas que “não tinham voz”. Desta forma, o feminismo contemporâneo busca unir vozes plurais como nunca se experimentou antes (Barboza, 2021). É nesta perspectiva plural e transgressora, de modo a contemplar diferentes sujeitos e suas subjetividades que o feminismo da diferença se imbrica.

Dentro do que tem sido conhecido como o feminismo da diferença, tem-se o feminismo negro, indígena, asiático, transfeminismo, feminismo lésbico, feminismo radical e feminismo protestante (Buarque de Hollanda, 2018; Silva, 2022). O feminismo da diferença entende que só é possível alcançar a legitimidade e desmontar a estrutura atual se houver ação coletiva, desde que em seu interior as diferenças sejam respeitadas (Ribeiro, 2019). Deste modo, faz necessário disputar espaços novos para expandir as narrativas e criar novas perspectivas (Pilger, 2021).

3. Perspectiva metodológica

A pesquisa segue a abordagem qualitativa. Como técnica de coleta de dados foi utilizada a observação participante, a partir de uma pesquisa-ação. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a observação participante é uma técnica de pesquisa em que há envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas. Já a pesquisa-ação tem como objeto uma situação social, em que o pesquisador tem uma atitude participativa, colaborando com conhecimentos que subsidiarão a análise reflexiva do objeto de estudo (Fonseca, 2002).

A pesquisa-ação ocorreu em aulas do curso de Português para imigrantes, oferecido pela UERR. Os alunos são homens e mulheres, venezuelanos e cubanos adultos, totalizando cerca de 35 alunos.

4. Resultados

O estudo ainda está em andamento, sendo que as aulas ocorreram no mês de outubro de 2023. Contudo, espera-se que, com o desenvolvimento dessa pesquisa, haja uma maior compreensão e promoção do feminismo da diferença no contexto de migração em Roraima. Espera-se ainda que este trabalho possa colaborar com a expansão das pesquisas no campo da Linguística Aplicada e do Português como Língua de Acolhimento.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, set./dez. 2005.

BARBOZA, Ana Paula Vilardo. “Desce do salto e vai viver”: uma análise interdiscursiva do movimento #KuToo. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. Introdução – O que grifo é meu. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. Explosão Feminista. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 11-19.

GERHARD, Tatiana; SILVEIRA, Denise T. Métodos de Pesquisa. Série Educação a Distância. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

PEREIRA, Cristina Vanessa. Retórica e a representação do gênero social feminino na música popular brasileira. 2019. 113 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

PILGER, Caroline Roveda. As gordas saem do armário... e entram no closet: interseccionalidade, lugar de fala e empoderamento na configuração das mulheres gordas pela revista Donna. 2021. 346 p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

RIBEIRO, Stephanie. Quem somos: mulheres negras no plural, nossa existência é pedagógica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Explosão feminista- arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzago. PLAc como transgressão: letramentos sociais e prática educativa-reflexiva. In: SOUZA, R.F. et al. (Orgs). Português como língua de acolhimento, práticas e perspectivas. São Paulo: Parábola, 2021. p. 24-28.

LÍNGUA DE ACOLHIMENTO E FORMAÇÃO DE GUIANENSES EM CURSO DE LETRAS

LENGUA DE ACOGIDA Y FORMACIÓN DE GUYANESES EN CURSOS DE LETRAS

Gustavo André de Souza Morais²⁴ (UFRR)

gustavoandrem@outlook.com

Alan Ricardo Costa²⁵ (PPGL-UFRR)

alan.dan.ricardo@gmail.com

Marcus Vinícius da Silva²⁶ (CAp-UFRR)

marcus.silva@ufrr.br

1. Introdução

Haja vista o papel que as instituições de educação podem exercer na recepção de migrantes/refugiados e na construção de uma sociedade mais plurilinguística, propomos levar a cabo os debates atuais atrelados ao desenvolvimento do conceito de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) para o âmbito das universidades e da formação de professores de línguas. Sendo assim, partimos de dois pressupostos fundamentais, quais sejam: (1) as questões de migração têm impulsionado a popularização do conceito de PLAc, atualmente muito em voga no meio acadêmico (*e.g.* GROSSO, 2010; SENE, 2017; SILVA, 2023); e (2) é urgente compreender as dinâmicas e as relações de poder subjacentes ao acolhimento (ou à falta dele) no caso de migrantes/refugiados em cursos de licenciatura.

Com efeito, como ocorre com outras propostas conceituais, há o risco de que “PLAc” permaneça apenas no plano teórico, mas sem se concretizar na prática, na formação de professores. Isso pode caracterizar uma contradição, na medida em que as universidades, sobretudo os cursos de Letras, discutem e problematizam tal conceito, mas sem efetivar, de fato, ações que proporcionam o acolhimento linguístico naquele espaço institucional.

Destarte, neste trabalho, nos propomos a pesquisar de que forma (e em que medida) o conceito de PLAc está (ou não) sendo efetivado na prática em cursos de licenciatura em Letras em Roraima, responsáveis pela formação profissional de docentes de línguas que, futuramente, poderão executar em suas aulas práticas de acolhimento linguístico, em “efeito dominó”, ou “efeito borboleta” (LEFFA, 2006). O objetivo geral é analisar o processo de formação docente e os desafios vivenciados por migrantes guianenses em cursos de licenciatura em Letras de universidades de Boa Vista-RR. Os objetivos específicos são: analisar os processos de aprendizagem da Língua Portuguesa e de formação docente de guianenses à luz do conceito de PLAc; e investigar os desafios encontrados no ambiente acadêmico dos cursos de Letras por parte desses migrantes.

²⁴ Acadêmico do curso de licenciatura em Letras – Português e Inglês da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

²⁵ Doutor em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR).

²⁶ Professor Efetivo no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp/UFRR).

2. Perspectiva teórica

O presente trabalho encontra-se teoricamente situado no campo de investigação da Linguística Aplicada, que não se restringe à mera aplicação de teorias da Linguística, mas se configura como ciência pós-moderna, decolonial e crítica (MOITA LOPES, 2006), cujo objetivo não é descrever/analisar a língua como um sistema, decompondo suas partes, mas ir além, mostrando como podemos usar língua(gem) para transformar a sociedade.

O trabalho também está embasado por estudos sobre Português Língua Adicional (PLA). Hoje, em razão do aumento da força de críticas contrárias ao termo “Língua Estrangeira”, tal conceito vem perdendo espaço para a aceção de Língua Adicional (LA), de forma geral, e de Português como Língua de Acolhimento (PLAc), mais pontualmente. A ascensão da noção de “Língua Adicional” no meio científico pode ser compreendida pela perspectiva de Leffa e Irala (2014, p. 32): o uso do termo “adicional” traz vantagens, pois não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua). Nem mesmo os objetivos para os quais o aluno estuda a língua precisam ser considerados (se deseja conhecê-la para viajar, jogar, cantar, ou obter um emprego melhor), como é o caso do termo “para fins específicos”. A proposta então é que se adote um conceito maior, mais abrangente, e possivelmente mais adequado: o de “Língua Adicional” (LEFFA; IRALA, 2014).

Finalmente, cabe mencionar nosso embasamento em trabalhos recentes de PLAc. A literatura da área permite notar ao menos três aspectos recorrentes, a saber: (1) o caráter de (in)dependência de PLA em relação à PLAc, no sentido de que este, embora tenha PLA como base, transcende seus limites teóricos e trata especificamente das demandas e características de um público em situação de imigração e deslocamento forçado, ou em vulnerabilidade social e econômica de alguma natureza; (2) a força do conceito no campo da Linguística Aplicada; e (3) a importância das escolas e universidades na efetivação de um acolhimento intercultural.

3. Metodologia

Este é um estudo de caso de abordagem qualitativa. O contexto da pesquisa é o município de Boa Vista-RR. Para a coleta de dados foram realizadas, no primeiro semestre de 2023, entrevistas semiestruturadas com três participantes de pesquisa, que assinaram um Termo de Consentimento Livre-Esclarecido (TCLE) e aceitaram participar voluntariamente do estudo. As participantes da pesquisa são 3 mulheres guianenses, professoras de línguas formadas e/ou em formação em cursos de licenciatura em Letras, cujas idades variam entre 29 e 45 anos. Utilizamos pseudônimos para assegurar o anonimato delas: Virgínia Woolf, Chimamanda e Clarice Lispector.

4. Resultados e discussões

Apresentamos nesta seção uma síntese das perspectivas e histórias de vida das participantes. Virgínia Woolf (45 anos) registra que seu primeiro ano no Brasil foi difícil, pois não sabia falar a língua portuguesa, e a razão para escolher morar no Brasil foi sua crença de que, aqui, a educação é mais avançada. Ela ingressou na faculdade pública em 2014, sua maior dificuldade foram as disciplinas de língua portuguesa, e relata dizendo que esperava encontrar professores mais capacitados na área da língua inglesa.

Clarice Lispector (44 anos) também afirma que seu primeiro ano no país foi o mais difícil, pois não sabia falar a língua portuguesa. Ela escolheu morar no Brasil por conta de dificuldades em sua gravidez, e decidiu ter sua filha aqui no país. Ela ingressou na faculdade pública em 2017, sua maior dificuldade no curso foram as disciplinas de língua portuguesa, e agradece o acolhimento que teve dos professores e alunos.

Chimamanda (29 anos) também considera seu primeiro ano no Brasil muito difícil, por conta de não saber falar a língua portuguesa. Seu motivo de vir ao país foi o fato de ter se casado com um brasileiro. Ela ingressou na faculdade particular em 2021. Sua maior dificuldade foi conciliar estudo e trabalho, e escrever o TCC. Ela agradece o suporte que teve no curso.

5. Considerações finais

Com o presente estudo, concluímos que: (1) o primeiro ano em um novo país/cultura é o mais desafiador, sobretudo em função das dificuldades com o PB em suas áreas mais específicas, como a sintaxe e a morfologia; (2) representações e crenças sobre a LI perpassam a formação docente; e (3) o papel do docente nos cursos de licenciatura Letras, enquanto professor formador de outros professores, é central na efetivação de práticas de acolhimento entre línguas.

Referências

GROSSO, M. J. Língua de acolhimento, língua de integração. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, 9(2): 2010. p. 61-7.

LEFFA, V. J. Transdisciplinaridade no ensino de línguas: a perspectiva das Teorias da Complexidade. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 6, n. 1, p. 27-49, 2006.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. (Org.) Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: EDUCAT, 2014.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SENE, L. S. *Materialidades e objetivos para o ensino de português como língua de acolhimento: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Brasília, Universidade de Brasília, 2017.

SILVA, M. V. da. Por uma outra terminologia teórica do português como língua de acolhimento no Brasil. *Revista Diálogos*, 11(1), 2023, p. 1–30.

A TRADUÇÃO COMO PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

TRANSLATION AS A METHODOLOGICAL PROPOSAL FOR TEACHING ENGLISH AS AN ADDITIONAL LANGUAGE

Eliane Milena Nolêto da Silva²⁷ (UERR)

elianemilena37@gmail.com

1. Introdução

A presença da língua inglesa (LI) em diversas esferas, sociais, econômica, política, educacionais, entre outras, mesmo em países onde não é a língua nativa, tem outorgado-lhe o poder de ser considerada mundialmente a língua mediadora utilizada nesses diferentes espaços, e a coloca em uma posição onde o termo língua adicional (LA), é mais apropriado ao de língua estrangeira (LE) - (SCHLATTER; GARCEZ, 2012), especialmente no contexto desta pesquisa, considerando o cenário multilíngue em que Roraima se estabelece, onde o português, o espanhol e o inglês convivem diariamente.

Com sua influência, a busca pela fluência da LI tem se tornado cada vez mais popular, e para isso, o uso de metodologias que aceleram esse processo. Como uma proposta de metodologia ativa (CORTELAZZO *et al.*, 2018) este trabalho apresenta um relato de experiência utilizando a tradução intersemiótica (JAKOBSON, 1959) como metodologia no ensino de Inglês como língua adicional.

2. Perspectiva teórica

Nesta pesquisa, adota-se o conceito de tradução segundo Jakobson (1959) que apresenta três modalidades da tradução: a interlinguística, a intralinguística e a intersemiótica. Para este trabalho, utilizo-me da tradução intersemiótica na elaboração e aplicação de uma atividade para alunos de nível A2²⁸.

Entende-se neste trabalho que a língua é uma parte intrínseca da cultura e para aprender uma nova língua é necessário haver uma troca cultural. Alguns meios que permitem esse intercâmbio são a literatura, o cinema, a arte, e a música. Dentro desses cenários, a tradução é uma ferramenta fundamental no processo de compreensão, ao considerar suas diferentes modalidades (JAKOBSON, 1959).

Tendo em conta os diferentes meios, propósitos e contextos onde a tradução pode ser usada, a sala de aula tende a ser um local hostil para praticá-la. Muito dessa crença se dá principalmente pela falta de métodos e materiais adequados para esse propósito (LUCINDO, 2006).

²⁷ Graduada em Licenciatura Letras-Inglês pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Aluna do curso de especialização Ensino de línguas pela Universidade Estadual de Roraima. Professora da rede pública do Estado de Roraima.

²⁸ Critério de habilidades de falantes em uma língua estrangeira conforme a tabela europeia: <<https://beeducation.tur.br/wp-content/uploads/2021/02/english-framework-3.pn>>

Dentro da sala de aula podemos considerar os conceitos de *tradução interiorizada* e *tradução pedagógica*, conforme acredita Hurtado Albir (1998). A primeira trata da tradução automática feita por todo aprendiz tendo como referência comparações com sua língua materna. A segunda, considera a tradução como instrumento didático. Neste estudo elas não são vistas distintamente, ao contrário, uma complementa a outra, pois a tradução pedagógica permite ao aluno maior eficiência na tradução interiorizada.

Para isso, consideramos o seguinte questionamento: De que forma a tradução, usada como proposta metodológica, pode beneficiar os alunos no processo de ensino e aprendizagem de inglês? Para responder a esta pergunta, concordamos com Silva, Daniel, Esqueda (2007) e Kahmann (2012) que defendem a tradução como mediadora linguística e cultural desde o princípio dos tempos, tornando-a uma estratégia comunicativa que permite o aprendizado de novas línguas.

3. Perspectiva metodológica

Este trabalho é um relato de experiência que adota a abordagem qualitativa, e considera o ensino de Inglês como língua adicional, propondo a tradução intersemiótica como metodologia ativa. Esta pesquisa se desenvolve no curso de extensão *Ensino de línguas adicionais*²⁹ na Universidade Estadual de Roraima. Foi ministrado pela autora deste trabalho em uma atividade utilizando-se da tradução intersemiótica em uma das aulas do curso, supervisionado pela professora titular Ma. Fernanda Lima.

4. Resultados e discussões

A atividade proposta ao público alvo deste trabalho se tratou de um exercício de fixação sobre o assunto que os alunos já estavam estudando, uma adaptação do texto literário *Romeo and Juliet* de Shakespeare. Na atividade, os alunos deviam associar as imagens apresentadas com uma parte do texto escrito. As imagens foram passadas em slides³⁰, e o aluno que encontrasse a parte do texto deveria lê-la, em seguida toda a turma lê a transcrição na tela. Esta atividade faz uso da tradução intersemiótica, pois segundo Jakobson (2005, p. 65) ela “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais”. Essa abordagem pode ser utilizada em diferentes exercícios na tradução pedagógica.

Durante a atividade viu-se que os alunos estavam engajados e participativos, utilizando habilidades de *skimming* e *scanning*³¹, para encontrar a resposta correta, para além do *reading*, os alunos também trabalharam seu *listening*, e *speaking*. Esta experiência apenas cimenta que a tradução pode ser usada de maneira produtiva no ensino de uma língua adicional, não como um fim para o aprendizado, mas como um meio de revisar e desenvolver outras habilidades e estratégias de aprendizado.

²⁹ Curso de extensão coordenado pelas docentes da Universidade Estadual do Pará, Dra. Cora Zambrano, Ma. Fernanda Lima e Ma. Iris Ramirez.

³⁰ Acesso a apresentação: < <https://docs.google.com/presentation/d/1Fr3jXCqYxxtsVQmsZhm3yoeKR5pi2-V/edit?usp=sharing&ouid=116476395791842621154&rtpof=true&sd=true> >

³¹ Estratégias de leitura comumente utilizadas. Para melhor compreensão recomendo a leitura de *Teaching by Principles: an interactive approach to language pedagogy*, por Brown (1994).

5. Considerações finais

Considera-se que muitos alunos já utilizam a tradução como ferramenta facilitadora do seu aprendizado, todavia, de modo inadequado, o que poderia prejudicar o processo de aprendizagem. Porém, ao usar a tradução de forma condicionada e orientada pelo professor, esta pode render bons resultados nesse processo, tais como a autonomia e o protagonismo na aprendizagem tão necessárias nesse âmbito.

É dentro desse e de outros aspectos mencionados anteriormente, que este trabalho desenvolve seus objetivos e discute suas reflexões, buscando contribuir para esta área de pesquisa e assim relacionar-se com outras temáticas dentro de seu escopo.

Referências

CORTELAZZO, Angelo et al. Metodologias ativas e personalizadas de aprendizagem: para refinar seu cardápio metodológico. Rio de Janeiro: Alta Brooks, 2018.

DANIEL, Fátima de Gênova; ESQUEDA, Marileide Dias; SILVA, Juliana Aguiar. O papel do tradutor e seu enfoque nos cadernos de tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Cadernos de Tradução, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. UFSC v. 2, n. 20, p. 71-100. 2007 ISSN: 2175-7968.

HURTADO ALBIR, A. "La traducción en la enseñanza comunicativa" In: *Cable: revista de didáctica del español como lengua extranjera*, 01, 1988, Madrid, p. 42-45. Disponível em: <https://www.libreria.culturaydeporte.gob.es/libro/ii-jornadas-internacionales-de-didactica-del-espanol-como-lengua-extranjera_3531/> Acesso em: 05 de out. de 2023.

JAKOBSON, Roman. On Linguistics aspects of translation. In: Fang, Achilles and Reuben A. Brower. On Translation. Boston: Harvard University Press, 1959. p.231-239.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 2007.

KAHMAN, Andrea. Introdução aos Estudos da Tradução. Apostila elaborada para a disciplina de Introdução aos Estudos da Tradução (Cód. 1403717), do Curso Letras/Libras da UFPB Virtual. Universidade Federal da Paraíba – UFPB 2010-2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/2741323-Introducao-aos-estudos-de-traducao.html>>. Acesso em 04/10/2023.

LUCINDO, Emy Soares. "Tradução e ensino de línguas estrangeiras." Scientia Traductionis, Florianópolis, SC. n. 03. p. 1-10 jan. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12933>> Acesso em: 04 de out. 2023.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês. Erechim: Edelbra, 2012.

CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA IMIGRANTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

COURS DE LANGUE PORTUGAISE POUR IMMIGRANTS: UN RAPPORT D'EXPERIENCE

Pedro Henrique Farias Vianna³² (IFRR)

pedrofanna@gmail.com

Orientação: Alex Rezende Heleno³³ (IFRR)

alex.rezende@ifrr.edu.br

1. Introdução

O ensino de Português como Língua Adicional (PLA) é uma área em constante debate, em que a troca de experiências entre professores e estudantes é fundamental para o avanço e melhoria da prática educativa. Nesse sentido, o Relato de Experiência surge como uma ferramenta importante para compartilhar práticas pedagógicas bem-sucedidas, identificar desafios e refletir sobre as práticas de ensino da língua portuguesa.

No contexto de Roraima, e mais especificamente na cidade de Boa Vista, o ensino da língua portuguesa para imigrantes é uma necessidade e torna-se uma ferramenta que pode facilitar a integração dessa população na sociedade e contribuir para sua comunicação, auxiliando nas necessidades básicas e nas questões mais formais de uso da língua. Portanto, os cursos devem ser adaptados às necessidades dos imigrantes, considerando sua cultura e seu contexto social, econômico e político. Além disso, é importante que os estudantes do curso de Letras e os professores de PLA sejam capacitados para lidar com a diversidade cultural e linguística dos imigrantes e que possam oferecer um ensino de qualidade, baseado em metodologias adequadas e recursos didáticos apropriados.

Desse modo, o Relato de Experiência, ora proposto, poderá contribuir ao fornecer perspectivas sobre o processo de ensino/aprendizagem de PLA, bem como estratégias eficazes e lições aprendidas, contribuindo com outros estudantes e professores a melhorarem as próprias práticas de ensino da língua portuguesa para imigrantes.

2. Perspectiva teórica

A designação de Português como Língua Adicional (PLA) tem sido utilizada com mais frequência nas últimas décadas, por seu caráter mais abrangente. O termo adicional pode ser aplicado a todas as demais nomenclaturas, exceto, claro, à primeira língua aprendida. Assim, a substituição ao termo “estrangeiro” (em Português como Língua Estrangeira) se dá pelo fato de poder sugerir estranho, exótico ou alheio – sentidos indesejáveis para o contexto de ensino/aprendizagem de línguas. (Bulla, Kuhn, 2020)

Nessa perspectiva (Bulla, Kuhn, 2020), o termo adicional não caracteriza a relação entre

³² Graduando em Letras Português, Espanhol e respectivas literatura pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR). Pesquisa realizada com apoio do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (PIBICT/IFRR).

³³ Doutor em Letras - Estudos Literários (UFJF). Professor no Instituto Federal de Roraima (IFRR). Pesquisa realizada com apoio do PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (PIBICT/IFRR).

as línguas como inferior ou superior, tampouco como substituta da primeira língua. Destaca-se a ideia de que a língua aprendida será acrescida à(s) outra(s) língua(s) que já constitui (constituem) o repertório linguístico do estudante. Desse modo, a língua adicional possibilita ampliar a participação do imigrante na sociedade, constituindo mais um recurso para que intervenha e aja no mundo. A língua, nesse contexto, passa a ser também do imigrante e não carrega em si a ideia de estrangeira ou estranha.

3. Perspectiva metodológica

O Relato de Experiência é uma ferramenta importante no ensino de Português como Língua Adicional, pois permite que o estudante extensionista e o professor coordenador possam compartilhar suas vivências em sala de aula, bem como os resultados alcançados em relação aos objetivos propostos para o curso. Dessa forma, o compartilhamento de experiências contribui para a construção de uma comunidade de práticas, em que os professores se ajudam mutuamente na busca por melhores resultados no ensino de PLA.

Para Daltro e Faria (2019) o Relato de Experiência é, na contemporaneidade, um importante produto do conhecimento científico, tendo em vista que se trata de um estudo teórico-prático cujo objetivo é a análise refinada de conhecimentos sobre a experiência em si, a partir do olhar do sujeito pesquisador, inserido em um determinado contexto histórico e cultural. Busca-se, assim, saberes inovadores para a prática docente, não sendo, portanto, uma obra-fechada.

4. Resultados e discussões

Diante da necessidade de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, nesse cenário de migração, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR - *campus* Boa Vista, já ofertou turmas do Curso de Língua Portuguesa para Imigrantes, havendo uma pausa durante a pandemia, mas retomando a oferta em março de 2023.

O curso, objeto desta pesquisa, foi ministrado por um docente efetivo, auxiliado por quatro estudantes extensionistas, matriculados no curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Espanhola. As aulas aconteceram, no *campus*, entre março e junho de 2023, nas terças e quintas-feiras, durante o turno noturno - 19 às 21 horas - por ser um horário mais favorável aos estudantes que trabalhavam. A ementa era trabalhada a partir de aulas temáticas que privilegiam a comunicação.

A partir da experiência no curso, podemos elencar diferentes pontos positivos: a participação constante dos estudantes durante as aulas, tirando dúvidas, expressando-se, questionando informações etc. O resultado do trabalho possibilitou a conclusão do curso por 40 estudantes, dos 48 inscritos. Como ponto positivo, há também a confirmação e a satisfação de estar fazendo a diferença quanto ao aprendizado da língua portuguesa, tão importante para o contexto dos imigrantes.

Como pontos negativos, forma de crítica e autocrítica na perspectiva de formação docente, podemos citar a dificuldade na seleção de alguns materiais adequados ao contexto dos imigrantes em Boa Vista, tendo em vista que muitos deles já haviam passado pelas dificuldades iniciais e, portanto, conheciam as temáticas trabalhadas. Contudo, como a turma era bastante mista, o conteúdo era válido para aqueles que haviam chegado ao Brasil há pouco

tempo. Outro ponto citado pelos estudantes, foi a ausência de mais textos e mais leituras.

Desse ponto de vista, a formação do professor deve ser também colocada em pauta e repensada para contemplar a perspectiva de Edleise Mendes: “[...] formar professores (de PLE/PL2), hoje, na universidade, exige das instituições e dos formadores novos modos de ação e a construção de variados conhecimentos e capacidades, que preparem o professor para atuar na diversidade e na complexidade [...]”. (2018, p. 66). Tais conhecimentos e capacidades são fundamentais para a tomada de decisões e para o empreendimento de ações políticas e pedagógicas adequadas, independentemente do contexto de ensino.

Por fim, a partir deste Relato de Experiência, constatamos, também a importância da formação do estudante de Letras com base em conteúdos específicos sobre o ensino da língua portuguesa na perspectiva de língua adicional. É preciso considerar, também, “[...] que a língua pode não ser o único ativo que o imigrante em situação de vulnerabilidade precisa para superar tal circunstância, por isso há a necessidade de políticas públicas adequadas para a recepção e para o auxílio a esses indivíduos.” (LOPEZ, p. 30, 2018). E a população precisa fazer parte dessa luta pelas políticas públicas que dê dignidade à toda a sociedade.

5. Considerações finais

Este Relato contribui, portanto, para pensar e repensar a proposta de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, no contexto acima descrito. Contribui, igualmente, para a formação inicial dos estudantes extensionistas, que estão cursando a Licenciatura em Letras e para a formação continuada de professores que não tiveram formação específica para o ensino de PLA durante a formação inicial.

Referências

BULLA, Gabriela da Silva; KUHN, Tanara Zingano. ReVEL na Escola: Português como Língua Adicional no Brasil - perfis e contextos implicados. ReVEL. vol. 18, n. 35, 2020.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. Estudos e pesquisas em psicologia. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

LOPEZ, Ana Paula de Araújo. A aprendizagem de português por imigrantes deslocados forçados no Brasil: uma obrigação? Revista x, Curitiba, volume 13, n.1, p. 9-34, 2018.

MENDES, Edleise. Formar professores de português L2/LE na universidade: desafios e projeções. In: KANEOYA, Marta Lúcia Cabrara Kfour (organizadora). Português Língua Estrangeira em contextos universitários: experiências de ensino e de formação docente. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018, p. 65-94.

ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA IMIGRANTES VENEZUELANOS NA CIDADE DE BOA VISTA-RR

ENSEÑANZA DE PORTUGUÉS COMO LENGUA ADICIONAL PARA INMIGRANTES VENEZOLANOS EN LA CIUDAD DE BOA VISTA-RR

Jéssica Pereira da Silva³⁴ (IFRR-EAD)

jpsjessa@gmail.com

Laura Maria da Silva³⁵ (IFRR-EAD)

lauramara50@gmail.com

Orientação: Sandra Palomino³⁶ (IFRR-EAD)

sandra.palomino@educacao.rr.gov.br

1. Introdução

Este trabalho tem como finalidade compartilhar a experiência do ensino da língua portuguesa como forma de acolhimento para auxiliar os imigrantes hispano-falantes a se integrarem na sociedade roraimense, situação causada pela crise econômica social e política na Venezuela. O tema é amplamente discutido no Brasil por se tratar de um país vizinho e tem provocado um forte fluxo de refugiados. A crise na Venezuela arrasta-se desde os últimos anos do governo de Hugo Chávez e tomou grandes proporções, na política e economia, durante o governo de Maduro. Os fluxos migratórios trazem consigo uma série de desafios principalmente, no que diz respeito ao gerenciamento de diferenças de línguas e culturas entre a população local e os imigrantes. Desde seu início, a criação e implantação de um curso de licenciatura a distância tem possibilitado, à equipe de alunos EAD-IFRR contribuir com os cursos de extensão do IFRR por meio de uma oficina de Português como língua adicional (PLAc) oferecida aos imigrantes venezuelanos como forma de integração no Brasil. Neste sentido, pode-se dizer que as novas tecnologias têm contribuído para quebrar paradigmas e planejar algo novo no cenário do ensino de PLAc.

Essas circunstâncias constituem um desafio, dada a complexidade de se orquestrar os recursos tecnológicos e humanos para viabilizar um curso dessa natureza. Os objetivos da oficina consideravam: Compreender conteúdos necessários para se apresentar em uma entrevista de emprego, nosso foco era a utilização da entrevista como recrutamento de pessoas durante processo seletivo, de forma que o participante aprenda novas palavras em Língua Portuguesa.

Com a oficina, objetivamos que os participantes compreendessem os conteúdos necessários para se apresentar em uma entrevista de emprego e assim, ajudar os imigrantes a facilitar o processo de integração na sociedade brasileira. A ideia utilizada como metodologia

³⁴ Discente do curso Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Espanhola – IFRR-EAD.

³⁵ Discente do curso Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Espanhola – IFRR-EAD

³⁶ Professora orientadora do curso Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Espanhola – IFRR-EAD. Doutoranda em educação UFPA.

foi a entrevista de emprego, assim como estimular a memória visual, como vídeo aulas, slides, simulações cotidianas, dinâmicas aplicadas na prática, que surtiu um efeito positivo tanto para os ministradores contribuindo na sua prática de ensino como futuros professores, quanto aos imigrantes, os quais adquiriram mais confiança para se comunicar na língua portuguesa.

2. Perspectiva teórica

Devemos considerar que a Língua de Acolhimento (LAc) diferencia-se da Língua Estrangeira (LE), pois a LE é estudada em outro país, de outra cultura (Almeida Filho, 2007) e na maioria das vezes com interesses no turismo ou área acadêmica.

Sendo assim, a LAc pode ser considerada uma segunda língua (L2), ou seja, além do contato e a interação social, por ser estudada em contexto de imersão, a LAc, de acordo com Grosso (2010), ultrapassa os limites da L2, por incluir também os temas específicos como conseguir um lugar onde morar, procura de emprego, se comunicar nas instituições como hospital, escola, supermercado, isto é, a integração do imigrante no país de acolhimento.

Refere-se ao ensino–aprendizagem de português como língua de acolhida em contextos migratórios, como afirma Grosso (2010), a Língua de Acolhimento (PLAc) ultrapassa as dimensões de uma língua estrangeira (LE) ou de uma segunda língua (L2), pois inclui a abordagem do domínio profissional, dos direitos sociais e da integração temporária ou permanente ao país de acolhimento. PLAc “é um gesto político de visibilização de uma demanda social” (Grosso, 2010, p. 54). Zambrano (2018, p.936) aponta que mais do que tolerância, para o ensino de PLAc é necessária uma prática docente com respeito mútuo à diferença, ou seja, a prática da alteridade e da interculturalidade.

Desta forma, para Zambrano (2019) o ensino-aprendizagem da língua de acolhimento volta-se para uma urgente necessidade de sobrevivência. A autora também afirma que a barreira linguística resulta no afastamento das pessoas que não compreendem a língua. Assim, pode ocorrer um distanciamento da sociedade de acolhimento e a falta de conhecimento da LAc impede o imigrante ou refugiado se integrar na nova sociedade.

3. Perspectiva metodológica

A oficina “Entrevista de emprego: como se preparar” faz parte do componente curricular Prática Como Componente Curricular I, do curso de Licenciatura em Letras – Português/Espanhol e Literatura Hispânica como forma de avaliação dos acadêmicos e de extensão à comunidade. Esta etapa finaliza um projeto interdisciplinar que envolveu oito componentes integrando ensino e pesquisa. A oficina foi desenvolvida em Boa Vista, capital de Roraima, com metodologia de pesquisa qualitativa com aplicação de um questionário para conhecer as necessidades do público-alvo, depois foi elaborado um plano de aula da oficina e finalmente um cartaz em espanhol e português para divulgação da oficina.

Para a oficina optamos pelo gênero textual “entrevista” que possui características específicas e é amplamente utilizado em diversas áreas, como jornalismo, pesquisa, psicologia, recursos humanos, entre outras. Nosso foco é a utilização da entrevista como recrutamento de pessoas durante processo seletivo, de forma que o participante aprenda novas palavras em Língua Portuguesa. Conteúdo da oficina: Estrutura textual empregada em

entrevistas: perguntas, formas de respostas; marketing pessoal; expressão verbal e não-verbal.

A sequência didática continha um momento de apresentação oral e escrito em LP, orientações sobre a postura correta em uma entrevista e simulação de entrevista de emprego. Esse exercício prático permitiu que os participantes ganhassem mais confiança e habilidades para enfrentar futuras entrevistas de emprego. Além disso, a troca de papéis entre candidato e entrevistador proporcionou uma perspectiva mais completa sobre os desafios envolvidos em ambos os lados do processo seletivo.

4. Resultados e discussões

Com a oficina, objetivamos que os participantes compreendessem os conteúdos necessários para se apresentar em uma entrevista de emprego. O público-alvo era composto por adultos venezuelanos que aguardam processo de interiorização para outros estados brasileiros. Estes imigrantes são ainda atendidos pela Casa de Passagem Pe. José Maria Vélaz, mantida pela Fundação Fé e Alegria. Durante a estadia na casa, por um período de até 60 dias, eles recebem além dos cuidados básicos como hospedagem e alimentação, aulas de português, atividades recreativas, palestras sobre cuidados com a saúde e orientações sobre direitos e deveres de acordo com a legislação brasileira.

Dentre os resultados, observamos que os participantes, mesmo com pouco tempo de estadia no Brasil, compreendem a Língua Portuguesa e demonstram bastante interesse em aprendê-la, notamos através das falas. Alegaram ainda que suas maiores dificuldades estavam na escrita, visto que ao responderem uma atividade durante a oficina, as respostas foram todas escritas em espanhol.

5. Considerações finais

A curricularização da extensão do IFRR proporcionou a nós, discentes, excelente oportunidade de desenvolvermos trabalhos docentes logo no primeiro ano do curso. Já para o grupo participante, a oficina forneceu instrumentos linguísticos e sociais para que levassem consigo em sua nova cidade, visto que todos foram interiorizados. Ao final da oficina observamos que os participantes saíram mais motivados e que perceberam a oficina de língua portuguesa como língua de acolhimento como uma oportunidade de inserir-se na sociedade brasileira e aprimorar comportamentos para uma entrevista de emprego.

Referências

ALMEIDA FILHO, J.C.P. Índices nacionais de desenvolvimento do ensino de português língua Estrangeira. In: CUNHA, C. M. J. e ALMEIDA FILHO, J. C. P. Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas. Brasília, DF: EdUnB. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2007. p. 39-55.

GROSSO, M. J. R. Língua de acolhimento, língua de integração. In: Revista Horizontes de Linguística Aplicada. Vol. 9, n. 2. Brasília, 2010, s.p. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/viewArticle/5665>.

GROWME. Lenguaje Verbal y No Verbal en la Entrevista de Trabajo. ON-LINE.
Acesso:31/07/23.

INDEED. Cómo prepararse para una entrevista de trabajo (candidato). ON-LINE.
Acesso:29/07/23.

TRABAJAR POR EL MUNDO. 8 Consejos para encontrar trabajo a través de las Redes Sociales.
ON-LINE Acesso em 29 de julho de 2023.

UNIVERSIDAD TECNOLÓGICA DEL PERÚ. ¿Por qué es importante el Marketing Personal? ON-
LINE. Acesso em 21 de julho de 2023.

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo. Experiências de ensino de português como língua não
materna em contextos de fronteira e imigração em roraima. *Círculo Fluminense de Estudos
Filológicos e Linguísticos. Revista Philologus, Ano 24, N° 72. Rio de Janeiro: CiFEFiL,
set./dez.2018.*

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo. Português como língua de acolhimento em roraima: da
falta de formação específica à necessidade social. *Revista X, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 16-32, jul.
2019. ISSN 1980-0614. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/60942>>.*
Acesso em: 15 out. 2023.

“DICEN POR LAS CALLES”: (AUTO)NARRATIVAS DE VENEZUELANOS SOBRE PORTUGUÊS LÍNGUA DE ACOLHIMENTO EM RORAIMA

*“DICEN POR LAS CALLES”: (AUTO)NARRATIVAS DE VENEZOLANOS SOBRE PORTUGUÉS
LENGUA DE ACOGIDA EN RORAIMA*

Alondra Rafaela Roque Gonzalez³⁷ (UFRR)

alondra.roque97@gmail.com

Alan Ricardo Costa³⁸ (UFRR)

alan.dan.ricardo@gmail.com

1. Introdução

A cifra de pessoas em situação de deslocamento forçado tem aumentado ao redor do mundo, atingindo o número de 108,4 milhões de pessoas em 2022, segundo dados do relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). O Brasil asila um número crescente de imigrantes: apenas em 2022 as solicitações de refúgio chegaram à marca de 50.355 pedidos, dentre as quais, segundo dados do relatório Refúgio em Números do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), se destaca o caso da Venezuela. Destarte, o presente trabalho tem como temática central o contexto de migração venezuelana em Boa Vista, Roraima, e os desafios de aprendizagem/aquisição de Português como Língua Adicional (PLA), de forma geral, e de Português como Língua de Acolhimento (PLAc), de forma mais específica. Enquanto “conceito guarda-chuva” (LÔPO RAMOS, 2021), PLA abarca fenômenos variados, como PLAc, que se mostra urgente em razão do considerável número de imigrantes e refugiados em RR.

O objetivo geral do estudo é investigar questões linguísticas e culturais que emergem nas/das (auto)narrativas de venezuelanos que hoje residem em Boa Vista-RR, sobretudo no que tange ao Português Brasileiro (PB). Parte-se do seguinte pressuposto: a Linguística Aplicada – enquanto área transdisciplinar pós-moderna e crítica – pode se valer da compreensão de fenômenos, padrões e recorrências inerentes e subjacentes às narrativas (que são sempre autonarrativas) de venezuelanos no que diz respeito à aprendizagem de línguas.

2. Perspectiva teórica

Este trabalho está teoricamente situado no campo da Linguística Aplicada, área indisciplinar, transgressiva e decolonial de estudos de linguagem como prática social.

No campo da LA são mobilizados conceitos teóricos que contribuem para a pesquisa, tais quais “aprendizagem de língua” e “aquisição de língua”. Com base em Leffa (2016, p. 22),

³⁷ Acadêmica do curso de Letras – Português e Espanhol pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Bolsista de Iniciação Científica (IC) do projeto de pesquisa “Emergências linguísticas e culturais das/nas autonarrativas de roraimenses”. Pesquisa realizada com apoio de Bolsa CAPES.

³⁸ Doutor em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Professor dos cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

entende-se “por aprendizagem o desenvolvimento formal e consciente da língua, normalmente obtido através da explicitação de regras”, enquanto a aquisição, por sua vez, “é o desenvolvimento informal e espontâneo da segunda língua, obtido normalmente através de situações reais, sem esforço consciente”. Logo, aprendizagem é um processo mais regrado, metódico, enquanto a aquisição conta com um caráter menos formal, é mais imprevisível e caótico. Quando se trata de uma segunda língua, na aprendizagem, o enunciado tem origem na língua materna (LM), podendo conscientemente passar para a segunda língua. Na aquisição, o enunciado já se origina diretamente na segunda língua (LEFFA, 2016, p. 22).

Outro conceito teórico mobilizado é o de PLAc. Para Lopez e Diniz (2018), PLAc pode ser entendida como a ramificação da subárea de PLA, que se dedica ao ensino de português para imigrantes, com destaque para deslocados forçados, que estejam em situação de vulnerabilidade e que não tenham o português como LM. Os mesmos autores ressaltam, contudo, que PLAc não pode ser visto como uma mera “adaptação” de saberes produzidos no PLA, tampouco pode ser considerada uma especialidade “completamente diferente” de toda e qualquer outra de ensino de PLA. É uma especialidade transdisciplinar, que demanda um contínuo diálogo com diferentes campos – como a Antropologia, as Ciências Sociais, o Direito, a Geografia, a História, a Linguística, da Psicologia e as Relações Internacionais, por exemplo (LOPEZ; DINIZ, 2018).

3. Método

No que diz respeito à metodologia, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa (PAIVA, 2019), desenvolvida a partir de entrevistas autonarrativas com 17 venezuelanos que aceitaram participar voluntariamente do estudo. Recorremos ao modelo de entrevista semiestruturada, que, apesar de contar com um roteiro prévio de perguntas, é suficientemente aberto às interações, adaptações de perguntas, mudança da ordem dos questionamentos etc. O roteiro de 11 perguntas foi previamente preparado com base em trabalhos anteriores na área de PLAc. As perguntas selecionadas tratavam dos seguintes tópicos: 1. Primeiro contato com o português; 2. Chegada a Boa Vista e primeiro contato com a cidade; 3. Dificuldades na inserção na sociedade brasileira; 4. Pessoas importantes no processo de aprendizagem do português; 5. Participação em aulas de Português; 6. Nível de comunicação em português e principais dificuldades; 7. Domínio de outras línguas além da língua materna; 8. Impacto dos conhecimentos prévios de outras línguas na aprendizagem do português; 9. Preferências e desafios na língua portuguesa; 10. Uso de meios tecnológicos para o aprendizado/prática da língua portuguesa; 11. Planos futuros de mudança e moradia.

Os participantes da pesquisa são pessoas com faixa etária entre 18 e 44 anos, entrevistados de forma randômica nas ruas de Boa Vista, Roraima. A maioria dos participantes teve seu primeiro contato com o PB na chegada ao Brasil, com dificuldades iniciais de compreensão. Alguns poucos participantes mencionaram experiências prévias de estudo do PB ainda na Venezuela.

4. Resultados e análises

Os resultados da pesquisa indicam que (1) a maioria dos entrevistados não participou de aulas formais de PB, principalmente devido à falta de tempo e à dificuldade de conciliar o trabalho com os estudos; entretanto, a importância das aulas oferecidas por organizações

como a Caritas foi mencionada; (2) o primeiro ano em um novo país mostrou-se o mais difícil, seja pelas questões de diferenças culturais e idiomáticas, seja pelas questões de vulnerabilidade social subjacentes à migração forçada; (3) quando questionados sobre a adaptação em Boa Vista, os participantes apresentaram relatos variados sobre a chegada até aqui e o período inicial, incluindo sentimentos de desconfiança e um processo de adaptação gradual; (4) familiares, amigos brasileiros e clientes foram citados como fundamentais na jornada de aprendizado do português; ter alguém para conversar e explicar o idioma foi essencial para melhorar as habilidades linguísticas; e (5) são recorrentes nas autonarrativas dos participantes da pesquisa memórias e episódios onde estão implicadas as obrigatoriedades da aprendizagem do PB, principalmente para que o migrante venezuelano possa se inserir de forma efetiva na sociedade e no mercado de trabalho.

5. Considerações finais

Conclui-se, de forma geral, que ainda há um longo caminho de melhoria e aprimoramento das práticas de acolhimento intercultural e entre línguas, seja em espaços educacionais, seja no âmbito das políticas públicas e linguísticas.

Referências

LEFFA, V. J. Língua estrangeira: ensino e aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2016.

LOPEZ, A. P. A.; DINIZ, L. R. A. Iniciativas Jurídicas e Acadêmicas para o Acolhimento no Brasil de Deslocados Forçados. Revista da Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira, Brasília, Edição especial n. 9, s/p 2018.

LÔPO RAMOS, A. A. Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, 13(01), 233–267. 2021.

PAIVA, V. L. M. O. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2019. 160p.

VENEZUELANOS NA ESCOLA PÚBLICA À LUZ DA COMPLEXIDADE: PORTUGUÊS LÍNGUA DE ACOLHIMENTO EM BOA VISTA-RR

VENEZOLANOS EN LA ESCUELA PÚBLICA A LA LUZ DE LA COMPLEJIDAD: PORTUGUÉS LENGUA DE ACOGIDA EN BOA VISTA-RR

Peonia Ribeiro Silva³⁹ (UFRR)

Peoniaribeiro2005@gmail.com

Alan Ricardo Costa⁴⁰ (PPGL-UFRR)

alan.dan.ricardo@gmail.com

Vanessa Ribas Fialho⁴¹ (UFSM)

vanessafialho@gmail.com

1. Introdução

A diversidade cultural e étnica é uma característica preeminente das sociedades contemporâneas. No contexto da globalização e das ondas migratórias cada vez mais intensas, o tema do acolhimento e da inclusão linguística se torna ainda mais relevante (e.g. SILVA, 2023; SILVA; ZAMBRANO, 2021; GROSSO, 2010). Assim, é fundamental que reflitamos sobre a importância da abordagem do Português como Língua de Acolhimento (PLAc) para migrantes/refugiados, como forma de promover a integração social e cultural desses indivíduos. Nesse sentido, ao oportunizar aos migrantes aprender a língua do país de acolhimento, precisamos considerar as complexidades implicadas, bem como as condições iniciais (LEFFA, 2006; COSTA, 2021) para que eles possam participar ativamente da sociedade que os recebe e usufruir plenamente de direitos e deveres.

Com efeito, PLAc possibilita (ou deve possibilitar) a compreensão dos códigos e valores culturais, facilitando a integração no ambiente de trabalho, na educação, na vida cotidiana e nas relações interpessoais para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e diversa. Isso demanda um olhar complexo sobre a crise política, econômica e social enfrentada pela Venezuela, que, nos últimos anos, tem levado muitos de seus cidadãos a buscarem refúgio em países vizinhos, incluindo o Brasil. Logo, devemos lidar com a integração desses migrantes em diversos âmbitos, incluindo o sistema de educação. A chegada massiva de venezuelanos à escola pública brasileira tem gerado uma série de desafios, tanto para os estudantes migrantes como para as instituições de ensino. Destarte, neste trabalho, temos por objetivo geral analisar a realidade dos alunos venezuelanos imersos na sala de aula da escola pública de Boa Vista-RR, na perspectiva da Teoria da Complexidade (MORIN, 2011). Os objetivos específicos são: (1) verificar as questões linguísticas e culturais implicadas no processo de aprendizagem de

³⁹ Acadêmica do curso de licenciatura em Letras Português e Espanhol da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

⁴⁰ Doutor em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR).

⁴¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Professora do Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais em Rede (PPGTER) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Português Brasileiro (PB); e (2) analisar se o “acolhimento” se efetiva no ambiente da sala de aula de língua portuguesa.

2. Base teórica

O presente trabalho encontra-se teoricamente situado no campo de investigação da Linguística Aplicada (LA), que tem como características principais a transdisciplinaridade, o viés crítico e a perspectiva decolonial (MOITA LOPES, 2006). Isso possibilita que questões de língua(gem) como prática social sejam vislumbradas à luz de perspectivas teóricas que, inicialmente, não foram pensadas para questões linguísticas, mas que inegavelmente serve para elas, tais quais as teorias do Pensamento Complexo (LEFFA, 2006).

O Pensamento Complexo, amplamente popularizado pelo trabalho do filósofo Edgar Morin (2015), possibilita pensar de forma mais profunda os sistemas que, conectados, de forma holística, compõem a nossa vida. Nesse sentido, com base na Teoria do Caos/Complexidade, entendemos a sala de aula como um Sistema Adaptativo Complexo (SAC): dinâmico, caótico, imprevisível, aberto e sensível a condições iniciais. De igual forma, os processos de ensino e de aprendizagem de línguas são também SACs (LEFFA, 2006; COSTA, 2021).

O suporte teórico do Pensamento Complexo está mobilizado para as questões de PLAc. Com base em Moraes, Costa e Silva (no prelo), a literatura da área permite notar dois aspectos recorrentes sobre PLAc: (1) este, embora seja oriundo do conceito de “Português Língua Adicional”, transcende seus limites teóricos e trata especificamente das demandas e características de um público em situação de imigração e deslocamento forçado, ou em vulnerabilidade social e econômica de alguma natureza; (2) as escolas e universidades têm papel fundamental na efetivação de um acolhimento intercultural e linguístico de migrantes.

3. Metodologia

No que diz respeito à metodologia, este trabalho, de abordagem qualitativa, será efetivado a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente com estudantes venezuelanos com idades entre 13 e 15 anos. Estes participantes voluntários da pesquisa estão regularmente matriculados em uma escola pública de Educação Básica no bairro Jóquei Clube, Boa Vista, RR.

Para a entrevista semiestruturada, pensamos nas questões a seguir:

1. Há quanto tempo você está no Brasil?
2. Como é estar em sala de aula no Brasil sendo venezuelano?
3. Você conhecia a língua portuguesa antes de vir para o Brasil? Já havia tido algum contato? Fale um pouco sobre.
4. O que você acha das aulas de língua portuguesa? O que você mais gosta nessas aulas?
5. Quais são suas principais dificuldades nas aulas de língua portuguesa?
6. O que tem feito para tentar superar essas dificuldades?
7. Como você se relaciona com os seus colegas? Você se relaciona tanto com os colegas

venezuelanos quanto com os brasileiros? Tem diferenças nessas relações?

8. De que forma você acha que sua convivência com as pessoas da escola poderia ser melhor?

9. Você sente que tem diferenças entre "estudar na Venezuela" e "estudar no Brasil" no que diz respeito à sua participação nas aulas?

10. Você se sente desafiado a interagir nas aulas de português? Como você se sente nas aulas? Comente um pouco sobre.

4. Resultados previstos e considerações finais

Com a presente pesquisa, ainda em andamento, esperamos contribuir com estudos sobre PLAc que buscam compreender e analisar as principais dificuldades enfrentadas por migrantes venezuelanos no ambiente escolar. Pretendemos contribuir principalmente com a perspectiva teórica da Complexidade (LEFFA, 2006; MORIN, 2015), que pode auxiliar no acolhimento linguístico e no acesso a uma educação intercultural de qualidade para todos.

Referências

- COSTA, A. R. Contribuições para uma cartografia complexa da ontoepistemogênese: autonarrativas e formação docente na Educação a Distância. 2021. 189f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul - RS, 2021.
- GROSSO, M. J. Língua de acolhimento, língua de integração. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, 9(2): 2010. p. 61-7.
- LEFFA, V. J. Transdisciplinaridade no ensino de línguas: a perspectiva das Teorias da Complexidade. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 6, n. 1, p. 27-49, 2006.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SILVA, M. V. da. Por uma outra terminologia teórica do português como língua de acolhimento no Brasil. *Revista Diálogos*, 11(1), 2023, p. 1–30.
- SILVA, M. V. da; ZAMBRANO, C. E. G. Do Global ao Local no Ensino de PLAc em Roraima: por uma formação de histórias locais. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 24, p. 207-225, 2021.

UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO SINOPSE DURANTE O ESTÁGIO DE ESPANHOL NO ENSINO REMOTO

UNA EXPERIENCIA CON EL GÉNERO SINOPSIS EN LA PRÁCTICA DOCENTE DE ESPAÑOL EN LA ENSEÑANZA REMOTA

Patrícia Lima Pantoja⁴² (UFRR)

patricialimads7@gmail.com

Maria Pastora Michilis B. de Araújo⁴³ (SEED/RR)

pastora192@gmail.com

Orientação: Ancelma Barbosa Pereira⁴⁴ (UFRR)

ancelma.pereira@ufr.br

1. Introdução

A Oficina “Espanhol en Acción: aprendendo Espanhol por meio de filmes e do gênero sinopse” ocorreu como forma alternativa para realização do estágio supervisionado. Visto que estávamos em um contexto de pandemia, devido ao vírus Sars-Cov-2, causador da doença COVID-19, o estágio não pode ocorrer da forma tradicional, isto é, nas escolas de educação básica que possuíam o público-alvo. Devido a isso, a prática de ensino ocorreu de maneira remota, assim, foram ministradas oficinas online, no período de 05 a 19 de abril de 2021, com duração de 15 horas, cujo público-alvo foram os alunos do ensino médio de diferentes escolas interessados em participar das oficinas.

Como dito anteriormente, devido a Pandemia da COVID-19, as pessoas passaram a ficar mais tempo em casa; pois muitas empresas e diversos setores tiveram que aderir ao modo *home office*, ou seja, o modo presencial de trabalho teve que ser substituído pelo trabalho remoto (realizado em grande parte pela internet). Na educação não foi diferente, escolas e universidades aderiram ao ensino remoto para assim preservarem a saúde de todos. Considerando que a população passou a ficar mais tempo em casa, principalmente os estudantes que estavam tendo aulas apenas online, as plataformas de streaming se tornaram a principal fonte de entretenimento para assistir filmes e series. A partir desse cenário, trabalhamos com o gênero textual sinopse como ferramenta de aprendizagem de língua espanhola. Por meio do ensino desse gênero discursivo, a oficina teve como objetivos: 1- Geral: Saber selecionar, classificar e resumir conteúdos de entretenimento audiovisual por meios do gênero sinopse em língua espanhola. 2- Específicos: a- Compreender as características do gênero textual sinopse de filme; b- Empregar verbos no presente do indicativo; c- Empregar adjetivos; d- Produzir uma sinopse de um filme produzido em língua espanhola.

⁴² Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Espanhola pelo Centro Universitário – UNIABEU. Professora de Língua Portuguesa e Espanhola do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (Cap/UFRR).

⁴³ Professora de Língua Espanhola do Estado de Roraima.

⁴⁴ Mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora no curso de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

2. Perspectiva teórica

O uso de gêneros textuais discursivos no processo de ensino-aprendizagem representa uma aproximação dos alunos ao contexto social que os rodeia, pois segundo Marcuschi (2010, p. 19) gêneros textuais são entidades sociodiscursivas presentes nas diferentes situações de comunicação. O autor diz ainda que “usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas” (*ibid.*, p. 23).

Os filmes, séries, músicas e jogos ganharam espaço nas salas de aulas da educação básica. Os livros didáticos, atualmente, buscam trabalhar os conteúdos sistêmicos a partir de gêneros textuais, para que assim os alunos possam aprender os conteúdos de língua partindo de textos presentes no cotidiano. Com base nisso, a tecnologia torna-se cada vez mais presente no ambiente educacional e em determinados momentos assume papel fundamental para auxiliar o professor em suas aulas (BEHRENS, 2000 *apud* MARTINES *et al.*, 2018, p. 2).

Dessa forma, selecionamos o gênero textual sinopse de filme para assim alcançar os objetivos propostos no projeto da oficina. Sendo a sinopse um tipo de resumo, nos embasamos no referencial apresentado por Souza, Corti e Mendonça (2012, p. 74-106) para definir resumo, pois para as autoras resumir é “uma atividade que realizamos desde os primeiros anos de aquisição da linguagem e à qual estamos expostos em diversas situações em nossa vida” (*ibid.*, p.74) e que “inúmeros gêneros trazem resumos de um texto-fonte ou de um conteúdo, como as resenhas, as sinopses de filmes, os artigos de opinião[...]” (*ibid.*, p.75). Assim, o referido gênero textual possui a função de antecipar algumas informações principais de determinada obra para o público, com o objetivo de instigar o leitor a assistir ao filme.

3. Perspectiva metodológica

O gênero textual sinopse de filme foi trabalhado por meio de sequência didática, esta é definida por Schneuwly e Dolz (2010, p.82) como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, cuja finalidade é “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2010, p.83).

A sequência didática apresenta as seguintes etapas: a) apresentação da situação, que descreve detalhadamente a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar; b) primeira produção, na qual os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito; c) módulos, os quais estão constituídos por várias atividades que permitem aos alunos trabalharem os problemas encontrados na primeira produção; d) produção final, que permite aos alunos por em prática os conhecimentos adquiridos nos módulos (SCHNEUWLY; DOLZ, 2010, p.84-91). Devido ao tempo destinado à oficina, essas etapas sofreram algumas alterações para que fosse possível aplicá-las.

4. Resultados e discussões

A proposta da oficina trouxe bons resultados na aprendizagem dos alunos, visto que estes demonstraram um bom desempenho na realização das atividades que foram propostas

ao longo da oficina. Os alunos compreenderam os conteúdos explicados, pois em suas produções textuais, atividade principal da oficina, conseguiram abranger quase todos os elementos avaliativos, tanto dos conteúdos linguísticos quanto os não linguísticos.

Na entrega da primeira versão, três alunos optaram por entregarem na língua espanhola. Os alunos que entregaram primeiro em português, utilizaram dicionários e tradutores para a tradução, principalmente os dicionários online que sugerimos. Um aluno informou que além dos dicionários online, também utilizou um dicionário físico que tem em sua casa. Os desvios mais recorrentes que encontramos foram: uso de preposição, pronomes possessivos, uso de alguns substantivos e algumas palavras que estavam em português. Sobre as palavras que ficaram em português, notamos que poderia ser pelo Word dos alunos estarem no idioma português, com isso, algumas palavras mais semelhantes ao português são automaticamente traduzidas novamente. Ao compararmos a primeira com a última versão da produção dos alunos, notamos algumas mudanças significativas. De uma forma geral, os alunos melhoraram suas produções ao compararmos a versão inicial com a final e conseguiram produzir uma sinopse.

5. Considerações finais

Realizar o Estágio em Língua Estrangeira - Espanhol por meio de oficina online foi uma experiência diferente e muito enriquecedora para nossa formação docente, pois contribuiu de maneira significativa cada um dos momentos vivenciados nesse contexto de ensino remoto. As dificuldades serviram para entendermos que ser professor não é uma tarefa fácil, sempre teremos inúmeros obstáculos como falta de conexão com a internet, dificuldades na hora de reproduzir os vídeos ou apresentar slides, mas essas dificuldades nos proporciona a capacidade de contornar os obstáculos e buscar soluções aos problemas. Além disso, a relação que estabelecemos com os alunos contribuiu tanto para nossa experiência profissional quanto pessoal, pois passamos a compreender algumas dificuldades que os alunos encontram no caminho da aprendizagem.

Referências

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela *et al.* Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

MARTINES *et al.* O uso das TICs como recurso pedagógico em sala de aula. In: Congresso internacional de tecnologias: encontro de pesquisadores em educação a distância, 2018, São Carlos - SP. Anais de congresso, São Carlos: [], 2018, p.1-12.

SOUZA, A. L. S.; CORTI, A. P.; MENDONÇA, M. Letramentos no ensino médio. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 74-106.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* Gêneros orais e escritos na escola. 2 a ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 91-108.

APRENDENDO ESPANHOL POR MEIO DA FÁBULA: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DURANTE A PANDEMIA

APRENDIENDO ESPAÑOL A TRAVÉS DE LA FÁBULA: UNA EXPERIENCIA EN LA PASANTÍA DURANTE LA PANDEMIA

Luana Yakira Rodrigues Mendes⁴⁵ (UFRR)

luanayakira5@gmail.com

Vitória Katherynne da Costa Holanda⁴⁶ (UFRR)

vivikathryn@gmail.com

Orientação: Prof^a. Ancelma Barbosa Pereira⁴⁷ (UFRR)

celmacielo@yahoo.com.br

1. Introdução

A disciplina LEM 013 Estágio Supervisionado em Língua Estrangeira – Espanhol – Ensino Fundamental faz parte das atividades acadêmicas do curso de Letras Português e Espanhol da Universidade Federal de Roraima (UFRR) com uma carga horária de 120 horas divididas entre parte teórica (30h) e prática (90h). A disciplina tem como objetivo levar os discentes a reflexão acerca do processo de ensino aprendizagem de língua estrangeira e a ação do professor no ensino regular por meio da observação da realidade escolar e prática de regência. Inicialmente, o plano de ensino deveria ser elaborado com base na observação e vivência com a turma de 7º ano do Colégio de Aplicação - UFRR, contudo, devido ao contexto da época em que o ensino se dava de forma remota e a diferença entre os calendários da UFRR e do Colégio de Aplicação não foi possível realizar a observação das aulas síncronas da turma, de forma que, o plano de ensino foi realizado com base no estudo do plano de ensino da professora responsável pela turma. O Colégio de Aplicação é uma escola pública que oferta o ensino fundamental I e II, além do ensino médio. O estágio foi realizado durante o período de agosto a outubro de 2021, em duas turmas do sétimo ano de ensino fundamental, totalizando um total de 49 alunos, na faixa etária dos doze aos treze anos de idade.

As observações no contexto de ensino, mais especificamente na sala de aula, serviriam para se obter um perfil dos alunos e com base nisso uma problematização de ensino seria levantada para se trabalhar determinado tema. Devido ao impedimento que se tinha, a problematização foi realizada de acordo com o contexto social/educacional mais amplo dos alunos. Dessa forma, optou-se por trabalhar com os alunos a temática da inclusão social das pessoas com deficiências (PcD) visto que as aulas ocorreram mais ou menos no mesmo período em que ocorreram as paraolimpíadas em Tóquio – Japão, em que teve representantes brasileiros. Logo, partindo dessa premissa, debateu-se a questão das diferenças entre as

⁴⁵ Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (UFRR) com o apoio da Bolsa CAPES.

⁴⁶ Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

⁴⁷ Professora da Universidade Federal de Roraima, orientadora do Estágio em Espanhol Língua Estrangeira no curso de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

peças e a importância da aceitação e do respeito ao próximo, visando levar os alunos a uma reflexão acerca de uma temática importante na sociedade e contribuir para o seu desenvolvimento como cidadão.

A partir disso e da análise do plano de ensino da professora supervisora optou-se por trabalhar o tema "Inclusão Social", com a perspectiva de que "la enseñanza de Lenguas se relaciona a la formación de los individuos y al desarrollo de la comprensión de ciudadanía y heterogeneidad lingüística y sociocultural" (COUTO, 2016, p. 57), em outras palavras, o ensino de línguas está diretamente relacionado ao desenvolvimento social do discente, posto que trata-se de um indivíduo em formação, que deve também aprimorar seus conhecimentos sobre cidadania.

Para isso, escolheu-se o gênero Fábula, visto que "este tipo de narrativa é de perspectiva didática por trazer noções de certo e errado, deveres e direitos, benevolência e malevolência, tornando-se capaz de deter facilmente a atenção de crianças, adolescentes ou adultos, incitando o gosto pela leitura." (FREIRE, 2012, p. 2). Dessa maneira, esse gênero serve como aparato para motivar os alunos a leitura, mas acima de tudo, quando relacionado a sua realidade, o auxilia em seu desenvolvimento social. Tendo em vista que esse gênero "apresenta um relato direcionado a uma lição de conduta." (LIMA; ROSA, 2012, p. 155) mostrou-se um instrumento ideal para trabalhar a "Inclusão Social" em sala de aula.

2. Perspectiva teórica

Como embasamento teórico para a realização do plano de ensino do estágio utilizou-se o conceito de gênero textual de Marcuschi (2010) para quem os gêneros textuais, além de extremamente vinculados de forma histórica ao nosso dia a dia cultural e social, "são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa" (p. 19). Para a metodologia elegeu-se os preceitos da Sequência Didática, na perspectiva interacionista sociodiscursiva (SCHNEUWLY, DOLZ e NOVERRAZ, 2004) que busca, através do trabalho com gêneros, "ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação." (p. 83). Logo, escolheu-se o gênero fábula para trabalhar a temática da inclusão social das pessoas com deficiências enquanto concomitantemente se trabalhava os aspectos estruturais e linguísticos, utilizando-se para isso os textos de Freire (2012), Rosa e Lima (2012), Corte e Menon (2013), autores que discorrem sobre esse gênero.

3. Perspectiva metodológica

Durante o estágio supervisionado curricular, desenvolvemos um trabalho com o gênero Fábula por meio do procedimento da Sequência Didática, que consiste na organização sistemática de atividades a serem realizadas a partir de um gênero textual específico (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

Esse procedimento foi escolhido por "ser um caminho que permite uma interação entre os sujeitos (professor e todos os seus alunos) na aula de LE" (COUTO, 2016, p. 40), além disso essa perspectiva tem a finalidade de superar a visão de língua como estrutura.

Para isso, defendemos a concepção de língua como atividade sociointerativa situada, conforme afirma Marcuschi (2008, p. 60), essa concepção "contempla a língua em seu aspecto

sistêmico, mas observa-a em seu funcionamento social, cognitivo e histórico, predominando a ideia de que o sentido se produz situadamente e que a língua é um fenômeno encorpado e não abstrato e autônomo". Ou seja, a língua não foi trabalhada com enfoque meramente em sua estrutura ou análise de construções irreais sem contexto. Ao contrário, trabalhamos a língua como discurso.

Por isso a escolha de se trabalhar com gêneros, visto que, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), a cada vez que nos comunicamos buscamos nos adaptar ao contexto da situação, assim sendo, em cada contexto se produzem determinados tipos de gêneros e alguns deles se fazem mais interessantes ao contexto escolar.

Para isso, escolhemos o gênero fábula, por ser, um gênero que é de fácil compreensão e que pode tornar as aulas de língua estrangeira dinâmicas por possibilitar o contato dos alunos com o mundo imaginário, bem como contribuir para a aprendizagem de vocabulário e para a formação do caráter (CORTE; MENON, 2013).

4. Resultados e discussões

Podemos afirmar que de fato, houve desafios a serem enfrentados com relação a aptidão necessária para determinadas situações dentro do período de estágio. Uma delas, o fato de, devido ao contexto pandêmico daquele período, o estágio foi remodelado para o formato remoto. Logo, tivemos que lidar com ferramentas e situações distintas que, em uma situação de ensino presencial, não lidaríamos, como por exemplo a aptidão para se criar vídeos, gravar aulas, aprender a utilizar distintas ferramentas, isto é, habilidades requeridas ao professor de educação básica que foram deixadas de lado em sua formação inicial e continuada e que ficaram evidentes na pandemia.

Além disso, outro desafio ainda maior, foi a aptidão para adaptar atividades para os alunos com deficiência (ainda que verificada e acompanhada por uma professora específica deles), alunos que não conhecíamos, não acompanhávamos e alunos com necessidades que não tínhamos como suprir, pois não se tem preparo para isso durante o curso de graduação. Por outro lado, outras disciplinas cursadas ao longo do curso de Letras auxiliaram no estágio, em medida que necessitamos da língua estrangeira (apreendida por meio das aulas de Espanhol do curso) e de um embasamento teórico para o método que utilizaríamos em sala (desenvolvido através das aulas de Ensino de Língua Estrangeira, Linguística Aplicada e o próprio Estágio Supervisionado). Nesse sentido, a parte teórica do curso contribuiu muito para o estágio.

5. Considerações finais

Com tudo isso, podemos afirmar que esse período de estágio contribuiu em nossa formação para que tivéssemos uma experiência inicial da realidade escolar e da relação professor-aluno assim como das demais relações envolvidas no contexto educacional. Nos levou a refletir acerca de todo o processo que é o ato de dar aula e da responsabilidade de ser professor, assim como os desafios e dificuldades que se enfrenta nessa profissão e ainda mais, em contexto pandêmico.

Referências

DOLZ, Joaquim; NOVERRZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY e Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros Orais e escritos na escola. São Paulo: Mercado da Letra, 2004, p. 81-108.

COUTO, Ligia Paula. Aspectos Culturais como Conteúdo nas salas de L.E. In: __. Didática da Língua Espanhola no Ensino Médio. SP: Cortez, 2016. p. 54-63.

CORTE, Anelise Copetti Dalia; MENON, Gislainne Elizetti Dias. A importância das fábulas no processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa. Cadernos PDE, v. 1, 2013.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas da. O uso das fábulas no Ensino Fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS – Revista de Iniciação Científica do Unilasalle. Canoas – RS, v. 1, n. 1, 2012, 153-169.

FREIRE, Brennda Vallério do Rosário. O gênero discursivo fábula: um estudo na perspectiva Bakhtiniana. Travessias Interativas, edição IV, 2º semestre, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. p. 19 – 38, 2010.

OS LETRAMENTOS DIGITAIS NA VIDA DE JOVENS-ADULTOS

DIGITAL LITERACY IN THE LIVES OF YOUNG ADULTS

Rafael José Cardoso Sanguino

rafaelsanguino2019@gmail.com

Alan Ricardo Costa

alan.dan.ricardo@gmail.com

1. Introdução

Haja vista a importância dos letramentos digitais na atualidade e a forma como eles estão associados à vida cotidiana dos jovens-adultos de diversas formas, realizamos a presente pesquisa, partindo do pressuposto que “letramento digital” é um termo usado na educação que se refere à habilidade de utilizar as tecnologias para encontrar, avaliar, criar e comunicar informações que exigem competências cognitivas e técnicas. Nesse viés, é importante indagar: os jovens-adultos estão seguros no mundo digital? Quais práticas de letramento digitais eles efetivam em suas relações cotidianas? Haja vista o letramento digital não se limitar apenas ao uso básico de dispositivos e aplicativos - mas também abarcar a compreensão crítica das informações encontradas na internet, a capacidade de discernir fontes confiáveis das não confiáveis e a habilidade de proteger tanto a privacidade quanto a segurança online - desenvolvemos esta pesquisa considerando o caso de jovens-adultos residentes em Boa Vista, capital de Roraima.

Considerando a problemática exposta, o objetivo da presente pesquisa, de cunho qualitativo, é destacar a importância do letramento digital e sua influência na vida dos jovens-adultos em um mundo cada vez mais digital. O objetivo específico é registrar, por meio de um questionário objetivo e dissertativo, as práticas dos indivíduos e, subjacentes a elas, seus letramentos digitais.

2. Viés teórico

Com o respaldo teórico de estudos do campo da Linguística Aplicada, entendemos que o conceito de letramento é referente ao resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita. Letramento remete, portanto, ao estado ou condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo, como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (Soares, 1998).

O crescente interesse pelos estudos do letramento tem transformado tal palavra em uma metáfora, aplicada em diversas áreas do saber, para designar diferentes aspectos que estão envolvidos nas práticas da leitura e da escrita. Ex.: 'letramento digital', 'letramento visual', 'letramento político' e assim por diante (Barton, 1994). Desse modo, a chave para novas visões do letramento, para Barton (1994), estaria em situar a leitura e a escrita em seus contextos sociais. Torna-se fundamental reconhecer, entre outros aspectos, que não há apenas um 'letramento' e sim 'letramentos'.

3. Perspectiva metodológica

A pesquisa científica é realizada por meio de um questionário com perguntas objetivas e dissertativas, onde será direcionado para 5 pessoas que fazem parte do público jovem-adulto, os quais irão expor suas opiniões sobre a presença do letramento digital em suas vidas, visando compreender suas percepções e experiências em relação ao letramento digital e incentivar a conscientização sobre questões de segurança online e a importância do letramento digital voltados para essa faixa etária.

Desse modo, esta pesquisa busca, portanto, reunir informações valiosas que nos ajudarão a compreender melhor como os jovens-adultos percebem e lidam com o letramento digital em suas vidas, bem como identificar quais áreas específicas podem requerer maior atenção e conscientização. Acreditamos que esses resultados serão fundamentais para promover uma abordagem mais informada e responsável no uso da tecnologia digital entre os jovens-adultos.

4. Resultados, dados e análises

Após a entrevista com as 5 pessoas, podemos notar que todos os entrevistados contêm letramento digital por mais que esse letramento seja básico. Ao decorrer das perguntas, analisou-se que 60% dos entrevistados sabem proteger seus dispositivos de um possível hackeamento, porém, os 40% dos entrevistados não têm o conhecimento necessário para sua segurança, mesmo tendo letramento digital.

Dessa forma, essa discrepância indica a importância de fornecer educação e conscientização sobre segurança cibernética, mesmo para aqueles que possuem um nível básico de letramento digital. Afinal, à medida que a sociedade se torna cada vez mais dependente da tecnologia, a proteção de informações pessoais e a prevenção de ameaças cibernéticas se tornam preocupações cruciais para todos.

5. Considerações finais

Portanto, é notório destacar a importância do letramento digital na vida dos jovens adultos em um mundo cada vez mais digitalizado. Desse modo, com base nos resultados da pesquisa, podemos concluir que o letramento digital é uma competência essencial e necessária para a participação ativa na sociedade contemporânea. No entanto, é alarmante que, mesmo entre os entrevistados que possuem algum nível de letramento digital, ainda existem lacunas significativas em termos de segurança cibernética, pois a falta de conhecimento de segurança cibernética entre 40% dos entrevistados ressalta a necessidade urgente de educar e conscientizar os jovens-adultos sobre os perigos da internet e como proteger suas informações pessoais. Isso não apenas os protegerá contra ameaças cibernéticas, mas também os capacitará para navegar de forma crítica e responsável no ambiente digital.

Por fim, é importante reconhecer que o letramento digital não se limita apenas ao aspecto técnico, mas também, inclui a capacidade de discernir fontes confiáveis de informações, questionar o conteúdo online e participar de discussões construtivas, sendo o letramento digital práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais que deve ser cultivada e aprimorada ao longo da vida.

Referências

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Org.) O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- PAIVA, V. L. M. O. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2019. 160p.
- SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. UFMG. 1998.

CARTOGRAFIA DE ESTUDOS SOBRE GAMIFICAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS

CARTOGRAFÍA DE ESTUDIOS SOBRE GAMIFICACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE IDIOMAS

Gabriel Eduardo Gonçalves⁴⁸ (UFSM)

gabo.eduardo88l@gmail.com

Orientadora: Vanessa Ribas Fialho⁴⁹ (UFSM)

vanessafialho@gmail.com

1. Introdução

A gamificação tem emergido como uma abordagem inovadora e promissora no campo da educação, principalmente no ensino de línguas, impulsionada pelos avanços tecnológicos e migração de aulas e estudos para o ambiente digital. Nesta perspectiva, por se tratar de um âmbito ainda em desenvolvimento e que necessita compreensão do cenário, o propósito central deste estudo, com base na realização do Estado da Arte, em uma abordagem qualitativa, é criar um panorama das pesquisas relacionadas à gamificação no ensino de línguas.

A partir disso, busca-se examinar, compreender e analisar o cenário acadêmico, com ênfase nas dissertações e teses produzidas por instituições de ensino superior no Brasil entre 2018 e 2022. Desse modo, o objetivo geral está centrado em elucidar as trajetórias de pesquisa que permeiam este campo. Em se tratando dos objetivos específicos busca-se: (I) sistematizar os estudos identificados em tipologias; (II) indicar as vulnerabilidades e carências intrínsecas e relacionadas ao tema, (III) avaliar as potencialidades da abordagem para o ensino de línguas.

2. Perspectiva teórica

A gamificação adota uma abordagem que envolve uma integração de elementos e mecânicas de jogos em contextos que não são tradicionalmente relacionados a jogos (LEFFA, 2022). Dentro desta seara, cinco diferentes tópicos acabam por ser abordados para o desenvolvimento da prática de gamificação, sendo a (I) narrativa, (II) motivação e engajamento, (III) pensar como em jogos, (IV) mecânicas de jogos e (V) aprendizagem (BUSARELLO, 2016). Nesse contexto, os elementos da gamificação desempenham um papel crucial ao unir diferentes aspectos em benefício do envolvimento no processo de ensino-aprendizagem de um determinado tópico. Portanto, de modo geral, a aglutinação desses elementos coopera para a capacidade de tornar atraente algo, ao passo que apela para a vaidade (LEFFA, 2022), com a utilização de elementos como pontuação, níveis e insígnias, por exemplo.

⁴⁸ Acadêmico do 6º semestre de Letras - Lic - Hab. Português e Literatura Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Participante do projeto "Cartografia do ensino mediado por tecnologias digitais: modalidades, metodologias, estratégias e instrumentos" e integrante do Grupo de Investigações sobre Tecnologias, Ensino, Aprendizagem (GITEA). Pesquisa realizada com apoio de Bolsa PIBIC/CNPq.

⁴⁹ Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Participante do Grupo de Investigações sobre Tecnologias, Ensino, Aprendizagem (GITEA).

3. Perspectiva metodológica

Este trabalho consiste no Estado da Arte, isto é, investigação bibliográfica que envolve a coleta e análise do conhecimento disponível sobre um tema específico (FERREIRA, 2002). O objetivo de pesquisas deste cunho está centrado em fornecer um levantamento para explicar como e sob quais circunstâncias essas produções têm se desenvolvido (KEER; CARVALHO, 2005) e assim conseguir compreender o panorama das produções acadêmicas consideradas.

Nessa perspectiva, buscamos compreender o Estado da Arte de trabalhos acadêmicos, Dissertações e Teses, interligadas à temática de Gamificação aplicada ao Ensino de Línguas, a partir de buscas no Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Dentre os campos de pesquisas, para delimitação da pesquisa, indicou-se a necessidade de presença de correspondência da busca dos termos “gamificação”, “ensino” e “línguas”, no resumo em português. No total, obteve-se 38 estudos para o escopo de reflexão e análise.

4. Resultados e discussões

Em se tratados dos resultados, a revisão dos 38 estudos, a organização se desdobrou, principalmente, em cinco tipologias: (I) Guia de Gamificação para Docentes, (II) Proposta de Gamificação Analógica, (III) Proposta de Gamificação Digital, (IV) Avaliação de Ferramenta Gamificada Preexiste e (V) Reflexão Teórica da Gamificação. Nos resultados parciais delineados, nota-se a predominância de pesquisa do tipo IV. Nas análises parciais, observa-se que essas investigações se concentram em reflexões críticas de aplicativos como Duolingo, Babel e/ou Busuu, os quais têm um enfoque maior no (a) ensino linguístico estrutural, (b) descontextualizado e (c) feedbacks genéricos.

No tocante às lacunas identificadas, menciona-se a escassez de pesquisas que investiguem a aplicação da gamificação no contexto do ensino da língua portuguesa, considerando produção textual, letramento literário e/ou análise linguística, pois o enfoque das atividades/trabalhos está na assimilação e compreensão da língua estrangeira (Inglês e Espanhol).

5. Considerações finais

No geral, as investigações examinadas concentram-se em ponderar sobre aplicativos e ferramentas já disponíveis e demonstra limitadamente a criação autoral, independente do idioma. É possível notar que esse cenário se deve, em parte, à ausência de colaboração com outros especialistas na esfera da tecnologia, o que inviabiliza a elaboração de uma Proposta de Gamificação Autoral.

Adicionalmente, a inexperiência de um programa de treinamento que esclareça as oportunidades de desenvolvimento de jogos também coopera para a manutenção desta dinâmica. Dentre desse contexto, examinamos a gamificação como um método pedagógico contemporâneo pertinente, ao passo que possui habilidade de envolver os alunos nas tarefas propostas. No entanto, é fundamental analisar se os cenários de aplicação estão sendo devidamente considerados e se as abordagens de ensino baseadas na gamificação estão motivando os alunos a pensar sobre o uso da língua em diversas situações reais de comunicação.

Referências

LEFFA, V. J. Gamificação da Aprendizagem. ELA: Epifanias em Linguística Aplicada. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/ydX9WfpoC_s?si=gUU7_RhPPNpe6zLc> Acesso em set. 2023.

BUSARELLO, R. I., 2016. Gamification: princípios e estratégias. São Paulo: Pimenta Cultural.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. Revista Educação & Sociedade, Campinas, n. 79, p. 257-272, set. 2002.

KERR, D. M.; CARVALHO, A. R. A pesquisa sobre órgão no Brasil: estado da arte. Per Musi (UFMG), Belo Horizonte, v. 12, julho/dez, p. 25-37, 2005.

TECNOBIOGRAFÍAS DE VENEZOLANOS: UNA INVESTIGACIÓN INICIAL

TECNOBIOGRAFIAS DE VENEZUELANOS: UM LEVANTAMENTO INICIAL

Yohelis Solorzano⁵⁰ (UFRR)

yohelissolorzano44@gmail.com

Alan Ricardo Costa⁵¹ (PPGL-UFRR)

alan.dan.ricardo@gmail.com

1. Introducción

Este estudio, está ubicado en el campo de la Lingüística Aplicada (LA) y tiene como enfoque las tecnobiografías, esto es, las historias de vida en relación con tecnologías. Con base en estudios recientes (PAIVA y MURTA, 2020; COSTA, ANDRADE y GONZALEZ, 2023) las tecnobiografías son fundamentales, por las posibles contribuciones en los debates sobre la educación y literacia digital en el escenario postpandemia del COVID-19. Con efecto, en las palabras de Paiva y Murta (2020), las tecnobiografías nos ayudan a conocer mejor las tecnologías y las formas de como los individuos comienzan a usarlas y explorarlas, bien como desarrollar sus prácticas lingüísticas, incluyendo alfabetización y literacia digital.

El objetivo general de este trabajo es presentar un análisis de tecnobiografías de venezolanos, considerando la importancia de estudios y reflexiones sobre la situación tecnológica del país. Los objetivos específicos de este trabajo son: (1) entender el impacto de las constantes mudanzas del uso del lenguaje y de las tecnologías en la vida de personas venezolanas; y (2) averiguar padrones y recurrencias en las historias de vida de venezolanos de diferentes generaciones (jóvenes y adultos, por ejemplo) con relación a las tecnologías digitales.

2. La base teórica de la investigación

El marco teórico de esta pesquisa está compuesto por estudios que comprenden que las narrativas son siempre autonarrativas, por partir de un observador incluso, a ejemplo de las investigaciones bajo la luz del Pensamiento Complejo (MORIN, 2015). Em la perspectiva de la Complejidad, las autonarrativas son importantes instrumentos de potencialización enseñanza y de complejificación de uno (COSTA, 2021). Em resumen, las autonarrativas permiten que el educador narre su vida y, así, invierta en el (re) diseño de su experiencia vital y en la (re)invención de quien es, de lo que hace y de cómo interpreta el mundo.

El proceso complejo de narrar de los profesores posibilita la emergencia de innúmeros operadores/marcadores teóricos, en la perspectiva de la Complejidad, tales como: la desestabilización, la complejificación por el ruido, la percepción del individuo sobre su

⁵⁰ Acadêmica do curso de licenciatura em Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

⁵¹ Doutor em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Mestre em Letras pela Universidade Católica de pelotas (UCPel). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR).

autonomía, la percepción de la transformación de quien nosotros somos por el contacto con las tecnologías digitales (que constantemente están siendo actualizadas), etc. En esa perspectiva compleja, estamos considerando la tecnología no como mero recurso, máquina, sino como un concepto más amplio, en sus dimensiones sociales, políticas, lingüísticas y educativas (COSTA, 2021). Por lo tanto, la tecnobiografía puede ser un elemento que potencializa el proceso complejo de (auto)transformación de venezolanos, por proporcionar a ellos mayor (auto)entendimiento de sus vidas cotidianas en relación con las tecnologías y de sus prácticas de literacia digital.

3. Metodología

En lo que concierne a la metodología, este es un trabajo de abordaje cualitativo. La investigación fue desarrollada a partir de la cartografía compleja (COSTA, 2021), esto es, el estudio de autonarrativas en una visión transdisciplinar y compleja. El *corpus* de la investigación es compuesto por autonarrativas producidas por 5 venezolanos (3 mujeres y dos hombres), que viven en el país, específicamente en Caripe, estado Monagas (o sea, no son migrantes). Invitamos otras personas para participar del estudio, pero no todas han aceptado, por desconfianza y miedo. Las edades de los participantes del estudio varían entre 30 y 42 años.

Con base en el estudio de Costa, Andrade y Gonzalez (2023) las autonarrativas fueron producidas por participantes de la investigación en modelos libres: con grabaciones de audios en WhatsApp y/o vídeos, textos escritos, en el formato de entrevistas (con preguntas y respuestas) o de historias no-linear. En todos los casos, fue presentado al participante voluntario del estudio un rutero basado en las sugerencias de preguntas presentadas por Barton y Lee (2013). Los datos fueron recogidos en lengua española, que es la lengua materna de los participantes de la investigación. La coleta de datos sucedió en setiembre de 2023, por medio de llamadas, mensajes en redes sociales, como WhatsApp.

4. Resultados y análisis

Los resultados de la investigación indican que: (1) los primeros contactos con la tecnología digital fueron difíciles; (2) amigos y familiares fueron las personas más referenciadas como aquellas que han ayudado a la hora de aprender a usar las tecnologías digitales; y (3) en general, los participantes del estudio no publican mucho sus fotografías en redes sociales, lo hacen solo para guardar los archivos digitales. En lo que concierne a las redes sociales más visitadas en la internet, los participantes han apuntado el Facebook y el WhatsApp. El aparato más usado es el celular.

Las principales literacias digitales identificadas son referentes a las habilidades para la comunicación e interacción con amigos y familiares, sobre todo los que viven lejos y/o han emigrado para otro país, como Brasil, por ejemplo. Acerca de la Complejidad, fue posible comprobar que las tecnologías cambian y hacen cambiar la vida cotidiana de los participantes, así como funciona un sistema complejo.

5. Consideraciones finales

Con el presente estudio, concluimos que: (1) las personas entrevistadas, habitantes del

municipio Caripe, casi todas manifestaron que no cuentan con una internet estable que les permita tener mejor acceso y comunicación con sus familiares; (2) por medio de las tecnobiografías fue posible conocer el uso tecnológico cotidiano de las personas Cariperas y lo que piensan de estas herramientas tecnológicas, por lo que es preciso resaltar que las tecnologías han sido de gran ayuda, ya que le han permitido comunicarse con familiares que hoy en día han emigrado para diferentes países, debido a la situación económica que se encuentra el país; (3) hay indicativos de literacias digitales subyacentes a las tecnobiografías de los venezolanos que han participado de la investigación.

Referencias

COSTA, Alan Ricardo. Contribuições para uma cartografia complexa da ontoepistemogênese: autonarrativas e formação docente na Educação a Distância. 2021. 189f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2021.

COSTA, Alan Ricardo; ANDRADE, Danielle Pimenta da Silva; GONZALEZ, Alondra Rafaela Roque. Tecnobiografias na formação inicial e continuada de professores de línguas: o caso de Boa Vista, Roraima. No prelo.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Tradução: Eliane Lisboa. 5ª ed., Porto Alegre: Sulina, 2015. 120 p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e; MURTA, Claudia Almeida Rodrigues. Tecnobiografias em três gerações. In: LEFFA, Vilson José; FIALHO, Vanessa Ribas; BEVILÁQUA, André Firpo; COSTA, Alan Ricardo. (Org.) Tecnologias e ensino de línguas: uma década de pesquisa em linguística aplicada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2020, v. 1, p. 180-205.

LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: O ARTESANATO WARAO E A APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS

LANGUAGE, CULTURE AND IDENTITY: WARAO CRAFTS AND LEARNING PORTUGUESE

Mateus Moreth de Santana⁵² (UFRR)

mateusmoreth@gmail.com

Orientação: Cora Elena Gonzalo Zambrano⁵³ (UERR)

coragonzalo@gmail.com

1. Introdução

O povo warao tem vivenciado o fluxo migratório forçado devido às dificuldades econômicas e políticas na Venezuela. Ao deslocarem-se a Boa Vista, esses indígenas sofreram descaso por parte das autoridades locais, demandando a criação de logísticas para que não tivessem que dormir nas ruas (ALMEIDA, 2022).

A Comunidade Indígena Yakera Ine é o lar de, aproximadamente, 330 waraos, entre adultos e crianças. Muitos waraos produzem trabalhos de artesanato para vender e obter renda. A arte de trançar a fibra do buriti, passada de geração em geração, resulta em objetos diversos como cestos e ornamentos, mas também trabalham com miçangas e linha para produzir objetos como brincos e pulseiras (UNFPA, 2023).

Apesar do contato e convivência multilíngue, observa-se que os residentes da comunidade têm dificuldades com a comunicação em Português, pois comunicam-se entre si em warao ou espanhol. Essa barreira linguística dificulta, de diversas maneiras, a vida dos waraos no Brasil, inclusive na venda de seus produtos de artesanato, gerando as seguintes problemáticas: De que maneira a aprendizagem da língua portuguesa pode contribuir com a comercialização do artesanato produzido pelos waraos? Além de uma fonte de renda, como é vista a produção do artesanato para os waraos? A partir dessas perguntas, planejam-se executar cursos de português para os residentes da comunidade, com aulas que valorizem a cultura e identidade dos alunos.

2. Perspectiva teórica

O desejo de indígenas warao em ter acesso à língua portuguesa parece partilhar das vivências dos povos indígenas no Brasil. A respeito dos diversos motivos que abrangem a procura pelo ensino de português dos povos indígenas no Brasil, evidencia-se no texto Referencial Curricular Nacional para Educação Indígena (RCNEI):

As relações socioeconômicas têm revelado aos grupos indígenas a necessidade de aprender a língua majoritária do país. Tornou-se necessário saber essa língua para

⁵² Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Especialista em Línguas e Narrativas em Contexto de Diversidade (UERR). Professor de Língua Inglesa Efetivo na Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEED-RR).

⁵³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFRR) e do curso de Letras (UERR).

compreender as normas do mercado de consumo, as relações de trabalho, as regras de escoamento de produção e as negociações de forma geral, diminuindo, dessa maneira, o desequilíbrio que se verifica, nessas situações, pelo pouco domínio da língua oficial (MEC, 1998. p. 121).

O povo warao na Comunidade Yakera Ine sente a necessidade de poder saber se expressar em determinadas circunstâncias, como ser compreendido e simultaneamente entender o que lhes falam em língua portuguesa. Sendo assim, aprender a língua portuguesa é entendido como indispensável para comunicarem-se com outras pessoas em contextos diversos: comércios, postos de saúde, escola e até mesmo a própria comunidade (MOREIRA *et al.*, 2022).

3. Perspectiva metodológica

A proposta desta pesquisa é oferecer cursos de português com acesso a um vocabulário diferente daquele ao qual os warao estão acostumados, o que demandará deles: “(...) esforços que lhe permitam integrar novos conhecimentos linguístico-culturais, a fim de compreender valores, crenças, usos e costumes, em um constante movimento de convergências e de divergências com sua própria cultura” (Barbosa, 2008/2009, p. 32).

Primeiramente, foi feito contato com uma das lideranças fora da comunidade para que fosse apresentada a ideia da pesquisa. Em momento posterior, foi realizada uma visita para conhecer as dependências da comunidade e conversar com alguns moradores. Considerando perspectivas linguísticas e socioculturais específicas, exploramos referências metodológicas e teóricas da pesquisa-ação, com o intuito de proporcionar, por meio dos conteúdos ensinados, as formas culturalmente relevantes de comunicação, ensino e aprendizagem.

4. Resultados e discussões

Conforme apontam Santos e Zambrano (2019, p. 183), “cada povo tem sua cultura composta de valores, aspectos e atos, pois é através dela que se norteia a maneira como agimos diante do mundo e dos acontecimentos”. Portanto, ao aprender português e conhecer a cultura da língua portuguesa, o aluno deve agregar o novo aprendizado a sua própria língua e cultura, isto é, não abandonar sua identidade, mas refletir sobre ela. Levando em consideração a cultura de produção de artesanato pelos warao, Santos e Zambrano (2019) mostraram o interesse pela aprendizagem da língua portuguesa para fins de comercialização do artesanato.

Os mesmos aspectos foram observados nas duas visitas à comunidade warao para o início desta pesquisa. Os indígenas apresentaram peças de artesanato produzidas por eles que são vendidos para auxiliar na renda das famílias. Assim, foi discutida a possibilidade do uso das redes sociais, WhatsApp e Instagram, como instrumento de divulgação dos produtos de artesanato, já que alguns têm acesso a essas plataformas.

5. Considerações finais

O Brasil ainda é um país preconceituoso com as minorias. A ideia que prevalece é que há uma cultura ideal e que a educação do país deve buscar unificar todos os alunos conforme

os moldes culturais da elite, desvalorizando as línguas indígenas, as variações do português faladas por regiões mais pobres do país ou os migrantes que mantêm suas línguas nativas. Prega-se por muitos, argumentos preconceituosos com os povos indígenas ao dizerem que estão perdendo suas culturas e identidades, por terem acesso à educação, tecnologias ou não falarem a língua originária de sua etnia.

Através dessa pesquisa em andamento, buscamos dar visibilidade ao povo warao residente em Boa Vista, Roraima, ou seja, inseri-los na sociedade mantendo suas identidades culturais, mediante o aprendizado da língua portuguesa para engajarem as vendas de seu artesanato e também gerar outras oportunidades de trabalho, melhorando sua qualidade de vida sem perder suas marcas identitárias.

Referências

ALMEIDA, Fabio. 114 Dias de Resistência da Comunidade Warao Jakera-Ine. 2022. Disponível em: <https://www.redeamazon.org/post/114-dias-de-resist%C3%Aancia-da-comunidade-warao-jakera-ine#:~:text=Surge%20a%20comunidade%20Warao%20Jakera-Ine%20Resistiram%20ao%20processo,meninos%20e%20meninas%20ind%C3%ADgenas%20Warao%20de%20nacionalidade%20brasileira>. Acesso em: 25 out. 2023.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino- aprendizagem de português língua estrangeira. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S.L.], v. 10-11, p. 31, 2 jun. 2009. Universidade de São Paulo, Agencia USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).

UNFPA. Venezuelana busca no artesanato uma forma de gerar renda sem perder tradições. 2023. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/news/venezuelana-busca-no-artesanato-uma-forma-de-gerar-renda-sem-perder-tradicoes>. Acesso em: 25 out. 2023.

SANTOS, Isis Pereira dos; ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo. PERCEPÇÕES SOBRE APRENDIZAGEM E USO DE LÍNGUA PORTUGUESA POR INDÍGENAS VENEZUELANAS DA ETNIA WARAO REFUGIADAS EM PACARAÍMA/RR. *Muiraquitã, Acre*, v. 7, n. 2, p. 180-193, dez. 2019. Semestral.

MOREIRA, Elaine *et al.* Português para Indígenas Warao. Brasília, DF: OIM, 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/resources/portugues-para-indigenas-warao-recomendacoes-para-um-ensino-culturalmente-sensivel>. Acesso em: 27 out. 2023.

TECNOBIOGRAFIAS EM RORAIMA: ESTUDO DE CASO COM JOVENS E ADULTOS

TECNOBIOGRAFÍAS EN RORAIMA: ESTUDIO DE CASO CON JÓVENES Y ADULTOS

Kamylla Victoria Souza Araujo⁵⁴

kamyllaraujo@gmail.com

Orientação: Alan Ricardo Costa

Alan.costa@ufrr.br

1. Introdução

O presente trabalho consiste em um recorte, isto é, uma breve análise realizada a partir de um “projeto guarda-chuva”, uma em andamento comumente intitulada “Tecnobiografias em Roraima”. Objetivo do presente trabalho é analisar como se dão os relacionamentos de algumas pessoas que vivem em Roraima com as tecnologias digitais, considerando suas autonarrativas.

A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada com entrevistas semiestruturadas, a partir das quais os participantes voluntários relataram suas tecnobiografias, que, segundo Barton e Lee (2013, p. 71), são histórias de vida em relação a tecnologias.

2. Perspectiva teórica

Este estudo está teoricamente fundamentado pelo viés transdisciplinar (ou indisciplinar) da Linguística Aplicada, que busca respaldo teórico em outras searas do conhecimento, além da própria LA, para lidar com a complexidade do mundo contemporâneo. Ela transcende barreiras disciplinares e se propõe como uma alternativa epistemológica para compreender as mudanças socioculturais, políticas e históricas que vivenciamos.

Sendo assim, esta pesquisa tem como base a tecnobiografia, um dos temas em expansão atualmente na área de LA. Kennedy (2003) afirma que o termo *tecnobiografia* foi usado pela primeira vez como uma coletânea de histórias de mulheres e suas relações cotidianas com as tecnologias, em estudo intitulado *Cyborg lives? Women's Technobiographies*. Para a autora (KENNEDY, 2003, p. 120), “(...) histórias vividas, ou tecnobiografias, são significantes por causa das diferenças sutis e nuances em cada experiência individual com a tecnologia.”

3. Perspectiva metodológica

O estudo aborda um viés qualitativo. Com base no trabalho de Vera Menezes Paiva (2019), entende-se que a abordagem qualitativa é comum na pesquisa em Linguística Aplicada. O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa narrativa. No que tange a esse método, Paiva (2019, p. 90) afirma: “usamos histórias para entender os fenômenos que queremos investigar e, ao apresentar os nossos relatórios de pesquisa, também contamos histórias sobre o que

⁵⁴ Aluna do 2º período do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

pesquisamos, como pesquisamos e as conclusões a que chegamos”.

As autonarrativas, registradas por meio de gravação em áudio, aconteceram a partir de entrevistas realizadas onde os participantes se encontravam. Foram entrevistadas 5 pessoas com uma faixa etária de 22 e 49 anos. A coleta desses dados se deu por meio de um roteiro de perguntas baseado em Barton e Lee (2013).

4. Resultados e discussões

De maneira resumida, os principais resultados alcançados a partir das autonarrativas dos entrevistados apontam que:

- a) A maioria dos participantes tem o celular como seu primeiro contato com a tecnologia digital, a minoria, o computador;
- b) Tiveram familiares e amigos ou aulas de informática como importantes no seu processo de aprendizagem;
- c) Redes sociais, notícias e sites são as principais coisas visitadas;
- d) Apenas 3 participantes utilizam a tecnologia para estudar como: através de aplicativos, notebook e cursos online comprados;
- e) Só foi presenciado apenas um caso de proibição em ambiente escolar, o restante foi casos de monitoramento familiar;
- f) Participantes se comportando mais como telespectadores nas redes sociais do que se manifestando, apenas 1 demonstrou comportamento diferente;
- g) Instagram e Facebook são as redes sociais mais utilizadas para a realização de uploads de imagens e vídeos;
- h) Para os entrevistados as gerações mais novas apresentam mais vícios e menos autocontrole com as tecnologias;
- i) À medida em que os participantes apresentam sentimentos bons em relação à tecnologia, os sentimentos ruins se tornam presentes;
- j) Tiveram como experiências mais positivas em relação à tecnologia a facilidade de realizar pagamentos online e como negativas a percepção de alienação e vícios por parte das pessoas, além de golpes.

5. Considerações finais

Considera-se, a partir da pesquisa realizada, que as tecnobiografias se mostram favoráveis para a descoberta de como os roraimenses se relacionam com a tecnologia e, através disso, sabe-se que a tecnologia está de certa forma bem presente no cotidiano dessas pessoas. Sendo assim, apesar de os entrevistados demonstrarem usos diferentes com a tecnologia, em geral transparecem indícios de letramento digital. Também é de conhecimento que a maneira como as gerações mais novas descobriram e usam a tecnologia mostra-se diferente em relação às gerações mais velhas.

Referências

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BARTON, D.; LEE, C. Language Online: Investigating Digital Text and Practices. New York: Routledge, 2013.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Org.) O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- KENNEDY, H. Technobiography: researching lives, online and off. Biography, University of Hawai'i Press, v. 26, n. 1, p. 120– 139, 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/23540390>>. Acesso em: 03 out. 2023.
- PAIVA, V. L. M. O. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2019. 160p.

PESQUISAS COM SURDOS NA LINGUÍSTICA APLICADA

RESEACHES WITH DEAF PEOPLE IN APPLIED LINGUISTICS

Antonio Lisboa Santos Silva Júnior⁵⁵ (Cap/UFRR)

antonio_lisboa_jr@hotmail.com

Kléber Aparecido da Silva⁵⁶ (UnB)

kleberunicamp@yahoo.com.br

1. Introdução

A pesquisa que envolve pessoas surdas contribui para que debates sejam realizados acerca desses sujeitos, de sua cultura, história, língua, etc, nos diversos espaços sociais, fazendo com que materiais surjam e sirvam para pesquisas das diversas áreas, assim como também sejam utilizados para a aquisição de benefícios aos surdos, que é o caso de Políticas Linguísticas voltadas aos surdos, ou seja, percebemos que são pesquisas que surgem para solucionar os problemas, assim, ancora-se na Linguística Aplicada para a solução de problemas relacionados a língua e linguagem (Moita Lopes, 1996).

O objetivo deste trabalho é refletir sobre pesquisas que envolvem sujeitos surdos no Brasil, apresentando os diferentes sujeitos surdos que ainda são apagados da sociedade e as dificuldades que esse grupo de pessoas ainda enfrenta em pleno século XXI. Para isso, contamos uma discussão bibliográfica com os autores Skliar (1998; 1999); Felix (2021); Crenshaw (2002); Strobel (2009); e Campos e Bento (2022).

2. Perspectiva teórica

Em muitas discussões sobre o sujeito surdo e sua cultura, muitas das vezes, reproduzimos, nós da comunidade surda e o próprio surdo, uma exclusão que não nos damos conta, pois não existe materiais em ampla divulgação sobre quem são os surdos brasileiros, contudo, há um discurso representado por ouvintes. Segundo Skliar (1998):

Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais (SKLIAR, p.14, 1998).

Essas narrativas sobre a representação de ouvintes sobre os surdos contribuem para a anulação do surdo nos diversos contextos históricos e socialmente onde se constroem. Ainda para Skliar (1998), seria “um equívoco conceber os surdos como um grupo homogêneo,

⁵⁵ Professor de inglês do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima, Mestre em Letras pelo PPGL/UFRR, doutorando em Linguística pelo PPGL/UnB.

⁵⁶ Professor de Língua Inglesa na Universidade de Brasília e orientador no PPGL/UnB. Doutor em Linguística pela UNESP. Atualmente dedicando-se a pesquisas em Linguística Aplicada Crítica.

uniforme, dentro do qual sempre se estabelecem sólidos processos de identificação” (SKLIAR, p. 13, 1998), pois:

[...] Também fazem parte dessa configuração que denominamos “surdos”, os surdos das classes populares, os surdos que não sabem que são surdos, as mulheres surdas, os surdos negros, os surdos meninos de rua, entre outros, e, ainda, os receios, as assimetrias de poder entre surdos, os privilégios, a falta de compromisso com as reivindicações sociais, etc (SKLIAR, p. 13, 1998).

Percebemos esse apagamento do surdo em nossa sociedade quando não sabemos por onde andam os meninos surdos de rua, ou não encontramos o sujeito surdo negro dentro dos materiais didáticos na constituição étnico-racial do nosso país, ou quando não sabemos como fazer uma inscrição de uma discente surda negra, se concorrerá a uma vaga para PCD ou por cota racial. Faltam pesquisas, falta informação tanto para todos os surdos como os membros da comunidade surda.

Existe uma minoria dentro de outra minoria, e com isso, o sofrimento vem em dobro. As autoras Campos e Bento (2022) e Crenshaw (2002) fazem estudos relacionados a interseccionalidade de sujeitos surdos negros e afirmam que, dentro de um grupo de surdos, a mulher negra e surda é a que mais sofre, porque “a mulher negra surda está em encruzilhada sendo atravessada por vias de sexismo, ouvintismo, patriarcado e claro, pelo racismo hiperelaborado” (BRITO *et al.*, 2021, p. 212). As autoras não trazem, mas consecutivamente há falta de assistência também ao surdo indígena, quilombola, LGBTQIAPN+, entre outros.

3. Perspectiva metodológica

Começo a perspectiva metodológica com uma citação de Marconi e Lacatos em que afirmam que “são inúmeros os conceitos sobre pesquisa, uma vez que os estudiosos ainda não chegaram a um consenso” (MARCONI & LACATOS, p. 15, 2007), entretanto, esta pesquisa ocorre por meio de uma união de materiais que discorrem acerca do sujeito surdo e que geram reflexões sobre como podemos ver o surdo na sociedade. Para dizer que o surdo não é somente surdo, mas carrega diversas identidades, ancora-se na análise desses textos, sendo assim, uma pesquisa básica pura ou fundamental.

Segundo Marconi e Lacatos, esse tipo de pesquisa é a que “procura o progresso científico, a ampliação de conhecimentos teóricos, sem a preocupação de utilizá-los na prática”, e possui como meta “o conhecimento pelo conhecimento” (MARCONI & LACATOS, 2007). Nesse contexto, a ideia deste trabalho é promover a reflexão sobre estudos que tenham como foco o sujeito surdo dentro da Linguística Aplicada, sendo reconhecida como uma área inter e transdisciplinar (FREITAS, 2007).

4. Resultados e discussões

Quando realizamos uma pesquisa com algum sujeito, temos que considerar contextos em que esse sujeito pode estar inserido, percurso histórico, identidades que o circulam, língua(s) que usa e quais o circulam etc. Para isso, a LA, sendo vista como uma área de estudo

que foca no processo e busca por soluções para problemas sociais, pode ser a melhor área para realizar investigações.

Levando em consideração os surdos habitantes do Brasil, há uma escassez em estudos que tragam também a variedade de surdos, tais como o apagamento de discursões sobre o/a surdo/a negro/a na formação étnico-racial em eventos das escolas e nos materiais didáticos, assim como o/a surdo/a indígena; faltas de políticas públicas de acolhimento às mulheres negras surdas que são as mais discriminadas segundo Bento e Campos (2022).

Ademais, embora não tenhamos encontrado nos materiais uma relação do/a surdo/a LGBTQIAPN+, destaca-se a urgência de pesquisas na LA com essa temática, considerando que a travesti negra surda pode carregar ainda mais estereótipos passíveis de discriminação.

5. Considerações finais

Acreditamos que surdos e comunidade surda unida pode promover discussões aquém de eventos e pesquisas isoladas.

Nosso país é carente de destaque das minorias nos materiais didáticos, eventos e movimentos sociais, em especial, a representação do próprio surdo para que outros surdos possam se identificar e se sentir parte da construção da comunidade brasileira.

Concluimos que pesquisas contribuem para que os demasiados espaços sejam abertos, e que todos/as os surdos/as sejam de fatos incluídos, e que, pelo fato da Linguística Aplicada ser um espaço que se interessa no processo e resolução de problemas presentes na sociedade, pode contribuir para que as inquietações sejam reveladas, e que novas pesquisas no espaço de surdos sejam incluídas nos espaços acadêmicos, pois acreditamos que o espaço educacional pode ser o início para uma ampla discussão sobre a temática deste trabalho.

Referências

BRITO, I. A., MEDEIROS, J. R., BENTO, N. A., & RODRIGUES, N. (2021). Que corpo é esse? Literatura negra surda, interseccionalidades e violências. *ODEERE*, 6(01), p. 209-232. [https://doi: 10.22481/odeere.v6i01.8533](https://doi.org/10.22481/odeere.v6i01.8533).

CAMPOS, Sandra R. L. de; BENTO, Nanci Araújo. Nem todo surdo é igual: Discussões interseccionais preliminares na educação de surdos, *Revista D.E.L.T.A*, 2022, <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460X202257202>

CRENSHAW, K. W. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, 43, 1241-1299.

FREITAS, Débora de Brito Albuquerque Pontes. A construção do sujeito nas narrativas orais. In: *CLIO Revista de Pesquisa Histórica*. Recife – PE: Ed. Universitária da UFPE, 2007b.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 6. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998a.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. Tradução de Márcia Lise Lunardi. Revista Educação & Realidade, v. 24, n. 1, p. 15-32, 1999.

TECNOBIOGRAFIAS E QUESTÕES DE GÊNERO: INFLUÊNCIA DAS TECNOLOGIAS NO AMBIENTE DE TRABALHO

TECHNOBIOGRAPHIES AND GENDER ISSUES: INFLUENCE OF TECHNOLOGIES IN THE WORK ENVIRONMENT

André Queiroz do Carmo⁵⁷

andrequeirozdocarmo@gmail.com

Orientação: Alan Ricardo Costa⁵⁸

alan.costa@ufr.br

1. Introdução

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, aborda as tecnobiografias e suas influências no cotidiano das pessoas adultas no ambiente de trabalho. De acordo com a pesquisadora e professora do Departamento de Estudos Sociológicos da *University of Sheffield* (Reino Unido), Helen Kennedy (2003, p.122), o termo ‘Tecnobiografia’, no singular, foi utilizado pela primeira vez em um estudo co-editado por ela em 2001, intitulado “Cyborg Lives? Women’s Technobiographies” (HENWOOD *et. al.*, 2001) para definir a metodologia utilizada para coletar relatos de mulheres sobre suas relações cotidianas com a tecnologia, e o termo ‘tecnobiografias’, no plural, foi adotado para enfatizar as diferentes narrativas provenientes da referida metodologia. Conforme Costa e Fialho (*no prelo*), desde a proposição do conceito de tecnobiografias já estava posta uma discussão referente a gênero e mundo de trabalho, mas essa perspectiva talvez tenha dado espaço para outras questões, como a importância dos letramentos digitais. Nesse sentido, neste trabalho, propõe-se uma retomada das tecnobiografias como instrumento para o registro e a denúncia de questões de gênero.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar uma breve análise das autonarrativas de pessoas entre 30 e 59 anos e suas experiências com tecnologias digitais. Para tanto, foi considerada a definição de narrativa de Barkhuizen, Benson e Chik (2014, p. 7, *apud* MENDES, 2020), ao afirmar que as narrativas “são textos falados ou escritos, são produzidos por pessoas que têm algo a dizer, estão situados no tempo e no espaço, (...), têm propósito e significado dentro do contexto de sua narração”.

2. Base teórica

Vivemos em uma era onde o uso de dispositivos tecnológicos é indispensável para o desenvolvimento dos afazeres do cotidiano, tanto para atividades de lazer e estudos quanto para a produtividade em ambientes corporativos, de pessoas de diferentes gêneros, classes sociais, etnias, culturas etc. Nesse sentido, buscamos embasamento teórico para esta pesquisa em estudos sobre tecnobiografias, com enfoque nas tecnologias digitais.

Considerando que “a tecnobiografia é, resumidamente, uma história de vida em

⁵⁷ Aluno do 2º semestre do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês.

⁵⁸ Doutor em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Professor Adjunto nos cursos de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

relação às tecnologias” (BARTON; LEE, 2015, p. 98), e que a utilização de tecnobiografias atendem o fim de “entender melhor como as identidades são articuladas de forma diferente por meio da linguagem em diferentes áreas da vida relacionadas à tecnologia” (p. 101), é através das narrativas produzidas que torna-se possível analisar e compreender as diferentes perspectivas dos indivíduos em relação aos usos das tecnologias digitais, à luz da Linguística Aplicada e seu caráter transdisciplinar.

3. Perspectiva metodológica

Com relação à metodologia, foi adotada a abordagem qualitativa (PAIVA, 2019). A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma entrevista semiestruturada, com homens e mulheres da faixa etária entre 30 e 59 anos, a partir de um roteiro de perguntas baseado em Barton & Lee (2015).

A partir do roteiro em questão, foi feita a coleta de dados mediante autonarrativa dos participantes, registrada por meio de gravação em áudio da entrevista. A coleta de dados ocorreu no ambiente de trabalho dos participantes voluntários do estudo, durante o mês de setembro e outubro de 2023.

4. Resultados e discussões

Os resultados obtidos a partir do grupo pesquisado revelam, em linhas gerais que os participantes da pesquisa:

- Tiveram o primeiro contato com tecnologia digital por meio de cursos de introdução à informática seguido de experiências profissionais em ambiente de trabalho;
- Em geral buscam conhecimento por conta própria no processo de aprendizagem de uso das tecnologias digitais;
- No caso de mulheres, indicam ter aprendido a usar as tecnologias com os filhos; os homens não costumam mencionar os filhos nesse quesito.
- Utilizam com mais frequência plataformas de streaming de vídeo para estudar (YouTube), seguido de conteúdo de leitura digital (apostilas em PDF, plataformas de leitura online);
- Apenas uma mulher vivenciou situação de proibição de uso de tecnologia, e foi no ambiente de trabalho;
- Utilizam o whatsapp prioritariamente para comunicação com familiares e com pouca frequência para trabalhar;
- Consideram que as atividades desenvolvidas no ambiente de trabalho são facilitadas pelo uso das tecnologias digitais (computador, internet, sistemas de informática com automação das rotinas de trabalho);
- Utilizam e-mail e sistemas institucionais de informática como principais ferramentas de comunicação oficial no trabalho;

5. Considerações finais

A partir da breve análise das tecnobiografias, conclui-se preliminarmente que os participantes da pesquisa possuem histórico positivo com a utilização de tecnologias digitais em suas rotinas diárias. Com relação ao ambiente de trabalho, a maioria dos participantes atribuem às rotinas de trabalho como as primeiras experiências de uso dos recursos tecnológicos digitais. Por fim, confirma-se o estudo de Costa e Fialho (*no prelo*): as tecnobiografias não apenas registram indícios de letramentos digitais (com destaque para aprendizagem e aperfeiçoamento profissional), mas também questões de gênero.

Referências

- BARKHUIZEN, G.; BENSON, P.; CHIK, A. Narrative inquiry in language teaching and learning research. New York: Routledge, 2014.
- BARTON, D.; LEE, C. Linguagem Online: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- COSTA, A. R.; FIALHO, V. R. Tecnobiografia como ferramenta de denúncia: questões de gênero à luz da Linguística Aplicada. *No prelo*.
- HENWOOD, F.; KENNEDY, H.; MILLER, N. (edit.) Cyborg Lives? Women's Technobiographies. York (UK): Raw Nerve Books, 2001. 180p.
- KENNEDY, H. Technobiography: researching lives, online and off. *Biography*, University of Hawai'i Press, v. 26, n. 1, p. 120–139, 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/23540390>>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- MENDES, M. T. Narrativas de evolução: uma análise da tecnobiografia de uma professora de inglês. *Texto Livre*, Belo Horizonte - MG, v. 14, n. 1, p. e26711, 2020. DOI: 10.35699/1983-3652.2021.26711. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/26711>>. Acesso em: 08 out. 2023.
- PAIVA, V. L. M. O. Manual de pesquisa em estudos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2019. 160p.

O ENSINO DE INGLÊS PARA ESTUDANTES REFUGIADOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE BOA VISTA

TEACHING ENGLISH TO REFUGEE STUDENTS AT A STATE PUBLIC SCHOOL IN BOA VISTA

Karla Danielle Matos Menezes King⁵⁹ (UFRR)

karladaniellematosmenezes@gmail.com

Orientação: Cora Elena Gonzalo Zambrano⁶⁰ (UERR)

cora.gonzalo@uerr.edu.com

1. Introdução

Esta pesquisa está apoiada na Linguística Aplicada (LA) por investigar problemas de linguagem em uso e atuar no meio social. De acordo com Moita Lopes,

Em uma LA que quer falar à vida contemporânea é essencial, não a teorização elegantemente abstrata que ignora a prática, mas uma teorização em que teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação do conhecimento na qual a teorização pode ser muito mais um trabalho de bricolage, tendo em vista a multiplicidade dos contextos sociais e daqueles que os vivem (Moita Lopes, 2006, p. 18).

Como objetivo geral, buscamos investigar como alunos em situação de refúgio e vulnerabilidade interagem em aulas de Língua Inglesa na Escola Estadual em Tempo Integral Professora Maria das Dores Brasil, em Roraima. A escola dispõe de cerca de 300 alunos distribuídos em 12 turmas de Ensino Médio regular, Novo ensino Médio (NEM) e Educação de Jovens e adultos (EJA). Por localizar-se nas proximidades de abrigos, da rodoviária e em um bairro de grande concentração de migrantes, as salas são compostas por brasileiros e venezuelanos e, algumas, somente por venezuelanos. Dados levantados apontam que cerca de 80% do público da escola é composto por alunos venezuelanos. Grande parte destes estudantes está em fase de interiorização, o que caracteriza a instituição como "escola de passagem".

A partir desta perspectiva, surgiu a inquietação: Como integrar eficazmente alunos venezuelanos refugiados nas aulas de Língua Inglesa, e garantir que os conteúdos ensinados sejam adequados, considerando as especificidades desses estudantes? Como objetivos específicos, esta pesquisa visa verificar o desempenho dos alunos refugiados em relação à interação em sala de aulas de Língua Inglesa, analisando sua participação verbal, expressão oral e interação com os colegas e professor; observar a recepção dos alunos refugiados no que tange à aplicação das atividades propostas, verificando seu engajamento, compreensão e envolvimento nas tarefas.

⁵⁹ Professora da rede de ensino básico do Estado de Roraima e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima.

⁶⁰ Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima e do curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima.

Por meio dessas discussões e reflexões, pretende-se fortalecer o ensino de Língua Inglesa como uma ferramenta essencial para a inclusão e a autonomia dos refugiados e migrantes, permitindo-lhes participar plenamente da sociedade de acolhimento. Assim, o estudo visa a contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva, igualitária e culturalmente sensível, onde a aprendizagem de línguas se torne uma via de acesso aos direitos e oportunidades para todos.

2. Perspectiva teórica

Conforme aponta Leffa (2016, p. 42), “nenhuma abordagem contém toda a verdade” e o professor não deve se limitar a apenas uma, mas guiar suas aulas pelo que emerge como necessário para seu contexto. Seguindo o pós-método, a utilização do ensino baseado em tarefas e o uso dos letramentos e multiletramentos traz resultados satisfatórios para o ensino de línguas. Nesse viés, é importante a diversidade de gêneros e mídias, a multiplicidade de linguagens que façam sentido no mundo real dos estudantes. Considerando o contexto plurilíngue da instituição escolar pesquisada, a translinguagem também pode ser usada como uma abordagem metodológica nas aulas de língua inglesa, indo além de permitir o uso das diversas línguas que circulam em sala, mas planejando atividades que potencializem o uso livre e criativo das línguas/linguagens, isto é, por meio da pedagogia translíngue (Garcia e Sylvan, 2011).

3. Perspectiva metodológica

A pesquisa tem abordagem qualitativa, sendo classificada como pesquisa-ação (Tripp, 2005) por buscar transformações nas próprias práticas da professora pesquisadora. Partindo desse pressuposto, a coleta de dados baseou-se, primeiramente, na observação direta nas aulas de Língua Inglesa, concentrando na interação dos alunos refugiados.

Em um primeiro momento, o estudo apresenta uma pesquisa bibliográfica, que se divide em 3 etapas, a revisão da literatura sobre o ensino de Língua Inglesa para estudantes refugiados, a compreensão do contexto educacional em Boa Vista - RR, e a explanação de abordagens metodológicas específicas. Em um segundo momento, iniciamos as observações a fim de verificar como o aluno migrante interage em sala. Por fim, em um terceiro momento, será elaborada uma sequência didática com conteúdos adaptados à serem trabalhados bimestralmente. No decorrer da pesquisa, será de grande relevância identificar possíveis desafios e barreiras enfrentados pelos alunos refugiados na interação em aulas de Língua Inglesa, como dificuldades linguísticas, culturais e/ou emocionais, bem como buscar estratégias para superar esses obstáculos.

4. Resultados e discussões

De acordo com as observações, foi constatado que o aluno migrante interage menos quando não sabe a Língua Portuguesa (LP). Durante o ato comunicativo, ele utiliza primeiramente o espanhol; quando a professora não entende espanhol, o aluno que sabe algum vocabulário em português, faz uso da translinguagem. Diante de tentativas infelizes, alguns estudantes pedem ajuda a outros colegas com maior proficiência em português. Além disso, percebemos que alunos recém-chegados que não compreendem a língua portuguesa

isolam-se, desmotivados, e sua interação com professor e outros colegas que estão há mais tempo no Brasil acaba sendo nula.

Concernente aos materiais didáticos e recursos específicos direcionados ao ensino de migrantes, estes são limitados e podem gerar uma carga adicional sobre o professor para criar ou adaptar materiais sem ter treinamento para tal. Durante as aulas, a professora utilizou-se das abordagens direta e comunicativa. No entanto, ambas as tentativas sem êxito: ao utilizar a abordagem comunicativa, os alunos migrantes que não compreendiam a LP, não eram contemplados e, na abordagem direta, também foram enfrentados entraves que dificultaram o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a professora tem dificuldade em dar continuidade aos conteúdos devido à rotatividade dos alunos, tendo em vista o processo de interiorização. Ainda assim, incerta dos conteúdos que possam dar um suporte àquele aluno em situação de refúgio, a docente faz uma seleção de materiais didáticos diversificados que são aplicados por meio de vídeos, jogos e outros recursos online, ou seja, usando as multimodalidades.

De acordo com Zambrano (2021, p. 113), "Promover [...] *acolhimento entre línguas* [...] é uma ação que pode incentivar a valorização dos direitos linguísticos dos migrantes e, em certa medida, dar visibilidade à língua minorizada". Assim, diante deste cenário multilíngue e desafiador, é necessário acolher não apenas em língua portuguesa, mas incentivar o acolhimento por meio das outras línguas que fazem parte dos repertórios linguísticos dos alunos, portanto, as atividades devem ser planejadas para uma pedagogia translíngue.

5. Considerações finais

Até o presente momento, a pesquisa aponta que a aprendizagem de inglês é anulada, muitas vezes em consequência da falta de experiência do professor que não teve formação específica para lidar com um contexto linguístico tão complexo. Além disso, as barreiras psicossociais decorrentes da própria situação do aluno, enquanto refugiado, podem também afetar a capacidade de concentração e a sua autoestima. A professora já testou as abordagens comunicativa e direta em sala de aula, e os resultados não foram satisfatórios. Dessa forma, serão testadas novas abordagens metodológicas: multiletramentos e translíngue.

Esta pesquisa ainda está em andamento e acreditamos que pode ter um impacto significativo na promoção da igualdade e na melhoria das práticas educacionais para alunos refugiados em Roraima.

Referências

- GARCÍA, O.; SYLVAN, C. E. Pedagogies and Practices in Multilingual Classrooms: Singularities in Pluralities. *The Modern Language Journal*, v. 95, 2011.
- LEFFA, V. J. *Língua Estrangeira. Ensino e aprendizagem*. Pelotas, EDUCAT, 2016, 324p.
- MOITA LOPES, L. P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.
- ZAMBRANO, C. E. G. *Acolher entre línguas: representações linguísticas em políticas de acolhimento para migrantes venezuelanos em Roraima*. 2021. 226 f. Tese de doutorado

(Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2021.

II JORNADA DE LINGUÍSTICA APLICADA EM RORAIMA (JOLARR)

CADERNO DE RESUMOS
2023

